

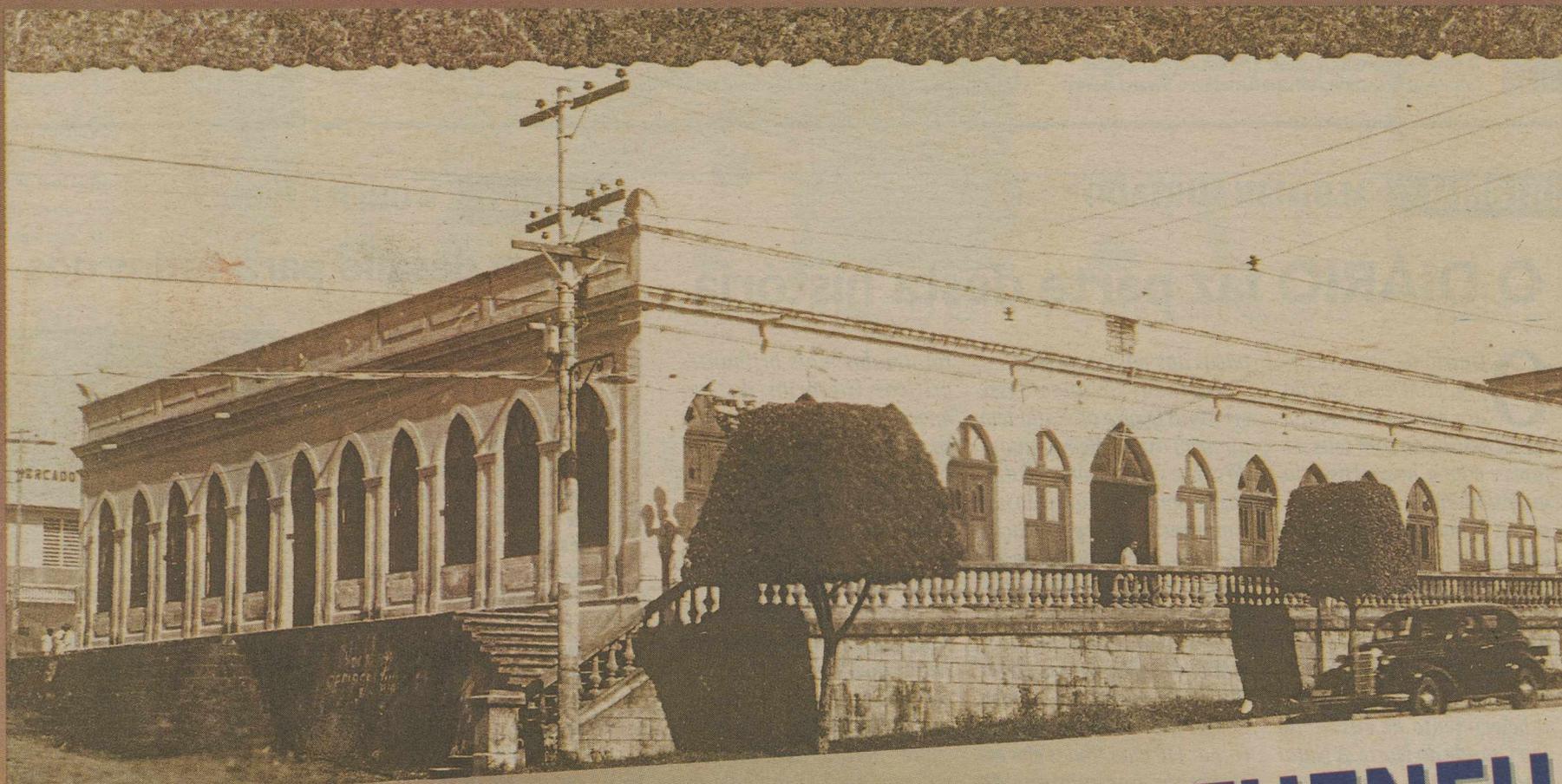
**DIÁRIO
DE NATAL**



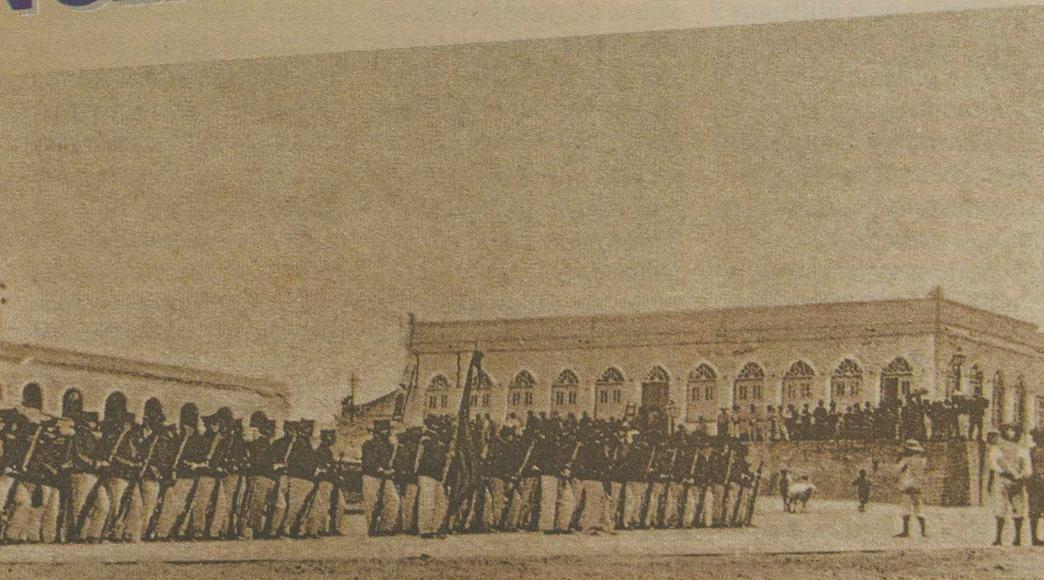
EDUCAÇÃO



NATAL, QUARTA-FEIRA, 25 DE MAIO DE 2005 - NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE



AS CONFERÊNCIAS DO ATHENEU



A NOTÍCIA ERA A GUERRA, MAS O ATHENEU ROUBOU A CENA



A equipe de produção deste DN Educação especial: Francisco Francerle, Adriana Amorim e Silvana Belkiss

O DN Educação, uma produção da Coordenadoria de Promoções e Projetos Especiais do Diário de Natal, resgata, nesta edição, um momento ímpar da história da educação potiguar, quando um grupo de alunos de nível médio do Atheneu Norte-Riograndense protagonizou uma série de conferências, que chamaram a atenção da opinião pública, caracterizando-se como um dos mais importantes acontecimentos culturais de todos os tempos. Ao tratar de temas tão relevantes no meio acadêmico, justamente em um momento de crise que atravessava a humanidade com a disseminação da II Guerra Mundial, esses estudantes deram um grande exemplo para todas as gerações. Principalmente para os alunos e professores que nesses tempos de internet insistem em usar o famoso "hábito da cola", conhecido como "ctrl c" (copiar) + "ctrl v" (colar). Tudo isso em detrimento da criatividade. Hoje, ao completar 171 anos de idade, o Atheneu tem a oportunidade de não apenas comemorar, mas, sobretudo, de lutar para fazer jus à sua honrosa tradição.

DN EDUCAÇÃO

Diretor Geral:
Albimar Furtado
Diretor de Redação:
Osair Vasconcelos
Promoções e Projetos Especiais
Afonso Laurentino Ramos
Editor do Suplemento:
Francisco Francerle
Reportagens, pesquisa e revisão
Francisco Francerle / Adriana Amorim
Projeto gráfico e diagramação
Silvana Belkiss
Fotografias
Arquivo DN / Jaecy / Adriana Amorim
Contatos
3220 0163 / 3220 0150
francerle@diariodenatal.com.br

EDITORIAL

ALBIMAR FURTADO *

O DIÁRIO faz parte desta história

O Diário de Natal cumpre, com esta edição, um compromisso que havia assumido com seus leitores e com a nossa História, quando lançou o número especial comemorativo aos 170 anos do Atheneu: publicar um novo DN Educação resgatando para as gerações que se seguiram, a semana de conferências realizada por aquele que é o mais tradicional estabelecimento de ensino do Rio Grande do Norte. A Natal daquele 1943, ainda sem universidade ou faculdades, tinha no Atheneu o seu centro produtor e irradiador do saber. Em seu corpo docente estavam os mais brilhantes e talentosos intelectuais e entre o alunado formavam muitos dos nomes que mais tarde deram suas contribuições para o desenvolvimento intelectual, social e político de nosso Estado.

Foi precisamente neste cenário de busca de respostas para as muitas questões que se apresentavam àqueles jovens estudantes, que emergiu o nome de Alvamar Furtado, assumindo a direção do colégio. Foi de sua sensibilidade, aliada à vontade dos alunos, que surgiu a ideia da realização do Ciclo de Conferências que movimentou as noites de Natal e produziu material para generosos es-

paços dos nossos jornais.

Passados 62 anos desse evento, o Diário de Natal tem também o que celebrar quando conta essa História. Muitos dos personagens que estão nas lembranças e na publicação da plaquete produzida ao final do Ciclo, fizeram parte, de forma muito presente, da vida deste jornal. Estão lá os nomes dos professores Edgar Barbosa, Américo de Oliveira Costa, Câmara Cascudo, Alvamar Furtado. Todos eles escreveram nas páginas do Diário de Natal.

Do Ciclo de Conferências participaram quatro estudantes conferencistas, João Wilson Mendes Melo, que tratou do tema "Presença de Alguns Mortos". Hoje, voltando seu olhar para 1943, o professor João Wilson não tem dúvidas: "Deixamos algo impregnado no ambiente da cidade e na memória dos contemporâneos". Muitos dos artigos escritos em sua larga produção foram publicadas no Diário de Natal.

"Lembranças de Zarathustra" foi o tema abordado por Luiz Maranhão Filho, que na década de 50 foi editorialista e redator do Diário de Natal. Deixou em sua trajetória de vida, largas lições de adesão absoluta à luta pela dignidade humana.

Antônio Pinto de Medeiros

foi um dos mais brilhantes críticos literários da sua época. Seu tema foi "Conversa sobre Anatole France". Foi jornalista e primeiro Diretor de O Poti, dirigindo um suplemento literário. Depois, no Rio de Janeiro, escreveu para jornais do Grupo Associado.

Rivaldo Pinheiro, um dos fundadores da Academia de Letras do Atheneu (que antecedeu a Academia Norte-riograndense de Letras) falou sobre "Retrato de uma hora de Transição". O então jovem estudante já tinha em seu currículo a condição de fundador do Diário de Natal, em 1939, ao lado de Aderbal de França, Djalma Maranhão e Waldemar Araújo. Entre sua produção intelectual está o Diário da Guerra, coletânea de artigos que escreveu sobre o conflito mundial no período 1939 a 1945.

Por todos estes motivos, pelo significado do evento, pela influência que expressou, pelos nomes, respeitados pelos trabalhos conseqüentes que deixaram, o Diário de Natal, por seu Projeto Ler, lança este DN Educação especial, com o apoio do Governo do Estado, certo de que, mais uma vez, cumpre o seu papel social, valorizando a educação.

Albimar Furtado

Diretor do DIÁRIO DE NATAL

ARTIGO

WOBER JÚNIOR *

Um desafio para todos nós

Desde muito tempo converso, troco ideias com pessoas bem mais velhas que eu. Como já estou chegando numa idade em que o passado de nossa geração começa a ser lembrado como referência de nossas vidas, ouço tanto de uns como de outros expressões assim: naquele tempo a coisa era diferente. Ou, antigamente era muito melhor.

Isso tem me feito pensar, matutar em que verdade essas afirmações estão baseadas. Para uns apenas na saudade da juventude que não volta mais. Noutros pela lembrança de fatos e lutas que marcaram época e que tiveram sua participação ativa ou como expectador. Já alguns fazem dessas afirmações profissão de fé. Como se o mundo estivesse pior do que antes. O que não concordo em absoluto. O mundo está muito melhor apesar dos conflitos, da miséria, da fome e da guerra.

Talvez pudéssemos propor realizar essa discussão e convocar estudantes, professores, intelectuais, empresários e o povo que desejasse instigar nossos sentimentos e nossa inteligência.

Mas nos novos tempos isso só teria o sentido que teve naquela época, no velho Atheneu, se fosse patrocinado por algum órgão de comunicação de massa, como faz esse Diário de Natal.



Secretário Wober Júnior

O brilho do "Ciclo de Conferências" do Atheneu reside na iniciativa de provocar debates sobre filosofia, literatura e tentar descobrir a alma humana, os enigmas, as dúvidas, os encantamentos e a insegurança que tomam conta de nossas vidas e da nossa existência. Além, é claro, de colocar na pauta da sociedade natalense os problemas da conjuntura global.

Nietzsche é moderníssimo. Assim como Anatole France. A guerra (infelizmente) ainda está na agenda mundial.

A ideia de tornar o mundo mais humano, desafia a todos nós. A lógica da competição sem medidas e a robotização do sentimento negam os valores da vida. E os professores e alunos do Atheneu sabiam disso. A eles, o nosso agradecimento.

* Secretário de Estado da Educação

AGRADECIMENTOS

À Professora Eva Arruda Câmara, pelo rico e inédito material de pesquisa
Ao professor João Wilson Mendes Melo
Ao advogado Eider Furtado
Ao fotógrafo Jaecy Emerenciano

Um verdadeiro batalhão de intelectuais fundou a Academia de Letras do Atheneu, precursora da Academia de Letras do RN. Seu primeiro presidente foi o aluno conferencista, Rivaldo Pinheiro



INTELLECTUALIDADE APESAR DE O MUNDO ESTAR EM GUERRA, O ATHENEU VIVEU DIAS DE LITERATURA

A Cultura venceu a Guerra

Corria o ano de 1943. O mundo vivia o terror da 2ª Grande Guerra. A pacata e nostálgica cidade de Natal estava prestes a ser transformada num trampolim para o embarque e desembarque de aviões e soldados americanos para a Europa. Em janeiro de 1943, o então presidente norte-americano, Franklin Delano Roosevelt, participou com o presidente brasileiro, Getúlio Vargas, da Conferência de Natal que oficializou a entrada do Brasil no conflito.

Mas, enquanto as autoridades da cidade de Natal viviam essa expectativa, as salas e corredores do antigo Atheneu Norte-Riograndense, situado na avenida Junqueira Aires, foram palco de um dos maiores acontecimentos que a cidade já viu, quando seus alunos e professores deram uma verdadeira demonstração de saber acadêmico, que até hoje serve de exemplo para as novas gerações. Por iniciativa de um diretor jovem, o professor, advogado e intelectual Alvar Furtado de Mendonça, o Atheneu realizou um Ciclo de Conferências que causou repercussão na imprensa local durante três meses e no comportamento da sociedade, principalmente no meio religioso.

O velho Atheneu reuniu a sociedade de Natal, ávida por acontecimentos culturais, tornando as noites dos dias 10, 17 e 24 de julho e 5 de agosto simplesmente inesquecíveis.

O espaço ficava lotado por auto-

ridades e pessoas das mais ilustres do nosso meio jurídico, social, científico e intelectual, além de figuras de relevo no magistério e no jornalismo. Foram conferencistas os alunos Rivaldo Pinheiro Borges, que falou sobre "Retrato de uma hora de transição", Antônio Pinto de Medeiros - "Conversa sobre Anatole France", João Wilson Mendes Melo - "Presença de alguns Mortos" e Luís Ignácio Maranhão Filho - "Lembranças de Zaratustra".

Os alunos foram escolhidos devido o desempenho em sala de aula e na vida intelectual. Eles foram saudados, respectivamente, pelos professores Alvar Furtado de Mendonça, Américo de Oliveira Costa, Esmeraldo Homem de Siqueira e Edgar Ferreira Barbosa. Já as palestras versaram sobre temas diversos que eram assuntos da época no meio acadêmico.

O professor Severino Bezerra foi

INICIOU-SE, ONTEM, BRILHANTEMENTE, o Curso de Conferências do Colégio Estadual

A CONFERÊNCIA DO SR. RIVALDO PINHEIRO — FALARAM AINDA OS DRS. ALVAMAR FURTADO E ESMERALDO SIQUEIRA

Conforme fora amplamente anunciado, teve início, ontem, o Curso de Conferências do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, que se realiza por iniciativa da diretoria daquele estabelecimento de ensino.

A reunião contou com a presença de elevado número de pessoas, que enchem liberalmente um dos salões do velho educandário, notando-se a presença das mais destacadas figuras do nosso meio intelectual, professores e alunos.

Especialmente convidado, presidiu a sessão o professor Severino Bezerra, diretor geral do Departamento de Educação, tendo falado inicialmente o dr. Alvar Furtado, diretor do antigo "Atheneu Norte-Riograndense", que anunciou uma brilhante oração

que publicamos noutro local desta folha.

Em seguida foi concedida a palavra ao sr. Rivaldo Pinheiro que leu a sua conferência: "Retrato de uma hora de transição".

Possuindo uma inteligência aguçada e penetrante e dotado da necessária solidez cultural, não foi difícil aquele nosso confrade abordar os aspectos socio-morais da época em que vivemos, estudando a posição da juventude no mundo de hoje e no futuro próximo.

A conferência do sr. Rivaldo Pinheiro, que chamou a atenção de todos os presentes, que merecidamente receberam com prolongada salva de palmas as suas últimas palavras.

Após se fazer ouvir o conferencista do dia, o professor Se-

verino Bezerra concedeu a palavra ao dr. Esmeraldo Siqueira, lente de francês do Colégio Estadual, que pronunciou uma oração em torno do assunto que foi o objeto da palestra do sr. Rivaldo Pinheiro, despertando o entusiasmo de toda a assistência. Finalizando o seu discurso o dr. Esmeraldo Siqueira pediu uma salva de palmas para o velho Atheneu, no que foi seguido vibrante e pelos presentes.

Iniciou-se, assim, auspiciosamente o Curso de Conferências do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte. As novas reuniões serão realizadas aos sábados do corrente mês, estando encarregados das demais palestras os srs. Antônio Pinto de Medeiros, João Wilson Mendes Melo e Luiz Maranhão Filho.

quem abriu as palestras. Ele era o diretor do Departamento de Educação, que corresponde hoje à Secretaria Estadual de Educação.

O evento despertou o interesse da imprensa e de toda sociedade que ficava extasiada com a relevância dos temas e a desenvoltura dos alunos conferencistas.

Por ocasião da instalação do Curso de Conferências, o diretor Alvar Furtado fez um discurso emocionado, enfatizando a Segunda Guerra

Mundial que estava em curso e como os alunos iriam conseguir paralisar a cidade em torno desse evento. "Hoje, que estou na direção deste velho e querido educandário, assisto neste Estado ao perigo de uma inversão social e econômica, proveniente de uma situação criada pela guerra entre nós, quando os intelectuais

estão ameaçados em seu prestígio pelo domínio imperioso e avassalante dos "noveau-richtes", sintome no dever de proporcionar aos estudantes deste colégio uma educação diferente da que tivemos anteriormente. Levando-os ao estudo das produções literárias e à curiosidade pelas manifestações da inteligência".

Ao transcorrer 62 anos desse acontecimento, apenas um dos conferencistas está vivo - João Wilson Mendes Melo. Os demais

já morreram, bem como os professores que os apresentaram. "Todos eram grandes culturas humanísticas e autores de trabalhos e livros que não podem ser esquecidos, pelos conteúdos que mostram talento e sensibilidade", disse Mendes Melo.

HISTÓRIA

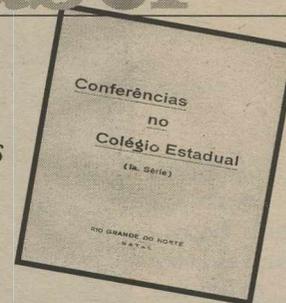
Fundado em 03 de fevereiro de 1834, o Atheneu completou, este ano, 171 anos de história. É a primeira instituição de ensino do Brasil, sendo a segunda o Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, fundado em 1837. Inicialmente, o colégio funcionou no Quartel Militar da avenida Rio Branco; depois, em março de 1859, instalou-se na rua Junqueira Ayres, onde funcionou até 1954, quando ocorreu a transferência para o prédio definitivo na rua Campos Sales, no bairro de Petrópolis.

Ainda no prédio antigo, em 1943, o Atheneu chegou a mudar o nome para Colégio Estadual, permanecendo assim até meados do governo de Dinarte Mariz, quando retornou seu nome original.

DESTAQUE OS ALUNOS MILITAVAM NA IMPRENSA E ERAM RECONHECIDOS COMO INTELLECTUAIS

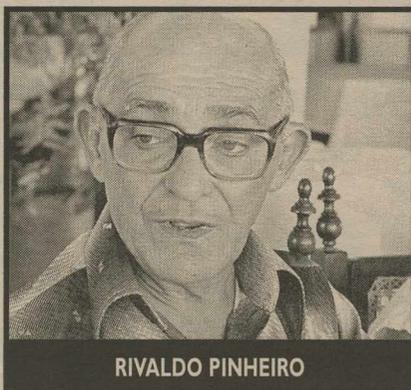
C onferencistas de notório saber

Incentivar nos estudantes o culto pelo estudo e pelo desenvolvimento intelectual foi o principal objetivo do Ciclo de "Conferências", realizado no Atheneu, em 1943. A direção da escola afastava qualquer intuito de indicar ou limitar os temas daquelas palestras, pois eram os alunos conferencistas já bastante conhecidos, exercendo importantes funções na sociedade, na imprensa local e com atuação destacada no movimento intelectual do Estado. Vamos conhecer, agora, um pouco de cada um dos conferencistas e suas respectivas temáticas:



“RETRATO DE UMA HORA DE TRANSIÇÃO”

Escritor e jornalista, Rivaldo Pinheiro, durante a II Guerra Mundial, escrevia sobre o assunto, fazendo nascer o Diário da Guerra, uma coletânea dos seus melhores trabalhos, publicados no Jornal A República. Nascido em 18 de setembro de 1916, desde cedo precisou trabalhar para custear os próprios estudos. Foi empregado de uma padaria e contínuo, mas teve que parar os estudos para poder continuar a trabalhar, concluindo apenas o primário. Aos 17 anos, voltou a estudar, agora no Atheneu, onde prestou exame de admissão, vindo em seguida a se interessar por literatura.



RIVALDO PINHEIRO

Foi um dos fundadores da Academia de Letras do Atheneu, que antecedeu à Academia Norte-rio-grandense de Letras (ANL), tendo sido posteriormente seu presidente. Em 1935,

começou a trabalhar na República como revisor, chegando a ser um dos fundadores do "O Diário", hoje Diário de Natal, em 18 de setembro de 1939. O jornal, que era impresso na República, tinha como sócios Waldemar Araújo, Aderbal França e Djalma Maranhão. Foi professor do colégio Atheneu, Sete de Setembro e Escola Industrial (EIN), concluiu o curso de Direito em 1949, em Maceió e aposentou-se pela ETRFN, em 1978, como procurador. Participou da criação da Tribuna do Norte. Defendendo a tese de que sem socialismo não há democracia, ele foi fundador da Esquerda Democrática (ED), que depois se transformou em Partido Socialista (PSB) em 1949. Atuou também no cooperativismo, sendo fundador da OCERN - Organização das Cooperativas do RN.

trial (EIN), concluiu o curso de Direito em 1949, em Maceió e aposentou-se pela ETRFN, em 1978, como procurador. Participou da criação da Tribuna do Norte. Defendendo a tese de que sem socialismo não há democracia, ele foi fundador da Esquerda Democrática (ED), que depois se transformou em Partido Socialista (PSB) em 1949. Atuou também no cooperativismo, sendo fundador da OCERN - Organização das Cooperativas do RN.

“CONVERSA SOBRE ANATOLE FRANCE”

Nasceu em Manaus (AM), em 09 de setembro de 1919. Foi seminarista, bacharel em Direito pela faculdade de Recife e professor de Latim, Português e Literatura em escolas de Mossoró e Natal. Ficou conhecido como um dos maiores críticos literários de sua época, pois tinha conhecimento profundo das literaturas francesa, portuguesa e espanhola. Foi redator de O Poti, onde colaborou e coordenou o Suplemento Literário. Dirigiu a Imprensa Oficial, no governo Sylvio Pedrosa, sendo responsável pela publicação de inúmeros autores como Othoniel Menezes e Cã-



ANTÔNIO PINTO DE MEDEIROS

mara Cascudo. Na década de 1950, Antônio Pinto se transferiu para o Rio de Janeiro, onde trabalhou nos Diários Associados por vários anos. Era conhecido como apaixonado e inquieto, fixando a todo instante a marca de uma personalidade própria. Sua inteligência se mantém perpétua, indagação e curiosidade diante dos fenômenos e das fórmulas. Ágil e lúcido, chegou a falecer muito moço, antes mesmo de completar 50 anos, em fevereiro de 1970, no Rio de Janeiro.

de própria. Sua inteligência se mantém perpétua, indagação e curiosidade diante dos fenômenos e das fórmulas. Ágil e lúcido, chegou a falecer muito moço, antes mesmo de completar 50 anos, em fevereiro de 1970, no Rio de Janeiro.

“PRESENÇA DE ALGUNS MORTOS”

Professor aposentado de Filosofia da UFRN e membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, João Wilson Mendes Melo é o único dos quatro conferencistas do Atheneu que está vivo. Tem sua inteligência e cultura reconhecidas e imortalizadas pela Academia Norte-rio-grandense de Letras.



JOÃO WILSON MENDES MELO

Aos 82 anos, João Wilson demonstra saudade dos três amigos que se foram. "Os amigos estão saindo antes da festa... mas deixaram algo impregnado no ambiente da cidade e na memória dos contemporâneos. Há por vezes uma sensação de vazio, amenizada porque tantos outros companheiros ainda estão presentes. Mas, aqueles de uma parceria de mútuo entendimento se

foram e não voltarão. Quatro mestres, três colegas estudantes, no ardor das idéias que adotávamos, guiados por nossas consciências livres e respeitadas reciprocamente. Todos se foram, mas um permanece", disse Mendes Melo.

A sua palestra "Presença de alguns mortos despertou grande interesse da população porque falou, com muita eloquência, sobre as figuras eternas e a obra de Dante, Cervantes e Antero de Quental. Na sua vida estudantil, ao lado de Luiz Maranhão, chegou a representar os estudantes potiguarenses em um congresso nacional realizado em Fortaleza.

“LEMBRANÇAS DE ZARATUSTRA”

O talento de Luiz Maranhão foi notório ao falar sobre a obra suprema de Nietzsche. A sua conferência foi de expressão poética e de uma interpretação muito segura. Foi nomeado aos 20 anos professor de Geografia do Atheneu, ensinando depois na antiga Faculdade de Filosofia do RN. Luiz Maranhão nasceu no bairro do Tirol, em Natal, em 25 de janeiro de 1921, e era irmão do ex-prefeito de Natal Djalma Maranhão. Após se formar pela Faculdade de Direito do Recife, onde atuou como repórter do Jornal "Folha do Povo", órgão do PCB, voltou a Natal e trabalhou no Jornal de João Café Filho, Jornal de Natal e na Folha da Tarde, de propriedade do seu irmão Djalma Maranhão. Na década de 50, foi editoralista e redator do Diário de Natal.



LUIZ IGNÁCIO MARANHÃO FILHO

Luiz Maranhão foi eleito deputado estadual pela legenda do PTN, em 1958. Esquerdista e membro militante do partidão, ele foi preso após o golpe militar de abril de 1964. Liberado do presidio de Fernando de Noronha, Luiz Maranhão foi levado para Recife, voltando depois para Natal. No período de outubro de 1964 a janeiro de 1974, viveu na clandestinidade, às escondidas, no eixo Rio-São Paulo. Era responsável pelo dinheiro do Partidão. Após uma grande ofensiva para dizimar o PCB, a chamada Operação Radar, ele chegou à Casa de Itapevi, em São Paulo, em 1974, onde eram torturados os presos políticos. Ao ser capturado, foi morto com uma injeção de matar cavalo e depois foi jogado em um rio.

No período de outubro de 1964 a janeiro de 1974, viveu na clandestinidade, às escondidas, no eixo Rio-São Paulo. Era responsável pelo dinheiro do Partidão. Após uma grande ofensiva para dizimar o PCB, a chamada Operação Radar, ele chegou à Casa de Itapevi, em São Paulo, em 1974, onde eram torturados os presos políticos. Ao ser capturado, foi morto com uma injeção de matar cavalo e depois foi jogado em um rio.

ENTREVISTA

JOÃO WILSON MENDES MELO

“Sinto saudades dos meus amigos”

Francisco Francerle
Editor do Suplemento

O ESCRITOR É O ÚNICO DOS QUATRO CONFERENCISTAS QUE ESTÁ VIVO E EM PLENA ATIVIDADE NA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS

João Wilson Mendes Melo é escritor, advogado, professor aposentado e membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras. Apesar dos 84 anos, ainda continua escrevendo assiduamente seus artigos para imprensa local. Só não se adaptou bem com a ferramenta chamada computador. "Bem que tentei, mas não consegui. Prefiro o "tec tec" ou "xxxxx" da máquina de escrever 'Holywood', 'Royal' ou da 'Olivette', do que o 'delete' ou 'backspace' dos modernos computadores". Nesta entrevista, ele fala sobre o Ciclo de Conferências que, durante vários dias, influenciou a vida dos natalenses e marcou a intelectualidade da cidade do Natal.

As temáticas tratadas pelos conferencistas eram assuntos da época?

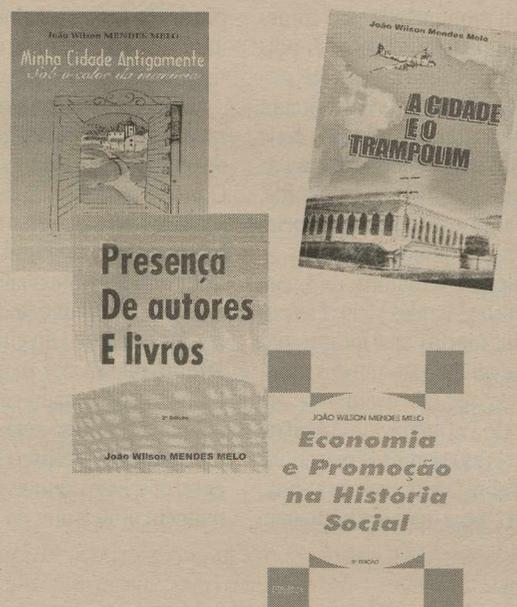
Sim, eram, principalmente, porque nós líamos muito. Agora, os temas foram dos próprios alunos conferencistas. Era mais fácil adquirir livro em francês do que em português, além de que havia estímulo para comprar livros. Os portugueses eram muitos lidos e serviam de base para a literatura portuguesa. Eu falei sobre três autores: Dante, Cervantes e Antero de Quental, em que procurei trazer para exemplo de minhas gerações e das outras. Destaquei o equilíbrio, a previsão do futuro e a religiosidade de Dante Alighieri, as aventuras de Dom Quixote de Cervantes, "o cavaleiro da esperança", sua amizade com a Dulcinéia del Talbosa, sua namorada e no fim a poesia do português Antero de Quental.

Os professores deram apoio aos alunos? Qual sua opinião sobre eles?

As conferências foram muito prestigiadas pelos professores. Mas o que mais me emocionou foi quando Edgar Barbosa, ao apresentar minha palestra disse: "vim aqui para invejá-lo". Isso me engrandeceu e me serviu de estímulo para o resto da vida, mas conto este fato para mostrar o quanto os professores apoiavam os alunos. Quero destacar Celestino Pimentel, Monsenhor João da Mata Paiva e Alvamar Furtado. Meu professor de francês, Abel Barreto, motivava muito as aulas, daí muitos terem se dedicado ao idioma. As aulas de Câmara Cascudo eram recheadas de idéias próprias. Ele contestava dados com documentos, inovando a história.



João Wilson, acompanhado de sua esposa, do mestre Câmara Cascudo e da escritora Zila Mamede



LIVROS PUBLICADOS

- ▼ "Introdução ao Estudo da História" - 4ª edição UFRN
- ▼ "As Leituras e a Viagem" - Nordeste Gráfica
- ▼ "Principalmente o Amor (Poemas)" - Nordeste Gráfica
- ▼ "A Cidade e o Trampolim" - Sebo Vermelho
- ▼ "Presença de Autores e Livros" - 2ª edição Nordeste Gráfica
- ▼ "Economia e Promoção na História Social" - 3ª edição UFRN
- ▼ "Minha Cidade Antigamente" - 2ª edição Nordeste Gráfica

Vésicio Barreto, professor de história da América, entusiasmava a turma que não perdia uma aula; Hostílio Dantas, nas suas aulas de desenho era um verdadeiro escultor a quem o Rio Grande do Norte ainda deve uma justa homenagem.

Como se deu a escolha dos conferencistas?

Tanto a escolha dos alunos quanto dos professores que fizeram a saudação aos alunos foi aprovada pelo colegiado de professores da escola. A escolha recaiu sobre quatro alunos que já desenvolviam o hábito da escrita na imprensa de Natal. Os quatro alunos liam muito e eram também muito falantes nas reuniões do Centro Estudantil. Rivaldo e eu tínhamos uma coluna n'A República. Luiz Maranhão era um bom orador, Antônio Pinto era intelectual e poeta. Durante a Guerra, Luiz Maranhão organizou, na Rádio Educadora de Natal (REN), uma Semana Anti-Eixista (Roma-Berlim-Tóquio) e convidou vários colegas para falar. Eu fiquei muito emocionado ao falar pela primeira vez ao microfo-

ne da rádio, falando contra o fascismo e exaltando o sistema democrático.

O ciclo de conferências e toda sua repercussão modificaram a sua vida de alguma forma?

Claro que mudou e para melhor. E esse era o objetivo do ensino no Atheneu. Tanto que fundamos a nossa Academia de Letras do Atheneu que chegou a ser pioneira no Estado. Foi anterior, inclusive, à Academia Norte-rio-grandense de Letras. Eu lembro que eu, Luiz Maranhão e Rivaldo Pinheiro fomos os três a comunicar a Henrique Castriciano a fundação de nossa Academia. E ele, na sua casa na rua Princesa Isabel, disse: meninos vocês passaram a perna na gente; nós, velhos, ainda não conseguimos fundar a nossa Academia".

Como foi a polêmica com o Jornal A Ordem após as conferências?

O jornal católico "A Ordem", que tinha uma linha editorial muito radical, repercutiu a confe-

rência de Antônio Pinto sobre Anatole France, através de artigos do Padre Monte e Lourenço Branco. Normalmente, escreviam para este jornal intelectuais como Otto Guerra, Padre Monte e Francisco Veras. O positivista Lourenço Branco, que escrevia n'O Diário, publicou um artigo cujo título era 'Para além de Anatole', que criticava Antônio Pinto. Mas a polêmica terminou bem e continuaram amigos. Fui companheiro de pensão de Lourenço Branco, aprendi muito com ele, que se orgulhava em dizer que como bom positivista Conti recomendava a leitura diária da "Imitação de Cristo".

Como era sua convivência com os demais conferencistas?

De todos os colegas conferencistas falo muito bem, respeitávamos bastante. Mas tive mais convivência com Rivaldo Pinheiro e Luiz Maranhão, apesar de termos idéias sociais diametralmente opostas. Ficávamos horas e horas conversando no jardim e nunca brigávamos. Foi um dos meus maiores amigos. Ele era idealista e marxista convicto e eu admirava Marx somente no diagnóstico que ele fez do capitalismo, condenando e mostrando seus males, mas nas soluções fomos divergentes. Hoje, sinto muitas saudades desses amigos. Tenho uma curiosidade enorme de saber se, depois de 70 anos de fracasso do comunismo na Rússia, 30 e 40 nos países do leste, Luiz ainda conservaria esperança no comunismo. Sou curioso para saber como Luiz Maranhão agiria hoje. Essa seria uma boa conversa entre mim e aquele amigo.

O que recomendaria aos jovens de hoje?

Hoje, sou o único sobrevivente de uma turma de conferencistas que teve a felicidade de ler um pouco mais. Digo aos jovens que, em primeiro lugar, trabalhem pela paz, exercitando-a entre os próprios amigos. Depois, leiam e estudem bastante, bem além das matérias curriculares. Hoje, as editoras têm produções muito boas. Tirem um tempinho da televisão e da internet, do futebol, da dança, do namoro e do amor, continuem com tudo isso porque é necessário à vida, mas deixem um tempinho para a literatura porque é isso o que lustra, que desperta a sensibilidade e faz-nos amar melhor à vida. Ao menos meia-hora antes de dormir, leiam um pouquinho e durmam sob a influência desta boa leitura.

E para os novos alunos do Atheneu o que diria?

Que considero o Atheneu um só, o antigo e o atual; falo mais do antigo porque sei falar mais dele, mas o atual também tem procurado brilhar a seu modo. O antigo tem suas histórias por conta das condições da época; o novo também sua história por conta das condições atuais que são muito diferentes.

INÉDITO DEPOIMENTO DO EX-DIRETOR
ALVAMAR FURTADO EXPLICA COMO AS CONFERÊNCIAS
MEXERAM COM OS PADRÕES SOCIAIS

Discursos provocam
“guerra de opiniões”



O diretor Alvarado Furtado foi o criador das Conferências do Atheneu

“Eu fui nomeado em março de 1943. Em julho deste ano, já estava promovendo o 1º ciclo de conferências de alunos. Era gente que saía pelo ladrão, sabe? Uma coisa impressionante. Era na sala de aula que dava para o lado onde hoje funciona o Sesc-Senac.

As conferências eram maravilhosas. O noticiário n’A República era de página inteira. ‘Razões de um curso de conferências’ foi o meu discurso

apresentando o evento. Agora, em ‘Retrato de uma hora de transição’, Rivaldo Pinheiro fez uma exposição sobre os fatos da época, a atmosfera da guerra que nós estávamos vivendo, né? Bem, ‘Retrato de uma hora de transição’, você vê pelo título a abrangência desse assunto. Bem, aqui foi o estopim que explodiu tudo.

Já a palestra ‘Conversa sobre Anatole France’, Antônio Pinto de Medeiros falou sobre Anatole France com

uma competência... Esse rapaz morreu moço, antes dos 50 anos. Ele era amazonense, mas sua família era de Porto Alegre, e fez essa conferência sobre Anatole France, com brilhantismo. Américo de Oliveira Costa apresentou Antônio Pinto de Medeiros. Quando foi pronunciada essa conferência foi aquela glória oficial, pois Anatole era um cético irreverente, irônico. Daí por diante, o jornal A Ordem e o clero passaram a fazer uma série de discursos e de editoriais contra as conferências. Eu entendia, mas sofria. Aí passou a ser uma guerra também, uma guerra de opiniões religiosas.

Bem, depois vem outro discurso, de João Wilson Mendes Melo, ‘Presença de alguns mortos’, que foi apresentado por Edgar Barbosa, um dos maiores estilistas que nós tivemos – era professor de Português no Atheneu. Agora, quais esses mortos presentes? Ele falou sobre Dante – isso era aluno de 2º grau – hoje, tenho a impressão

de que alunos de universidade não conhecem. Veja só, Dante d’Alighieri, Antero de Quental, Cervantes. Daí, você vê o nível dessa palestra.

Outra que também criou um certo choque foi ‘Lembranças de Zaratustra’, de Luiz Maranhão, morto pela revolução de 1964 – foi assassinado com uma injeção de remédio para cavalo. Esmeraldo Siqueira foi quem o apresentou.

Então, o que aconteceu com essas quatro conferências? São discursos de professores e discursos de alunos. O professor fazia um discurso apresentando aluno; o aluno fazia a conferência. Antônio Pinto era um intelectual de primeira qualidade que conhecia profundamente Anatole France; Américo de Oliveira Costa, que sempre foi um dos maiores intelectuais do nosso Estado, conhecia muito a literatura francesa e era um dos maiores autores e intérpretes do assunto entre nós. Esses alunos, depois, foram também professores do Atheneu.

Para equilibrar a situação – que ficou sensível – eu promovi o 2º Ciclo de Conferências, por professores (Câmara Cascudo, Juvenal Lamartine, Esmeraldo Siqueira). Essas conferências não foram publicadas em plaquete, mas, na imprensa encontramos tudo isso.

Era o Colégio das humanidades, isso foi muito bem dito. O Atheneu era um estabelecimento respeitado pelos professores, que eram as figuras de maior evidência na época, eram desembargadores, juizes e até governadores. Daí eu achar que essa expressão ‘elite’ é uma expressão real, interpretada pelas gerações atuais, porque a elite era isso: a intelectualidade do RN, não uma elite econômica ou aristocrática.

*Depoimento extraído de entrevista, concedida à professora Eva Cristine Arruda Câmara para sua tese de doutorado.



Concentração na Praça das Mães, em frente ao antigo Atheneu e a OAB



Djalma Marinho patrocinou plaquete

PREFÁCIO

O sucesso vira plaquete

De acordo com o prefácio da plaquete que registrou as conferências dos alunos do antigo Colégio Estadual do Rio Grande do Norte ao realizar uma série de palestras entre os alunos do curso colegial, o objetivo foi incentivar nos estudantes o gosto pelo estudo e desenvolvimento intelectual, combatendo a apatia e estimulando o entusiasmo da mocidade. O propósito era dirigir a sua ação e as suas aspirações num sentido mais útil ao interesse nacional e às tendências político-sociais do mundo contemporâneo.

Convidando os jovens conferencistas, a direção afastava qualquer intuito de indicar ou limitar os temas daquelas palestras, pois eram todos eles já bastante conhecidos em todo o Estado, exercendo funções na imprensa local e com atuação destacada no movimento inte-

lectual do Rio Grande do Norte.

Para surpresa da direção do Colégio, essas palestras despertaram grande curiosidade, não apenas no meio intelectual, mas em toda a sociedade. Todas as noites compareciam pessoas ilustres do meio jurídico, social, científico e intelectual, além de figuras de relevo no magistério e no jornalismo de nossa terra. E o amplo salão de aulas de repente tornou-se pequeno, incapaz de acolher a todo aquele numeroso e seletor auditório. E à medida em que essas reuniões aconteciam, as outras tornavam-se mais freqüentadas.

Nunca, seguramente, o velho Atheneu, em seu longo passado secular, viveu momentos de tão grande elevação espiritual e de tão grande e sincera vibração. Um Atheneu que já era acostumado a ver os vultos queridos de João Tibúrcio, do cônego Estevam Dantas

do professor Joaquim I. Torres, do dr. Vale Miranda, do dr. José Augusto, do dr. Luiz Antônio, do engº Gentil Ferreira de Sousa, além do escritor Luiz da Câmara Cascudo e tantos outros grandes mestres da juventude. Uma vez que o interesse pelas conferências era tão grande e tão vivo, o então dr. Djalma Aranha Marinho teve a iniciativa de publicá-las numa plaquete, proporcionando a ampliação do que foi dito pela voz dos seus oradores às demais gerações de norte-rio-grandenses. No prefácio da plaquete, a direção do Colégio Estadual, os seus estudantes e todos os oradores daquelas solenidades expressaram a Djalma Marinho o mais sincero reconhecimento, pelo gesto nobre e espontâneo que teve de tornar possível a publicação de expressivos momentos de exaltação da inteligência e da cultura potiguares.

Fotos Adriana Amorim



Eva Arruda Câmara coordenará uma pesquisa na UFRN sobre as Conferências do Atheneu como objeto de intervenção política e cultural

PESQUISA PROFESSORA DIZ QUE O CICLO FOI UMA ESTRATÉGIA PARA O ATHENEU VENCER DECADÊNCIA

A identidade elitista do Atheneu

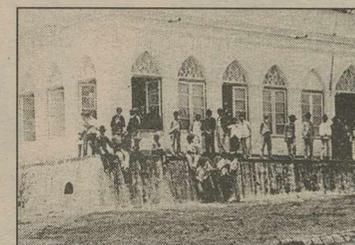
Com 171 anos de história, o Atheneu sobressai-se como a mais antiga instituição cultural e educacional do Estado, que durante muitas gerações é responsável não apenas pela formação escolar, mas sobretudo pela origem de hábitos e costumes que até hoje identificam nosso povo. Mas a história dessa Instituição privilegia "uma identidade" exaurida, com duas gerações gozando do privilégio de terem sido as principais construtoras dessa memória. São as gerações dos primeiros anos republicanos e as que vêm após a Revolução de 1930. "Mas penso que isto ocorre pelo fato de nos identificarmos, ainda hoje, com os valores dessas gerações", disse a professora Eva Cristini Arruda Câmara Barros, que defendeu tese de doutorado sob o título de "Atheneu Norte-Riograndense: práticas culturais e a formação de uma identidade (1892-1924)".

Para a professora, a forma que deu origem ao Atheneu o tornou conhecido pelo seu ensino elitista, extremamente literário, livresco, acadêmico, humanista e destinada a servir de ensino propedêutico a um outro de nível mais elevado, o universitário. Essa forma escolar destinava-se, também, à formação dos quadros necessários à manutenção do Estado moderno nos moldes do regime republicano. O outro eixo é formado pelas práticas culturais (de representação), modalizadoras

dessa forma escolar, levadas a efeito por hábeis senhores que estiveram à frente do Atheneu, nos primeiros anos do novo regime, em especial, no governo Pedro Velho.

A título de ilustração, a professora Eva Arruda Câmara lembra a criação dos desfiles, das sessões magnas, das festas comemorativas, como a data da fundação do Atheneu, em 1º de março, a adoção de um conjunto de formalidades, cada qual destinada a dar um caráter ritual, quer às aulas, quer às bancas dos exames preparatórios, como a criação da farda, as normas disciplinares, compêndios, horários e tantas outras práticas que entraram em uso e depois caíram em desuso.

Representações como estas, na opinião da professora Eva, se por um lado constituem o coroamento de uma identidade do Atheneu, por outro sinalizam a exaustão dessa forma de escola que é, por isso mesmo, nostalgicamente rememorada. Nesse caso, compreende-se porque esse Atheneu é lembrado e associado à vida daqueles senhores. Pois, findado o período de vida daquele Atheneu, naqueles moldes, e esgotada a sua edição, tanto pela concorrência de outras instituições como por conta das Políticas Públicas e, principalmente, pela chegada de um nível mais elevado de ensino – o universitário –, ostentando maior status, passou o Atheneu a ocupar um lugar comum.



NOVAS PESQUISAS

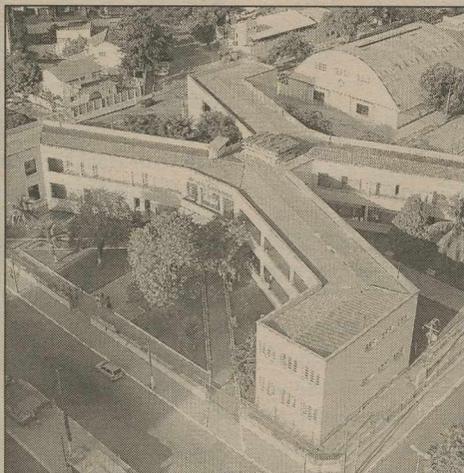
Dentre os vários estudos que a professora Eva Arruda Câmara coordena na sua Base de Pesquisa "Cultura e Educação no Seridó Norte-riograndense", em Currais Novos, está uma pesquisa sobre as Conferências do Atheneu como objeto de intervenção política e cultural. O desafio de sua equipe será investigar o porquê da realização desse evento, o contexto em que ele foi realizado, a identificação dos lugares sociais ocupados pelos senhores produtores dos discursos, os sentidos emanados desses discursos, as interlocuções mantidas, as razões da escolha dos temas das Conferências e dos conferencistas, o que tentaram justificar, o público que visaram atingir, os objetivos perseguidos, o discurso não pronunciado, porém apreendido, as razões que motivaram os idealizadores do evento, o sentido das matérias de jornais que deram cobertura ao acontecimento (as representações que produziram sobre si mesmos), a identidade da Instituição que ajudaram a construir, entre outros significados, além, com certeza, de novas informações a serem obtidas.

PALESTRANTES CONQUISTARAM POSIÇÕES DE DESTAQUE

Para a professora Eva Arruda Câmara, a realização do Ciclo de Conferências do Atheneu já foi fruto das investidas do então diretor Alvamar Furtado para vencer a decadência que o colégio enfrentava. Elas não podem ser vistas como um acontecimento comum. Tudo se faz num ambiente interativo, onde se produzem subjetividades, inclusive o próprio projeto de reconhecimento social dos seus idealizadores. "A propósito, algum daqueles senhores foi esquecido pela história? Que trajetórias galgaram após a passagem

pelo Atheneu? Como sabemos, conquistaram posições de destaque".

Sobre a repercussão das conferências, a professora Eva diz não poder fugir ao caráter da imprensa da época, predominantemente literária. E quanto aos seus conteúdos, estes merecem uma análise bem pontual. "Deles só fizemos, até agora, uma leitura apressada. Portanto, estamos longe de poder responder sobre eles, sobre a leitura que deles foi feita, mas, com certeza, respondem a ansiedades sociais daquele momento", disse.



Vista aérea da atual sede do Colégio Atheneu

EVA ARRUDA CÂMARA

SELETO O HÁBITO DE SE DESTACAR NA SOCIEDADE JÁ COMEÇAVA A PARTIR DO EXAME DE ADMISSÃO

A convicção de brilhar



Prof. de inglês, Protásio Melo, lançará livro sobre Atheneu

O antigo Atheneu foi o primeiro estabelecimento de Ensino Médio da capital e tinha o prestígio de uma universidade. Por muitos anos, a nata da cultura do Rio Grande do Norte circulou pelos corredores e salas da escola. Os professores eram catedráticos, só eram admitidos mediante concurso e tinham que defender uma tese. Os alunos eram uma espécie de líderes e estavam sempre na linha de frente de todos os movimentos estudantis e culturais de Natal. A convicção dos alunos do Atheneu era de fazer sua escola brilhar e a repercussão das conferências fez aumentar ainda mais esse sentimento.

Os conferencistas tinham uma média de 20 a 25 anos de idade, quando se fazia o exame de admissão do Atheneu, que era considerado como um vestibular nos dias de hoje, tendo em vista não existir na época faculdade na cidade. Após o ginásio, havia o curso clássico e o científico, além do pré-jurídico (preparação para cursos na área de humanas) e o pré-científico (preparava para cursos na área biomédica). Depois do pré, o estudante saía para outras capitais, como Recife, Fortaleza e Maceió.

Conheça agora as turmas dos alunos que protagonizaram o feito das conferências de 1943, bem como seus professores. João Wilson Mendes Melo, Luiz Maranhão e Rivaldo Pinheiro eram alunos do 2º ano do Curso Clássico, enquanto que Antônio Pinto era aluno ainda do 1º ano científico, o que causou surpresa diante da complexidade do tema que tratou.



Professora Angélica Lagrotta (falecida) ensinou latim

PESQUISA

OS PROFESSORES EM 1943

Cursos Ginásio, Clássico e Científico (Masc. e Fem.):

- Alvarar Furtado de Mendonça (Geografia Geral)
- Álvaro Torres Navarro (Ciências)
- Angélica Lagrotta de Almeida Bastos (Latim)
- Antônio Gomes da Rocha Fagundes (Português)
- Cacilda Aranha Soares (Português)
- Cecília de Oliveira (Educação Física)
- Celestino Pimentel (Inglês)
- Claudianor Telogio de Andrade (Geografia Geral)
- Clementino Hermógenes da Silva Câmara (História Geral / Matemática)
- Djalma Maranhão (Educação Física)
- Edgard Ferreira Barbosa (Português)
- Edithe Magalhães Mota (Latim)
- Elza Madeira Dantas (Desenho)
- Esmeraldo Homem de Siqueira (Francês)
- Etelvina Emerenciano de Medeiros (Francês)
- Francisco Ivo Cavalcante (Matemática/ História Geral)
- Henriqueta Green (Desenho)
- Israel Nazareno de Souza (Português)
- Ivone Ferreira Barbalho (Inglês)
- Ivone Madeira Dantas (Desenho)
- Letícia Fernandes de Queiroz (Ciências Físicas e Naturais)
- Con. Luiz Wanderley (Latim/ Filosofia)
- Mons. João da Matha Paiva (Filosofia/ Latim)
- Mons. José Alves Ferreira Landim (Latim/ Espanhol)
- José Gurgel do Amaral (Física/ Ciências Naturais)

- Josino Martins de Macedo (Matemática/ Desenho/ Física)
- Maria Belém Câmara (Trabalhos Manuais)
- Maria da Conceição Morais (Trabalhos Manuais)
- Maria de Lourdes Guilherme (Música)
- Maria Gurgel (Francês)
- Maria Luiza Mota (Francês)
- Mário Toscano de Brito (Matemática)
- Olga Bezerra Cavalcante (Francês)
- Olindina Cortez dos Santos Lima (História Natural)
- Oswaldo Fernandes de Oliveira (Latim)
- Pe. Monte (Química/ Biologia)
- Pedro Cortês de Araújo Amorim (Latim)
- Pedro Alcântara Cavalcante (Português)
- Pedro Segundo Soares de Araújo (Física/ Química/ Biologia/ Ciências Naturais)
- Protásio Pinheiro de Melo (Inglês)
- Raymundo Hostílio Dantas (Desenho)
- Rivaldo Pinheiro (Matemática)
- Rômulo Chaves Wanderley (História Geral)
- Sebastião Monte (Biologia)
- Severino Bezerra de Melo (Português)
- Vésicio Barreto de Paiva (História Geral)
- Waldemar de Almeida (Música)

ALUNOS DO 2º ANO DO CURSO CLÁSSICO

(Turma Única)

- Antônio Paiva Fagundes
- Aristides Gurgel da Costa
- Arnóbio da Cunha Melo

- Arsênio Celeste Pimentel
- Dante Mello Lima
- Eider Furtado de Mendonça
- Emanuel Rivadávia Pessoa
- João Wilson Mendes Melo
- Joaquim Manuel Meiroz Grilo
- José de Alcântara Barbosa
- José Dantas de Araújo
- José Valdenício de Sá Leitão
- Júlio de Carvalho Paiva
- Luiz Inácio Maranhão Filho
- Mário Bezerra Cavalcante
- Moisés Palatnik
- Milo de Siqueira Costa
- Noberto José da Silva Filho
- Oscar Nonato Nunes
- Oswaldo Gomes Brandão
- Raimundo de Freitas Barros
- Rivaldo Pinheiro
- Severino Lopes da Silva
- Walter Ferreira da Silva
- Waldemir Limeira

ALUNOS DO 1º ANO DO CURSO CIENTÍFICO

(Turma A)

- Airton Pedro Teixeira
- Alair Vilela Bastos
- Aníbal Cavalcanti de Oliveira
- Antônio Augusto de Magalhães

- Antônio Bandeira da Costa
- Antônio Pinto de Medeiros
- Antônio Pípolo Júnior
- Armando Cavalcante de Oliveira
- Armando Barros de Góis
- Boanerges Januário de Araújo
- Clovis Camelo de Melo
- Clovis Coutinho da Mota
- Durval Pinheiro Cavalcante
- Etevaldo Vieira de Freitas
- Evandro de Vasconcelos Varela
- Eider Simonetti
- Francisco do Nascimento
- Geraldo Canuto de Souza
- Geraldo Ferreira da Silva
- Gracildo Guerreiro Barbalho
- Guilherme Ventura Guedes
- Francisco de Assis Góis
- Habib Chalita
- Hudson Paiva da Rosa e Silva
- Hugo de Melo dos Santos Pereira
- Ítalo de Carvalho e Silva
- Jarbas Ferreira Bezerra
- Jefferson Correia de Aquino
- João Damasceno
- Moreira de Menezes
- João Frederico
- Abbott Galvão

TURMAS A SOCIEDADE NATALENSE FREQUENTAVA OS CURSOS CLÁSSICO E CIENTÍFICO DO ATHENEU

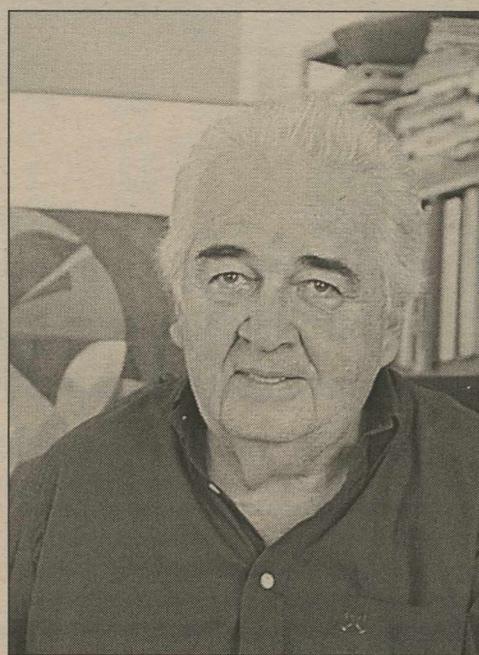
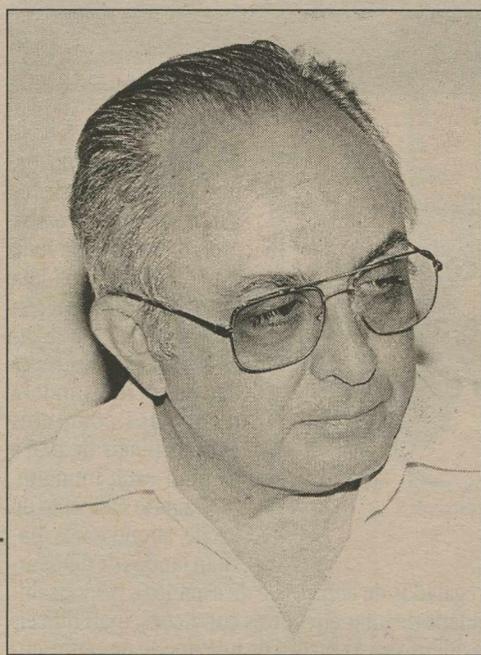
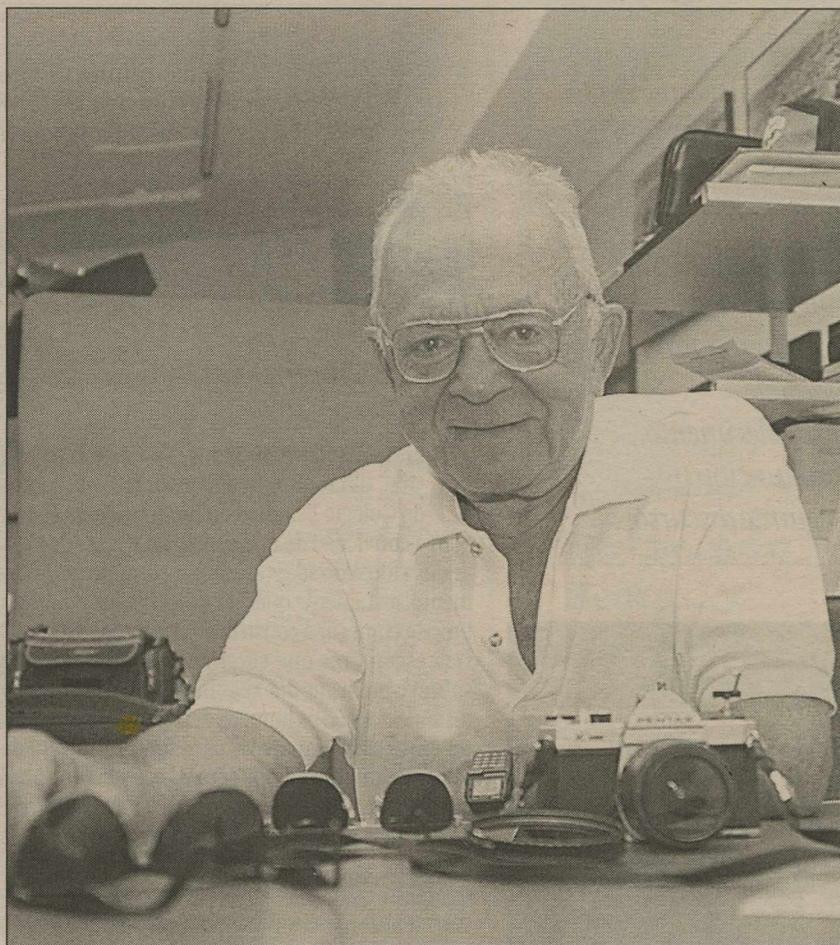
Conheça quem estudou naquela época

Era Governador do Estado o Sr. Rafael Fernandes, o diretor do Departamento de Educação era o prof. Severino Bezerra de Melo e o diretor do Atheneu, o prof. Alvarado Furtado. O Inspetor Federal era o Sr. Custódio Toscano, o secretário do Atheneu, o Sr. Sérgio Emerenciano Santiago, substituindo o então secretário: Francisco Xavier Bezerra, a partir de maio de 1943.

No Atheneu funcionavam os cursos: Ginásial (com

quatro séries) e Colegial, compreendendo dois cursos, o Científico e o Clássico (com três séries, cada). O Atheneu era misto, mas a seção feminina era instalada no prédio da atual Fundação José Augusto.

Naquele ano foram aprovados 80 (oitenta) alunos no Exame de Admissão e dentre os aprovados três nomes bastante conhecidos: Araken Irerê Pinto, Dorian Gray Caldas, Jaecy Emerenciano Galvão. Conheça agora os demais alunos do Atheneu em 1943:



No ano das Conferências, o hoje médico Araken Irerê Pinto, o artista plástico Dorian Gray Caldas e o fotógrafo Jaecy Emerenciano prestaram exame de admissão para ingressar no Atheneu

ALUNOS

1º ANO DO CURSO CLÁSSICO (Turma única)

Enir Colares de Medeiros, João Batista Caldas, João Batista da Fonseca, João Evangelista Emerenciano, José Augusto de Bezerra Medeiros Sobrinho, José Gobat Alves, Manoel Benício de Melo Sobrinho, Manoel Fernandes de Oliveira, Manuel Ozório de Barros Neto, Rubens Martins do Nascimento, Tarcísio Francisco da Fonseca.

1º ANO DO CURSO CIENTÍFICO (Turma B)

Antônio Rafael de Araújo Lima Sobrinho, João Rodrigues da Silva, João Xavier do Nascimento, José Aribaldo de Carvalho, José Eurístenes de Vasconcelos, José Gelázio da Rocha, José Lima Guim, José Rodrigues de Araújo, José Tamandaré C. do Rego Barros, Leide Moraes, Lourival Carvalho, Luiz

Gomes dos Santos Oliveira, Manoel da Cunha Rego Madruga, Manoel Varela de Albuquerque Filho, Marcelo Augusto Filgueira de Carvalho, Moacir Gomes da Costa, Nazareno Nunes de Oliveira, Osvaldo Fernandes de Oliveira,

Otávio de Carvalho Rabelo, Paulo Garcia de Oliveira, Paulo Sobral Correia, Pedro Pinheiro de Oliveira, Ranilson Vale Soares, *Romeu Aranha Soares, Rômulo Sales, Rosalvo Pinheiro Galvão, Tong Ramos Viana, Waldemar Bandeira de Melo, Waltércio Bandeira de Melo, Wilson Alves Cabral.

2º ANO DO CURSO CIENTÍFICO (Turma A)

Alberto Almerindo de Oliveira, Alcides Menezes da Silva, *Aldo da Fonseca Tinoco, Aluizio de Oliveira Moura, Ângelo Lagrota de Almeida Bastos, Antônio Carvalho, **Antônio Teófilo Cavalcanti Filho, Armando José Quadro de Melo, **Armando Nobre Viana,

Armando Viana, Aurino Borges, Amauri Lopes da Silva, Asclepiades Antônio de Oliveira, Bernardo Guimarães Souza,

Calixto José Seabra Varela, Camilo Leles Rocha, Carlos Abdorilo Barros Lima, Cleantho Wanderley, Clodomir Lobo de Oliveira Lima, Clodomir Vasconcelos de Oliveira, Clóvis Protásio de Lima, Dele Carlindo Vilar, Djalma Caldas, Djanerito de Souza Moura, Edmilson Medeiros, Edilson Fonseca, Édson Soares de Assis, Eider Ribeiro Dantas, Eládio L'Eraistre Monteiro, Eliachiv Palatnik, Elmo Pignataro, Eudes Caldas Moura, **Fernando Alves Cabral, Fernando Dantas de Resende, Fernando Hostilio Dantas, Horiano Cavalcanti de Barros, Geraldo Gil de Lima, Geraldo Pereira de Carvalho, Jefferson Bastos, Raul Tabosa, Sinésio Dias de Oliveira.

2º ANO DO CURSO CIENTÍFICO (Turma B)

Francisco Xavier de Oliveira, *Hildebran-

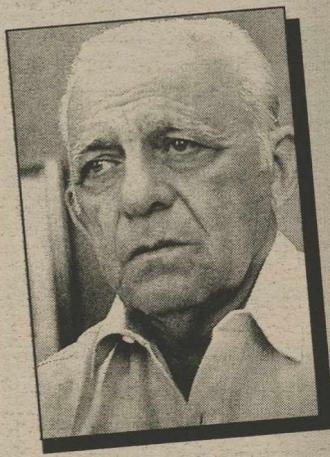
do Souza Matoso, Ítalo Fassanaro, Itiel Genésio, Ivan Lopes da Silva, Jaques Saraiva, Jessé Pinto Freire, João Batista de Miranda Aranha, Joaquim Silvino Ribeiro Dantas, José Almério de Paiva, José Antônio Fonseca Menezes, José Lopes da Silva Neto, José Maria Pinheiro, José Miranda Martins, José Mussoline Fernandes, José de Paula Maciel, Josias Florêncio Pereira, Lauro Pedroza de Andrade, Leonardo de Oliveira Bezerra, Luiz Gonzaga dos Santos, Luiz Juvenal Guerra, Manuel de Oliveira Xavier, Manuel Jaime Dias, Paulo D. de Oliveira, Milton da Cunha Fernandes, Mazart de Oliveira Romano, Múcio Vilar Ribeiro Dantas, Nilvaldo Lustosa Cabral, Olinto Lopes Galvão Filho, Orlando José Quadro de Melo, Osvágrio Dantas Sales, Paulo Freitas de Carvalho, Pedro Pires de Oliveira, Rossini Vale Filho, Rui Tavares Guerreiro, Severino Joaquim da Silva, Sidônio Lemos Jardim, Uilde Eurico Monteiro, Vicente Lyra, Wellington Antunes Cavalcante.

INCENTIVO DIRETOR ALVAMAR FURTADO CONVOCA A JUVENTUDE A DEFENDER A LIBERDADE E A CULTURA

Razões de um curso de conferências

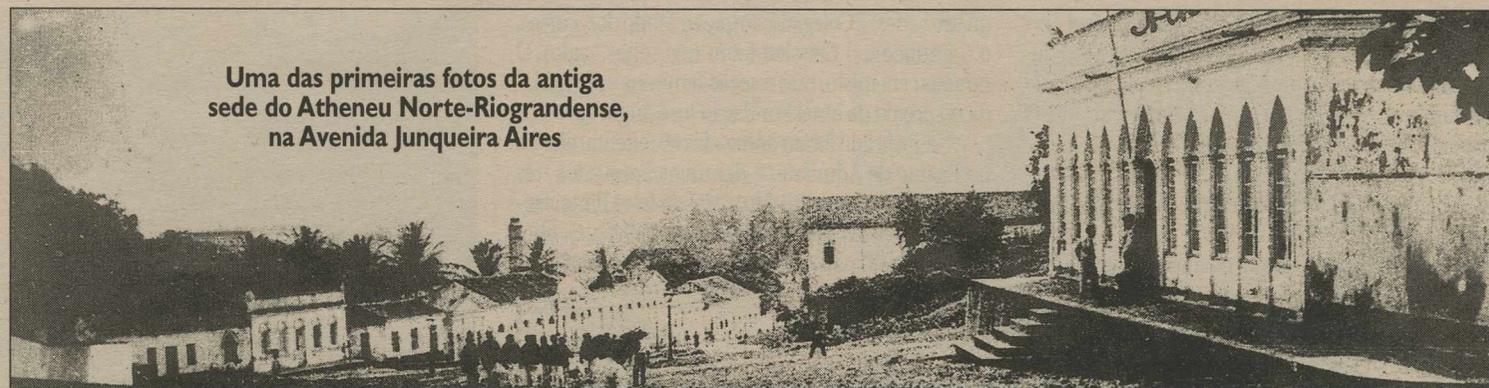
Instalando o I Curso de Conferências de 1943, no Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, antecedendo-se a Rivaldo Pinheiro, o Dr. Alvamar Furtado de Mendonça, diretor daquele estabelecimento, pronunciou o seguinte discurso:

PERFIL



ALVAMAR FURTADO

Nascido em Natal em 13 de abril de 1915, Alvamar Furtado foi professor emérito da UFRN na área de Direito, membro do Conselho Estadual de Cultura, Juiz do Tribunal Regional do Trabalho e Membro da Academia Nortero-grandense de Letras. Além disso, recebeu a medalha do mérito Alberto Maranhão. Dentre muitas outras atividades, foi também diretor do Atheneu e mentor do Ciclo de Conferências. Veio a falecer aos 87 anos.



Uma das primeiras fotos da antiga sede do Atheneu Norte-Riograndense, na Avenida Junqueira Aires

Sinto uma das mais belas emoções da minha vida, olhando esta agitação dos estudantes do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, com a convicção de que assisto ao nascer de uma imensa força de adaptação a este tumultuário momento, justamente quando a mocidade do mundo precisa começar a construção dos tempos futuros. Dos escombros que surgirão aos olhos dos que sobreviverem no dia seguinte ao armistício, no instante em que os homens deixarem cair as armas e a opressão desaparecer para sempre, haverá de ressurgir um mundo diferente, construído sobre as experiências destes dias infelizes. Os rapazes a quem eu entreguei este Curso de Conferências estão me ajudando neste momento renovador, que afasta as velhas e inoportunas condições mentais, sem força criadora, sem disposição para o esforço coletivo, em procura de um melhor clima para os caracteres em formação. Uma mocidade preparada para as grandes realizações do pós-guerra, ao invés de uma mocidade ignorante do seu destino, presa exclusivamente aos programas escolares obrigatórios que nem sempre deixam entrever amplitudes intelectuais.

Esta pequena cidade acelerou sua existência, tomou novos tons humanos em sua paisagem. Estamos convivendo com rapazes de uma outra civilização, ruidosos, felizes, não perturbados pela formidável responsabilidade do conflito em que estão envolvidos, que lutam, consciente e espontaneamente, pela afirmação dos seus ideais democráticos. A gente assiste lições de tolerância, de "fair play", de beleza espiritual. Rapazes do Kentucky, do Tennessee, do Texas ou de Ohio, dos bairros pobres e ricos de Nova York, dos ranchos do Arizona, universitários de Yale ou de Columbia, todos empolgados por esse ideal comum de salvação dos mais caros princípios humanos de existência. Judeus, católicos e protestantes, ouvindo os ensinamentos do Talmude, da Bíblia, sob o teto de um mesmo templo.

Diante dessas estupefacentes visões de cultura, não é possível continuar naquela lenta e improdutiva maneira de viver de poucos anos atrás. Essas manifestações de tolerância e de jovialidade esportiva valem como sugestões de um povo espiritualmente sadio desta grande América a um outro povo que por suas condições geográficas e humanas está predestinado a desempenhar um dos mais eviden-

Natal, o mais largo centro político, social e cultural do Rio Grande do Norte, assistiu a um movimento tão expressivo e de tão

vastas repercussões

A República, 6 de agosto de 1913

tes papéis na reedificação da vida futura.

Sei de mim que jamais esquecerei aquela surpreendente e estúpida transformação que nós bacharelados de 1939, sentimos naquele funesto começo de setembro. Defronte de um placard de redação de jornal informando que um país livre estava sendo invadido militarmente, compreendemos que as condições para que havíamos sido educados começavam a se desmoronar. Não estávamos preparados para essa eventualidade. Os livros de Ramarque nos haviam marcado com um profundo horror à guerra, sedimentando em todos nós um pacifismo inútil para este tempo louco. Quase que o nosso mundo se confinava nas fronteiras provincianas, sem amplitude, sem interesse pelos deveres que nos cabiam em benefício da permanência dos nossos mais altos valores culturais, políticos e sociais.

Havia mesmo uma confiança absoluta, ignorantíssima, naquelas peregrinações de caixeiro-viajante de Chamberlain, com sua elegância do começo do século, tentando tréguas inúteis e covardes.

Nessa época, vivíamos, bacharelescamente, espiando a política estadual e as possibilidades felizes de uma promotoria de interior. A nossa formação não nos permitia uma visão mais ampla dos fatores existenciais.

Porém, naquele fim de um monótono curso de Direito, numa melancólica tarde do Recife, fomos despertados para uma luta de assombrosas proporções. Não fora possível criar um mundo digno de se viver decente e livre, e as experiências de uma mocidade que voltou estigmatizada e profundamente infeliz do conflito passado, não serviram de

advertência aos povos, que tomavam posições para uma outra hecatombe.

A mocidade de hoje está diante de uma luta muito maior. Daí a necessidade de uma educação para os dias que hão de vir, revestindo-a de anseios coerentes com os ideais de paz e de bem-estar humano.

Daquele momento do Recife, surgiu a nós, bacharelados de olhos arregalados de surpresa e de espanto, a responsabilidade de lutar em outras condições, mais difíceis e dolorosas. As razões de luta que se nos apresentavam precisavam ser esclarecidas e a nossa geração tinha de lutar pela sua sobrevivência.

Em face de um possível retorno à lama das trincheiras e ao horror das matanças coletivas, como viveram os rapazes de 1914, tínhamos de evitar a desesperança que eles sentiram quando os canhões silenciaram.

Deve, portanto, permanecer em todos nós, se escaparmos da voragem do momento atual, o élan advindo do conhecimento e compreensão dos valores mais altos e puros da inteligência humana.

Hoje, que estou na direção deste velho e querido educandário, e assisto neste nosso Estado ao perigo de uma inversão social e econômica, proveniente de uma situação criada pela guerra entre nós, quando os intelectuais estão ameaçados em seu prestígio pelo domínio imperioso e avassalante dos "nouveau-riches", sinto-me no dever de proporcionar aos estudantes deste Colégio uma educação diferente da que anteriormente tivemos. Ajustando-os às contingências do momento. Ensinando-os a amar e admirar o que os povos produziram de belo e eterno.

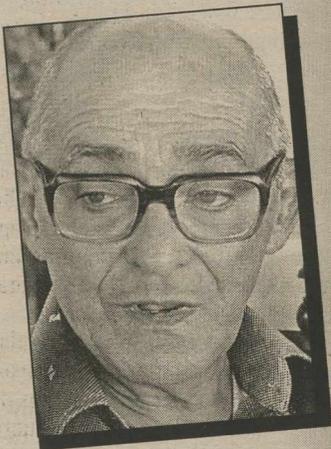
Levando-os ao estudo das produções literárias, à curiosidade pelas manifestações da inteligência, para que assim eles possam compreender melhor as razões desse idealismo, o sacrifício imenso, o épico das vitórias que a mocidade dos povos civilizados está obtendo pela permanência do que devem ser as mais belas constantes da condição humana - Liberdade e Cultura.

RENOVAÇÃO PALESTRA CHAMA ATENÇÃO PARA A NECESSIDADE DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Retrato de uma hora de transição

Palestra de Rivaldo Pinheiro, pronunciada no dia 10 de julho de 1943, inaugurando o I Curso de Conferências do Colégio Estadual do Rio Grande do Norte:

PERFIL



RIVALDO PINHEIRO

Escritor e jornalista, Rivaldo Pinheiro foi um dos fundadores d'O Diário, onde, à época da II Guerra Mundial, eram publicados artigos de sua autoria sobre o assunto. Começou a estudar no Atheneu aos 17 anos, onde veio a se interessar por Literatura. Foi um dos fundadores da Academia de Letras do Atheneu, tendo sido posteriormente seu presidente.



Raimundo Nonato Fernandes foi fundador da antiga Faculdade de Direito, na Praça Augusto Severo

Sentimos todos nós, na profunda intimidade da nossa alma, um desejo imenso de paz, de tranquilidade, de segurança. Toda a filosofia que tenha em vista exaltar as qualidades heróicas do homem e negar-lhe esse desejo que nasceu com o seu primeiro esforço físico ou mental será inevitavelmente uma filosofia fundada numa base contrária à própria natureza e condição humana. Foi essa aspiração, seguramente, que determinou a idéia e a concepção de uma outra existência, na qual encontrássemos a compensação salutar e eterna das fadigas a que temporariamente somos condenados.

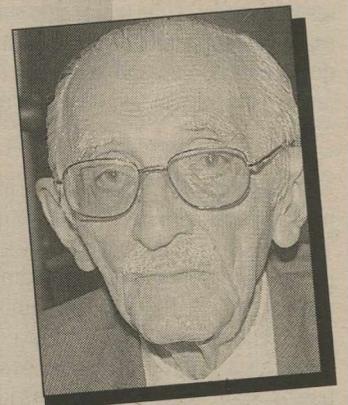
Na vida, desta sorte, não poderia deixar de ser uma aspiração constante do homem a conquista dos meios e dos recursos que lhe assegurem a satisfação desse desejo de paz, de tranquilidade e de segurança. Com efeito, todos os nossos esforços parecem estranhamente coincidir para a realização de um equilíbrio social e econômico que nos proporcione aproveitar da vida, com o mínimo de esforço, o que ela nos oferece de melhor e mais agradável. Somos dominados, assim, por aquele estado agônico da concepção unamuneana da vida. Vivemos em agonia, isto é, vivemos em luta, e a nossa luta tem, paradoxalmente, por finalidade, a rendição do corpo e até do espírito. A fortuna, cuja conquista é o objeto verdadeiro de toda a nossa luta, nos proporcionaria o gozo desejado de todas aquelas aspirações.

Os homens se organizaram em comunidades políticas ou sociais fundados nesses desejos e nesses sentimentos. Na ânsia de alcançar ou antecipar esse estado de divinatoria conformação, eles se constituíram em famílias, em grupos, em povos e em nações, julgando que assim ha-

viam encontrado a maneira mais segura para a conquista da riqueza, da paz e da segurança pessoal e coletiva. A paz não pode existir sem beneficiar pelo menos a dois indivíduos ou a duas comunidades. E não existirá segurança pessoal, enquanto, em torno de cada um, todos os homens não se sentirem seguros e satisfeitos. As aspirações de paz e de segurança deveriam, assim, levar cada indivíduo a exercer, no organismo social, uma ação benéficamente comum a todos. Mas, a competição, provocada pelos desejos individualistas de cada um em particular, de atingir àquele almejado objetivo, desvirtuou a finalidade própria da vida e encaminhou a humanidade para uma existência essencialmente política, na qual perderam-se as últimas perspectivas de uma ambição que continua, todavia, a determinar secretamente os nossos passos.

A humana organização social foi, desta sorte, baseada na riqueza e na competição, no lucro e na desigualdade econômica, no privilégio de uns em detrimento de outros, - sem distinção de regimes nem concepções filosóficas. Assim chegamos até a Idade Moderna, até a própria luminosa Idade Contemporânea. No século XX, esses princípios estavam fixados solidamente pela força de uma tradição de vida social tão remota quanto a própria comunidade humana, pelo imperativo de necessidades indestrutíveis, conseqüentes da supremacia dos interesses individualistas estabelecida através de todas as experiências de ordem política. A eles nos conservamos ainda hoje presos, e deles não poderíamos fugir, a não ser sob o influxo de uma revolução evolutiva universal, que destruísse tudo o que foi até agora construído pelo homem e o entregasse à tarefa de construção de um outro mundo absolutamente novo e diverso.

RECORTES



Raimundo Nonato Fernandes

"O nosso estado não tem, infelizmente, uma universidade, mas o velho Atheneu também foi em certa época um centro de agitação espiritual, com o seu prestígio e a sua tradição. A criação recente do curso pré-universitário veio ampliar o seu raio de ação, prendendo por mais algum tempo aqui os nossos rapazes e alargando um pouco mais os horizontes das nossas classes. Já não somos um meio puramente ginásiano.

Com essa compreensão é que Alvarar Furtado está promovendo esse vitorioso curso de conferências, conferências de estudantes pré-universitários, alguns deles com a visão e a segurança dialética de velhos humanistas. A formidável iniciativa do meu amigo Alvarar Furtado poderá muito bem realizar para nós aquele anseio de recuperação do passado, transformando o Colégio Estadual num foco de irradiação cultural e de entusiasmo pelas coisas do espírito. Basta que ele continue que não lhe falte o apoio dos nossos valores mentais, da nossa imprensa e da nossa instituição literária, a Academia Norte-rio-Grandense de Letras, que já lhe manifestou a sua solidariedade. Muito esperamos, sem dúvida, desse debate livre de idéias, desse seminário de literatura e de arte, de estudo dos problemas do homem, da cultura e da história, sem fórmulas feitas e sem idéias preconcebidas". (Texto extraído da contracapa da plaquete das conferências)

* Jurista e Professor fundador da Faculdade de Direito da UFRN.

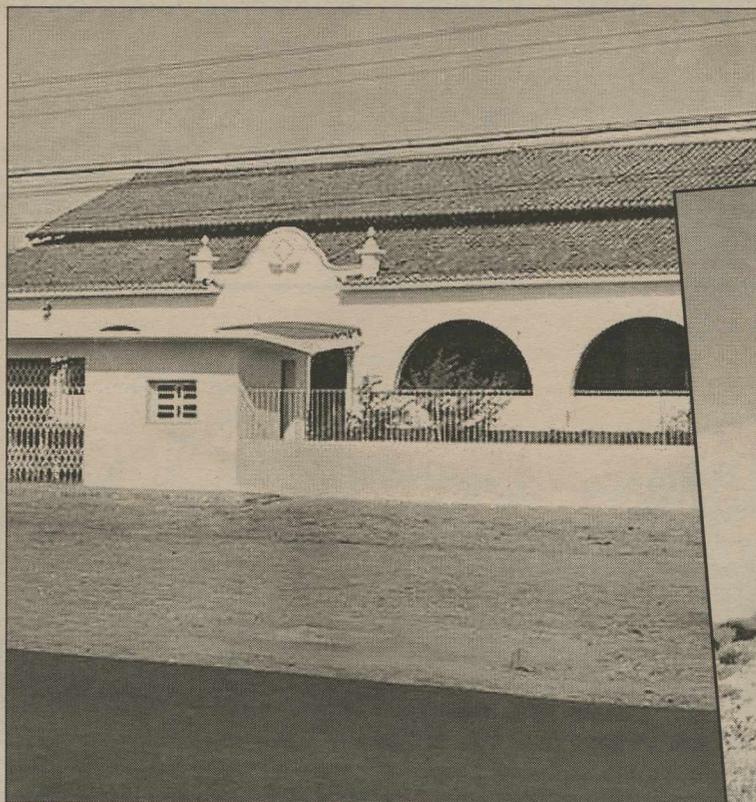
Atualmente, parece que os povos estão chegando à compreensão definitiva dessa necessidade. Na fase atual da nossa existência, estamos envolvidos num labirinto de problemas tão profundos e tão complexos, que jamais os poderíamos resolver enquanto nos mantivéssemos estreitamente apegados aos princípios clássicos de vida comum e relações econômicas, ainda vigentes, apenas pelo assombro que nos causa a idéia de intentarmos a sua substituição. O desnível econômico universal e o choque de ideologias e concepções de ordem social e política que se extremam pela ausência de um termo de aproximação, constituem, sem dúvida, os verdadeiros fatores destas dolorosas vicissitudes a que temos sido submetidos no espaço de um quarto de século, numa idade em que o espírito humano já deveria estar livre de tantos e tão trágicos sentimentos primitivos.

"O homem atravessa uma fase integralmente política da humanidade. Nunca jamais ele foi tão 'momentâneo' quanto agora". Assim falava há pouco tempo Mário de Andrade, dirigindo-se aos universitários do Rio de Janeiro, numa interpretação serena de toda a sua obra de revolucionário modernista. Voltava-se ele sobre os seus próprios passos, sobre a agitação da sua vida, para dela tirar injustamente a conclusão de uma terrível esterilidade. E, referindo-se aos eternos valores humanos, acrescentava ainda, à margem dessa dolorosa auto-acusação: "Quero exatamente dizer que numa idade humana como a que vivemos, cuidar desses valores apenas e se refugiar neles em livros de ficção e mesmo de técnica, é um abstencionismo desonesto e desonroso como qualquer outro. Uma covardia como qualquer outra". Com efeito, neste período fundamentalmente político e humano da civilização, seria criminosa qualquer atitude de abstenção dos graves e angustiosos problemas que atormentam a nossa flagelada humanidade.

Estamos assistindo e participando de acontecimentos tão extraordinários, que parece justificada a nossa convicção de que desponta para o mundo uma nova Idade Histórica. A instabilidade é a característica "destes dias tumultuosos". Todas as coisas que são, estão sujeitas a deixar de ser a qual momento. Muitas causas se subverteram, e aquelas que se conservam nos seus lugares poderão ser transplantadas num instante. O homem parece intentar a destruição da sua obra, do seu "sistema", da sua "ordem", todavia, ainda sem um novo plano claro, suficientemente racional e perfeito para substituí-lo. Entre eles, nesta hora tumultuária, nesta hora angustiosa de transição, erguem-se aqueles que, em vez da bondade, da razão e da inteligência, usam o radicalismo da intransigência, a injustiça e a ignorância. E este não seria o sinal mais evidente de que novos tempos se anunciaram? A nós, os moços da minha geração, coube a desventura de assistir ao desmoronamento desse mundo falsamente construído, que os nossos antepassados nos legaram, e o sacrifício de mergulharmos e nos perdermos em suas ruínas. Para nós, entretanto, é também uma glória assistir à sua agonia, a essa formidável gestação que se processa de um verdadeiro mundo novo, na qual terá de exercer-se a nossa colaboração imprescindível.

2

Precisamente neste ponto, em que calculamos as nossas tremendas responsabilidades perante o largo futuro humano, percebemos que, afinal, há



A Rampa, em Santos Reis, e o tradicional Farol de Mãe Luiza



Escritor Mário de Andrade

ainda entre os homens alguns valores que subsistem a esse caos soberbo.

Esses valores são, sobretudo, a personalidade, as virtudes de caráter do indivíduo e as tradições eternas que têm concorrido para a sua formação e o seu fortalecimento. A personalidade foi ameaçada e não raro sacrificada a uma nova autoridade. As virtudes de caráter só algumas vezes conseguiram flutuar sobre a ignorância, a corrupção, a fraqueza e a venalidade. E aquelas tradições, embora quase sempre abandonadas e esquecidas, continuam, apesar de tudo, a ser a única fonte de inspirações fecundas para uma obra de reconstrução do mundo em bases mais sólidas, mais racionais e mais humanas, que consulte suficientemente àquelas aspirações de paz, de tranqüilidade e de segurança.

Nos últimos vinte anos assistimos ao mais tremendo conflito que jamais se verificou em torno do Estado, tendo este por causa e por objeto. A de-

sigualdade de condição econômica entre os homens havia determinado duas concepções de ordem política e social antagônicas, ambas procurando de forma diversa um meio para a sua solução. E uma delas era principalmente apoiada no princípio da autoridade e do absoluto domínio do Estado sobre os indivíduos, tendo em vista o fortalecimento da nação em benefício da comunidade, para a conquista da supremacia e da riqueza à custa dos povos mais fracos, que deveriam ser escravizados. As idéias de patriotismo e de nacionalismo não haviam acompanhado paralelamente o progresso técnico, industrial, e mesmo intelectual e moral. E as fronteiras continuaram, daí há pouco, como antes de 1914, em conseqüência da ameaça que surgia e aumentava de proporções, a dividir os homens e a retardar a grande obra de fraternidade universal.

Elevado, ou antes rebaixado à categoria de um Deus bárbaro, o Estado totalitário tudo absorveu, a ele tudo se imolou, e todo esse sacrifício, afinal, não tinha em vista senão um sacrifício muito maior, que era uma nova e a mais tremenda conflagração mundial. Rebentada esta guerra, a sua "nova ordem" já havia abalado mais ou menos todos os sistemas políticos, em todos os países. As suas idéias sobre autoridade, sobre os novos direitos do Estado, sobre a nova função do homem na sociedade e no organismo nacional, haviam sido, em grau maior ou menor, assimiladas em toda a parte.

Sob o pretexto da defesa das instituições políticas, ele passou a intervir na própria vida privada do homem, cerceando-lhe a liberdade, determinando-lhe e multiplicando-lhe as tarefas, complicando-lhe e dificultando-lhe as condições de vida, iludindo-o com a esperança de uma solução heróica e distante para os seus problemas. Os direitos e a autoridade do Estado permaneciam acima do seu exame e da sua discussão. Deixava ele, desta forma, de ser uma instituição do povo para o povo, transformando-se num instrumento de subordinação. E tanto poderia então estar

representado pelo chefe supremo, como pelos agentes policiais, pelos funcionários nas repartições oficiais, e, naturalmente, também pelos professores, nos estabelecimentos de ensino.

As ordens distribuídas podiam ser muitas vezes ambíguas e obscuras. Mas, as suas transgressões eram consideradas como manifestações de rebeldia e desrespeito à autoridade do Estado ou do seu representante. E por este, como criminosos e rebeldes, eram punidos, ao seu critério nem sempre justo, os que as transgrediam. Eram os excessos naturais de uma autoridade, isto é, de um regime encarnado num único homem, que compreendia a transitoriedade das suas fulgurações. Esse regime propagou-se e influiu mais ou menos acentuadamente por toda a parte. E com ele, perderam-se ou retraíram-se as grandes virtudes humanas de coragem, de independência, de honestidade, de dignidade e de desprendimento, porque com ele esqueceram-se também as gloriosas tradições viris e puras que tanto haviam exaltado um passado ainda não de todo perdido.

Aqueles pequeninos mandatários nas repartições, nos escritórios, nas oficinas, e principalmente nos estabelecimentos de ensino exerceram terrível ação de desgaste contra o organismo social, comprometendo todas as nobres intenções espontâneas que surgiam com o intuito elevado de melhorar as condições humanas de vida, cumpliciados na confusão e nos escombros destes dias angustiosos. Mandatários de um poder geralmente sem limites, a serviço de uma mística e sob a limitação de horizontes quase sempre terrivelmente estreitos, eles não compreendiam que aquilo que julgavam estar realizando em benefício do Estado não era mais do que uma obra de destruição do próprio Estado, da sociedade e das probabilidades de sua reconstrução em bases mais lógicas, mais racionais.

Porque tais mandatários eram, em quase sua totalidade, executores cegos dos seus mandatos, provenientes de uma classe doutorada na ignorância. Haviam participado daquele retrocesso que Gilberto Freyre denunciou na Faculdade de Direito do Recife, e que, seguramente, ocorreu em maior extensão nos países totalitários, que os tinha caracterizado como utilitaristas "indiferentes ao valor do ensino e a dignidade do estudo".

Outros elementos que não fossem esses, assim formados, não poderiam servir a essa trágica experiência moderna do totalitarismo, a maior incoerência da razão, se alguma razão justificasse tal regime fora das exceções comportadas nas horas de emergência. E aqui é necessário assinalar que muitas vezes até a democracia se aproximou dos seus moldes, porém, já agora como legítimo recurso de defesa do próprio indivíduo e da comunidade nacional, valores fundamentais de civilização a que chegamos, um e outra ameaçados, a fim de combater o perigo com os mesmos processos, numa adaptação oportuna, mas não, felizmente, completa. As circunstâncias provocadoras, entretanto, mesmo aqui, concorreram para elevar uma classe que só poderia exercer a sua "missão" em conformidade com a sua ignorância, com os seus recalques e as suas deficiências e limitações.

Localizada a sua presença ou a sua passagem nos estabelecimentos de ensino, mesmo num exame rápido, concluiremos que eles destruíram uma parte considerável das probabilidades com que poderíamos contar para uma indispensável e justa reorganização social, após a tormenta destas horas amargas. Reconduziram os institutos de educação àquela condição denunciada pelo vibrante Raul Pompéia. Os estabelecimentos de ensino voltaram a ser as casas onde, na expressão de José Américo de Almeida, "extraía-se a personalidade, como se extrai um dente podre". Em vez de se proporcionar ao estudante o conhecimento e o livre exame de todos os rumos, limitaram-no com a imposição de um caminho para o seu destino, sob o retórico argumento de velhos princípios já hoje vazios e caducos, e a idéia primitivista de superioridade racial. Estimularam os estudantes à denúncia e à delação. Depressa deles começaram a fugir a solidariedade e a confiança mútua. A discórdia os dispersava e os distanciava, levando-os a se evitarem uns aos outros, e mais do que isto, verdadeiramente, a se hostilizarem e a infundirem terror uns aos outros, no interesse de se preservarem a si próprios ou se aproveitarem na parca distribuição da simpatia professoral.

Não possuímos no Brasil, como na Europa e nos Estados Unidos, tradição universitária. E sabemos que em toda a parte, devem as nações quase todos os seus grandes movimentos de renovação àquele belo e construtivo orgulho tradicionalista da Universidade. Coimbra deu a Portugal a maior e a mais fecunda das suas revoluções, para lembrarmos apenas o naturalismo na literatura e as instituições



Escritor José Américo de Almeida

"A primeira reunião 'Retrato de uma hora de transição', por Rivaldo Pinheiro, assegurou inteiramente o sucesso do Curso, que vem despertando o mais vivo interesse em nosso meio jornalístico e intelectual e entre a classe estudantina"

O Diário, 17 de julho de 1943.
A República, 25 de junho de 1943.

democráticas na política. Possuímos no Brasil casas de ensino, escolas superiores ou ginásios, que têm, entretanto, representado papel relevante em todos os nossos movimentos de ordem política ou cultural, entre os quais este Atheneu, de glorioso e longo passado histórico.

Todas elas possuem elevadas tradições de orgulho, de liberdade e de independência. Essas tradições foram e se acham ainda ameaçadas. Os estudantes sofreram amplas e perigosas restrições em sua liberdade, e em torno deles se criou um ambiente de temor, de desconfiança e de discórdia. O constrangimento da gravata lhes trouxe um sabor amargo à outrora risonha vida escolar. A instabilidade de um sistema pedagógico, se por um lado os desorientava repetidamente, por outro lhes oferecia a cumplicidade e as facilidades da confusão, conduzindo-os a um esforço diferente daquele a que deveriam ser conduzidos: o esforço bem menor em obter a promoção pela humildade dos pedidos de fim de ano, que era uma renúncia ao orgulho e à dignidade.

Nada os levava à solidariedade associativa, à arregimentação de classe, ao forte interesse pelo estudo, que deveriam ser os caminhos para a preservação das virtudes de uma mocidade vigorosa e idealista. Os professores, muitas vezes, dissociavam a matéria dos seus programas, e, sobretudo, quase sempre não tomavam contato com o estudante que lhe permitisse o conhecimento das suas fraquezas e dos motivos que os poderiam estimular. Não raro o aluno representava apenas um número na classe e no estabelecimento, e a sua ignorância natural e justificada, em vez de levar o professor a um esforço por se tornar mais claro e compreensivo, conduzia-o à indiferença e ao desprezo, fazendo aprofundar-se mais o abismo dentro do qual se achava o jovem cedo despertado para as tarefas do conhecimento.

Não era apenas falta de boa vontade o que eles denotavam, mas verdadeiramente, a todo passo, falta de compreensão e deficiência de educação pedagógica, trazendo ainda para a aula, não raro, sombrias conseqüências de aborrecimentos longe dela provocados. Tal atitude do professor era aproveitada pelos alunos menos tímidos e geralmente menos estudiosos, que pela humildade e pela adulação conquistavam a sua simpatia. O professor se tornava, desta forma, sem que o percebesse, perigoso instrumento de corrupção, de desvirtuamento da personalidade que começava a desabrochar, em vez de ser estímulo ao culto das virtudes viris e a concorrência no estudo. A classe se dividia entre os "cafofas" - aqueles que adulavam e conspiravam contra os outros - e aqueles que não abdicavam da independência, da altivez e da liberdade. E essa divisão significava desarmonia, que progressivamente ia extremado os estudantes entre si. Os "cafofas" se aprimoravam em suas bajulações. Ao passo que os ou-

tros, pouco a pouco, perdiam completamente, sem qualquer incentivo e no confronto da grande injustiça, todo o gosto que por ventura neles haviam despertado as sugestivas curiosidades que ofereciam os programas inéditos do curso.

A ordem nos estabelecimentos era geralmente mantida com aproveitamento dessa discórdia, e não com o objetivo de combatê-la. O exercício da espionagem aviltava a muitos estudantes e conduzia muitos outros, às vezes por simples referências confiadas a supostos amigos, à desesperada sujeição de uma atenção especial por parte das autoridades da casa. Enquanto uns delatavam e denunciavam, sob ocultas influências, todos se rebaixavam, se perdiam na mais vergonhosa humildade, nenhum se sobressaía, nenhuma reação aparecia, nenhum movimento renovador reconduzia os moços ao culto da tradição escolar. Extraía-se verdadeiramente a personalidade como se extrai um dente podre. Secionava-se o caráter. A mocidade não procurava encontrar o seu "leader" nem erguia o seu estandarte. Separavam-se ou dividiam-se os estudantes, reserva moça e forte para a tarefa de construção de um mundo melhor do que aquele para o qual foram eles convocados, numa obra inconsciente mas obstinada de retrocesso às trevas das primeiras idades da civilização humana.

Esta é que é a ordem a que as idéias totalitárias arrastaram o nosso mundo. Elas não se restringiram, como temos procurado supor, para nos enganarmos. Elas irradiaram-se, infiltraram-se por toda a parte, até mesmo entre aqueles que delas se defendiam. Porque, se elas ameaçavam, era preciso organizar a defesa. E os mesmos processos foram então utilizados para combatê-las. Abusou-se, por ventura, da autoridade, e o regime da autoridade elevou os incapazes e fez retraírem-se os verdadeiros valores. E os pequenos mandatários, títeres de ínfima estatura moral, dos seus postos nas cátedras do ensino e em outros setores da vida, vieram comprometer profundamente os grandes e nobres projetos do futuro.

Um mundo sem homens altivos, corajosos, desprendidos, cultos, honestos e solidários, será um novo mundo bárbaro, num acaso talvez definitivo de todas as conquistas humanas. Preferiríamos, evidentemente, ver todos os indivíduos empenhados na defesa do organismo social e na luta pelo progresso das suas próprias condições de vida e pela sua elevação espiritual. O sentido dessa ação depende fundamentalmente da formação moral e cultural do indivíduo, que se processa na juventude. Se, nos bancos escolares, são os jovens conduzidos à desconfiança em si próprios, ao temor, à desconfiança mútua e à hostilidade, estarão sendo aí construídas bases falsas para nelas ser assentadas a nova sociedade que se tem em vista organizar.

Não é ainda demasiadamente tarde para vol-



Sociólogo e escritor Gilberto Freyre

tarmos ao culto daquelas tradições de algumas das nossas casas de ensino mais antigas e ilustres. Se não temos tradição universitária, temos, entretanto, nessas casas, tradições que constituem uma parte substancial do nosso valor como comunidade social e política. Já não temos de tratar apenas da sua preservação, porém agora do seu próprio aproveitamento, para nelas novamente buscarmos os exemplos de um passado que nos deve dignificar.

E esse aproveitamento, que representará uma preparação para o desempenho das nossas grandes tarefas no futuro, no estabelecimento de uma salutar e verdadeira nova ordem numa nova idade da civilização, não poderia ser feito sem o culto e o respeito à personalidade e às grandes e eternas virtudes do caráter, e sem que se tornasse mais branda essa autoridade de que tanto se tem abusado. Não poderia ser feito sem que a liberdade voltasse a animar a vida escolar; sem que, num clima de independência onde não houvesse lugar para a subordinação, a humilhação e o constrangimento, sob outros e novos estímulos, os moços pudessem escolher, como outrora, os seus verdadeiros "leaders" e levantar o estandarte das suas legítimas aspirações. Os demagogos haveriam de retrair-se e não mais falar ou agir em seu nome. E a juventude, assim redimida, poderia então merecer dos mais velhos a confiança de continuar as suas tarefas.

Cultivando na mocidade justamente o que nela há de melhor e mais importante a ser cultivado, poderão os homens de hoje reconduzi-la a um regime de confiança íntima e recíproca, de congraçamento, de honestidade e de independência em suas atitudes, incentivo à inteligência investigadora e criadora, que tornaria efetivamente os jovens aptos para o desempenho de funções e atividades fecundas no organismo social.

Desejaria que fosse, e suponho que seja esta a palavra dos moços da minha geração, o anseio das reservas ainda sadias e não corrompidas da mocidade. E a minha geração foi uma geração que nasceu da luta para o sacrifício de outra luta maior. Que os mais velhos nos permitam ao menos procurarmos e seguirmos os novos rumos que eles desprezam, e que são, todavia, os verdadeiros rumos pelos quais poderemos algum dia chegar à conquista duma vida efetivamente melhor, mais humana e mais racional do que esta que eles nos proporcionaram, em que possamos assistir à vitória daquelas aspirações perfeitamente legítimas de paz, de tranquilidade e de segurança.

Esta é, definitivamente, uma hora de transição. E isto significa que é também uma hora de confusão, de subversão, mas, sobretudo, de renovação. Estamos passando de uma a outra idade da História. A idade a cujo ocaso assistimos, serviu para o desenvolvimento de erros graves, que foram a causa das nossas dolorosas vicissitudes atuais. Mas, o fato dos nossos avós nos haverem legado um mundo falsamente construído, não nos deverá conduzir à construção falsa do mundo em que terão de viver os nossos filhos e os nossos netos.

APRESENTAÇÃO PROFESSOR AMÉRICO DE OLIVEIRA DESTACA QUALIDADES INTELLECTUAIS DE ANTÔNIO PINTO

“Os homens sentem que são irmãos”

Falando no Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, antecedendo-se a Antônio Pinto de Medeiros, o dr. Américo de Oliveira Costa pronunciou no dia 17 de julho de 1943, o seguinte discurso:

PERFIL



AMÉRICO DE OLIVEIRA COSTA

Nascido em Macau, Américo de Oliveira Costa se considerava um natalense por opção. Formado no curso de Direito em Recife-PE, foi professor do Atheneu Norte-Riograndense e jornalista profissional, exercendo a profissão num período de 15 anos, entre 1940 e 1955. Durante muito tempo, foi secretário de redação e editor do Diário de Natal. Sua vida jornalística caminhou ao lado das vocações literárias, tendo diversas obras de sua autoria publicadas. O professor Américo de Oliveira Costa faleceu aos 86 anos, em 1º de julho de 1996.

1
Nas palavras com que inaugurou este curso de conferências, Alvarado Furtado classificou-o como uma tentativa e um esforço a fim de preservar e estimular, na mocidade conterrânea, o amor, o gosto e o interesse em relação aos valores eternos do espírito e da cultura, tão direta e perigosamente ameaçados nos dias em que vivemos, pelas forças primitivas da intolerância, do ódio e da brutalidade, a serviço de uma filosofia e de um regime político-sociais, que tentam subverter os quadros da liberdade universal, como pelos do egoísmo, da ambição, da vaidade da febre exclusiva de sucesso material, estas igual e tentaculamente disseminadas na sociedade moderna, com os mesmos intuitos negativistas quanto às mais generosas tendências da criatura humana.

Em verdade, devo começar por dizer que nenhuma atitude mais bela e mais nobre do que essa do diretor deste educandário, o que revela nele o homem que vê claro e justo no meio da tormenta, e, assim, procura orientar num sentido de equilíbrio e de compreensão - equilíbrio e compreensão que só os elementos da cultura e do espírito podem, aliás, proporcionar -, os jovens cuja fase mais plástica de preparação intelectual se processa sob seu comando.

2
É de muitas origens e espécies, e para a sua formação, desenvolvimento e grandeza concorreram raças e gerações diversas, em diversas regiões e em instantes diversos do itinerário, da aventura humana na face da terra, o legado espiritual e cultural do mundo. Vós bem o sabeis. A Acrópole grega, diante de cujo mármore divino, esculpido em linhas harmoniosas e imperecíveis. Ernest Renan sentiu a inefável presença da beleza, da sabedoria e da alegria perfeitas, a Acrópole onde hoje, num supremo gesto de escárnio, se balouça, aos ventos largos e lavados dos ares olímpicos, a infame bandeira nazista, - a Acrópole, repito, pertence àquele patrimônio.

Mas também nele se integram, como lembrei, manifestações múltiplas de diferentes naturezas e de diferentes configurações. Shakespeare e o seu teatro, como Balzac e o seu romance, nos quais os sentimentos idênticos à espécie adquiriram os seus mais sugestivos e poderosos símbolos; Montaigne e os seus ensaios, tratado e interpretação do ser humano, em geral, através da profunda experiência de um só homem; El Greco e as suas tolas, onde a angústia e o êxtase atingiram as suas mais vivas expressões; Beethoven e a sua música imortal, Beethoven de quem dizia Wagner: "Creio em Deus e em Beethoven"; Miguel Ângelo e o escopro de titão que lhe outorgaram os deuses; Nietzsche e o seu alonismo filosófico; Ruskin e a sua pura consciência de artista; Castro Alves e o condoreirismo de sua poesia, que iluminou de estranhos e ardentes luanes de epopéia a redenção de uma raça, - são, por exemplo, outras tantas formas de um mesmo monumento aere perennius, erguido pelo poder criador do gênio, sob o influxo do idealismo e da fé.

Nenhuma fronteira pôde aprisioná-los nos seus es-



O prédio da Capitania dos Portos hoje é a Capitania das Artes, na Ribeira, um 'point' de artistas

treitos relativismos; quer se tratasse da nação, da língua, da religião, da moral. São de sua pátria e de seu tempo, mas transcendem à terra e à época, indenes do jogo das fórmulas, das convenções, das aparências e das escolas, para projetar-se no amplo, numeroso e ressoante anfiteatro da inteira humanidade.

De nada valerá que aquela "bêtise au front de taureau", a que alude o verso baudelaireano, e que foi o desespero do pobre Flaubert, isto é, a ignorância, a estupidez, o erro, o obscurantismo, a hipocrisia, levarem as suas asas sombrias e as garras para abafá-los ou destruí-los.

E é por isso que, em qualquer país, em qualquer período histórico, em qualquer geração, nesse terreno comum, pelo menos, os homens se entendem e acabam sempre por sentir que são irmãos.

3
Anatole-François Thibaut, no século, e simplesmente Anatole France, na vida sagrada das letras, sobre quem vai falar-vos, dentro em pouco, o conferencista desta noite, é uma categoria pessoal, como aquelas a que me referi anteriormente, que, pela arte, escapou aos limites efêmeros e levianos do tempo.

Combatido, negado, caluniado, admirado ou amado, atitudes que significam, afinal, grandeza essencial em sua obra - só o que é real se presta a uma infinidade de interpretações, diz Paul Valéry -, esse escritor francês, cujo centenário transcorrerá no ano próximo (em 1944), tem a seu favor a contínua memória dos homens.

Abra-se, examine-se, estude-se, não digo a história literária de seu país, mas a do próprio mundo. O seu nome há de ser irrecusavelmente encontrado.

"Extrema flor do gênio latino", como queria Jules Lémaitre; "a quem todas as máscaras da Verdade e do Erro sorriem igualmente", como inscreveu d'Annunzio na dedicatória de um livro que lhe enviou, ele é um momento na marcha do espírito e da cultura. Permitir, a esta altura, que vos cite ainda Lémaitre, e Maurras e Barres, a seu propósito: "...la plus ferme et la plus fine, la plus elegante et la plus robuste, la plus belle et la plus jeune des Cariatides que decorent la tribune de nos Lettres et de nos Arts" (Maurras); "L'esprit de M. Anatole France est une des "re-sultantes" lês plus riches de tout lês travail intellectuel de ce siècle" (Lémaitre); "Anatole France a maintenu la langue française" (Barres).

Poderia encerrar com tais referências esta rápida pas-

sagem que realize sobre o tema desta festa literária. Desejo, todavia, confidenciar-vos, já que se me oferece a oportunidade, que Anatole France constitui um dos meus ídolos familiares, neste quotidiano, contato com os livros, que é a minha ventura e o meu tormento.

Contam que Charles Maurras, que lê "Candide", de Voltaire, uma vez por ano, conclui quando o fecha: "Está livre a estrada", e isso visa significar que "Voltaire desbasta largamente as ilusões, afasta os nevoeiros".

Amo o criador de Sylvestre Bonnârd, principalmente porque nele encontro semelhantes características. E em vos adiantando, outrossim, que também amo Pascal, por exemplo, confesso-vos lealmente que não acredito assumir qualquer posição contraditória. É que estou ouvindo a voz de Marcel Proust, falando não recorde a respeito de quem, mas certamente em circunstâncias idênticas: "Je reconilie tous ces dieux ennemis dans lês Panthéon de mon admiration..."

4
Antecedi a Antônio Pinto de Medeiros nos caminhos de Cronos. Essa contingência não impediu, no entanto, que afinidades de gosto literário estabelecessem entre nós ambos o laço de uma camaradagem duradoura e cordial.

Sempre o conheci apaixonado e inquieto, fixando a todo instante a marca de uma personalidade própria. Encarna um desses seres que se classificam como de diálogo, isto é, cuja inteligência mantém perpétua indagação e curiosidade diante dos fenômenos e das fórmulas. Ágil e lúcido, - e escrevo estas palavras, num máximo de sinceridade, - fico esperando que a imagem que nos trace esta noite do escritor francês, na palestra que intitului, com um senso de proporções admiráveis: "Conversa sobre Anatole France", dê aos presentes o autêntico depoimento de um dos mais sérios e seguros índices intelectuais de sua geração.

5
Quis trazer-vos, com estas coisas que vos disse, mais um gesto de simpatia e solidariedade à feliz iniciativa de Alvarado Furtado, instituindo este curso de conferências.

Fio em que o exato alcance de minha despretençiosa intenção haja sido devidamente compreendido e julgado".

LITERATURA ANTÔNIO PINTO DISCURSO SOBRE A BELA E TRADICIONAL CULTURA FRANCESA

Conversa sobre Anatole France

Palestra de Antônio Pinto de Medeiros, pronunciada no Colégio Estadual do Rio Grande do Norte em 17 de julho de 1943:

PERFIL



ANTÔNIO PINTO DE MEDEIROS

Antônio Pinto de Medeiros foi seminarista, bacharel em Direito pela faculdade de Recife-PE e professor de Latim, Português e Literatura em escolas de Mossoró e Natal. Ficou conhecido como um dos maiores críticos literários de sua época, pois tinha conhecimento profundo das literaturas francesa, portuguesa e espanhola. Foi o primeiro diretor d'O Poti e ainda dirigiu a Imprensa Oficial no governo Sylvio Pedrosa.

Lembram-se, os senhores, daquela passagem de "La Rôtisserie de La Reine Pédauque", em que o abade Coignard, no primeiro contato com Jacques Tournebroche, o discípulo afeiçoado, ante a infantilidade de frei Ângelo, "l'oiseau rare", preconizava, repetindo Teócrito, a formação literária como honra do homem, consolação da ávida e lenitivo a todos os males, mesmo aos do amor?

Pois foi o Poeta Grego, de mãos dadas com monsieur l'abbé, quem me arrastou à escolha de um tema de literatura para esta palestra - crime horrendo - cuja responsabilidade, felizmente, pesa sobre os ombros de Alvamar Furtado, o grande diretor desta casa.

Pensei, inicialmente, em vos apresentar a figura de Romain Rolland, eremita modesto e doce que resolveu buscar no mosteiro tranqüilo da Suíça ambiente para realizar a mais dignificante de todas as missões: a meditação. Recordam Renan ao deixar São Sulpício: - "Penser me paraissait l'objet unique de ma vie?"

Abandonei a idéia. Ao invés do retraimento doentio do autor de Jean Christophe, o riso largo de M. Bergeret. Preferi, à vida e à obra desse simpático descendente dos quietistas franceses, um rápido retrato de Anatole France, herdeiro de Rabelais e Montaigne, através de Voltaire e Ernesto Renan. Ao contemplativo, o lutador.

Ademais, Romain Rolland é uma esfinge. Como a velha maravilha do Egito, testemunha impassível de séculos de história, necessita ser redescoberto. A areia do ouvido e do desprezo cobriu-lhe o vulto, lançada pelas forças da incompreensão e da intolerância política. Explicar-lhe as atitudes e reabilitá-lo constitui tema por demais melindroso em dias como estes.

Anatole, não. É um homem em toda a plenitude do termo. Pagou à vida todos os tributos, conheceu-lhe todos os aspectos e nuances. Deixou-nos um exemplo e uma obra que significam o mais acabado tratado de filosofia da existência e o mais suave método de "savoir vivre". É um amigo paternal de todos os dias. Que se recorda com prazer e de quem se fala com liberdade e amor.

1944 assinala o transcurso do primeiro centenário de seu nascimento. Largo daqui a idéia de uma comemoração solene. Terá, ao certo, o aplauso dos espíritos elevados e de quantos amem a cultura e a arte.

E minhas palavras serão bem a preparação remota a uma realização que antevejo amparada pelos que nos estão dando a honra de sua presença, como por todos os que têm o sabor das belezas do espírito.

Nasceu em Paris, a 16 de abril de 1844. Recebeu o nome de Anatole François-Thibaut. Seu pai, porém, François Noel Thibault, era conhecido nas rodas de amigos pelo nome de guerra: - France. E o filho o herdou, aceitou-o e tornou universal.

Nunca um pseudônimo se adaptou tão bem a um homem e representou tão ao



Vista panorâmica do bairro de Petrópolis, onde está situado o Atheneu, em meados do século passado

vivo seu todo espiritual.

France: - um estado de alma universal. Um ritmo inimitável de ascensão para a luz. Uma ânsia incontida de fuga... para o infinito.

Cultura francesa: "a coisa mais bela e delicada do mundo", mística tradicional da nobreza, da sensibilidade, da tolerância. "Mine e entraille de l'esprit humain", como afirmava Chateaubriand.

Nessa terra nasceu ele. Nessa cultura se imergiu e se formou. Na "douce France" a maturidade intelectual é precoce. No berço se recebe um passado irresistivelmente luminoso. Uma trajetória profundamente humana e sadia.

Anatole compreendeu o valor do legado. Apaixonou-se loucamente por sua pátria. E a responsabilidade da missão. Nasceu nele, então, o desejo vivo de se tornar grande e dar glória à França. Ele próprio nos fala de seus propósitos em livros de reminiscências deliciosos e sinceros.

Além desse impulso vivificador, recebeu a influência irresistível do ambiente em que se desenvolveu sua infância. É Will Durant quem nos conta: - De um lado o Louvre. De outro um "sebo" no Quai Malaquais.

O Louvre: - o mais rico e esplêndido escritório de obras de arte da humanidade. A quintessência do belo. Impassível. Indulgente. À disposição de todos os olhos e de todos os gostos. Mestre e formador de dezenas de gerações francesas.

O sebo: - Uma porta ou uma tenda. Mendigo com alma de esteta. Manancial de maravilhas do espírito. Mecenas de todos os moços pobres a quem a vida não sorriu com leitos de veludo e com o fausto da grandeza hereditária. (Os senhores não ouviram falar nos tempos em que se nascia rei e em que a honra era uma herança?)

Aquilate-se o efeito educacional dessas pilhas de livros a que o próprio Anatole chamou a coroa do Sena - Rio da Glória -, desta confissão delicada e humana: - "Naquela zona solitária podeis evocar o espírito dos que já se foram, como se dispusésseis de uma varinha mágica... Quanto a mim, foi lá que encontrei a sabedoria. Aquelas rumas de papel borrado de tinta de impressão ensinaram-me a vaidade dos triunfos que amarelecem, da

glória que floresce e morre... Ó, sórdidos velhotes judeus, da cherce-midi, cândidos vendedores de livros no cais, meus mestres, quanta gratidão vos devo! Mais que os professores da Universidade... fostes vós quem derramou diante de meus olhos deslumbrados as misteriosas formas da vida passada e toda a sorte de monumentos do espírito humano". (Lê livre de mon ami - cap. X).

Esses mestres de Universidade, orientadores de sua imensa formação latina, guias admiráveis a quem Renan confessa gratidão imperecível, foram os jesuítas. Ganharam a gratidão - dever - mas não a amizade - devoção. Nem de France nem de Lemaitre, Renan, Diderot, Montesquieu ou Rousseau.

Anatole jamais negaria o valor de seus ensinamentos, que entram em grande percentagem na assombrosa cultura que o torna um dos mais preclaros humanistas de todos os tempos.

Nunca, no entanto, lhes confessará esse afeto sereno e firme ou esse apego arraigado ao velho Colégio Estanislau, esse liame inextricável entre o passado e o presente, que constitui, talvez, a mais bela forma de viver...

Entre os estudos científicos e os clássicos preferiu estes: "seis ou sete anos de cultura literária dão ao espírito preparado para recebê-la uma nobreza, uma beleza e uma força que não são conseguidos por nenhum outro meio". (Apud Durant).

Depois da fase do Colégio Stanislaui, há um longo período de sedimentação intelectual, assinalado pela composição de dois volumes de poesia e pela transição religiosa do catolicismo a um agnosticismo sereno e leve...

Pela poesia, como se deu com Zola, se inicia a vida literária de Anatole France.

1879 assinala o término de sua fase de preparação para a literatura, com a publicação de "jocaste et lê Chat Maigre", livro de conformismo e moderação ante os valores do passado.

ROTINA FATOS E FOTOS QUE COMPROVAM MUDANÇA DE COMPORTAMENTO DA CIDADE DE NATAL

A Natal de 1943



A Rampa de Santos Reis foi o "point" de encontro dos americanos durante a 2ª Guerra Mundial. A foto à direita registra o encontro em Natal dos presidentes dos EUA, Franklin Delano Roosevelt, e do Brasil, Getúlio Vargas, quando foi oficializada a participação brasileira no conflito



Eider Furtado
Advogado

Vivíamos o ano de 1943. Natal, como de resto de todas as nações, respirava os horrores da Segunda Guerra Mundial. Mães angustiadas diante da perspectiva de ver os seus filhos arrancados para os conflagrados campos da luta terrível, ainda que no ar dominasse um clima de patriotismo, de destemor colocado a serviço da democracia.

A cidade, pouco a pouco, adicionava ao seu cotidiano hábitos ou costumes que não eram, originariamente, seus, mas trazidos para cá pelos soldados e marinheiros do Tio Sam, que de Parnamirim fazia a sua escala técnica para a África, e de lá para os outros continentes envolvidos no combate ao nazi-facismo.

Assim, a presença dos militares convocados à guerra transformava sereno e pacato panorama de Natal, parecendo fazê-la, algumas vezes, esquecer a catástrofe que ceifava vidas e enlutava meio mundo. Eram populares misturados com norte-americanos, tentando balbuciar palavra que fosse do seu idioma na esperança de se verem agraciados por um dólar que fosse. Eram os clubes "fechados", da Praça Augusto Severo e da Av. Getúlio Vargas, onde as bandas tocavam músicas alegres para divertir, em mistura com "senhorinhas" da nossa sociedade, os militares ianques em trânsito para o desconhecido.

Era assim que naquele ano, entre as transformações que lhe eram impostas por um conflito mundial, vivia a nossa cidade



O advogado Eider Furtado estudou no Atheneu e trabalhou na REN, nesse período

de Natal, transformações que lhe seriam marcantes para os dias do futuro. Hábitos alimentícios, mudanças no vestir simples da sua gente, eram a tônica de uma época que surpreendia a timidez de sua gente.

Naquele ano de 1943 eu estudava no mais tradicional estabelecimento público de ensino, do Estado, o Atheneu, aluno do segundo ano de seu Colegial, na sua primeira turma do Clássico. Um prédio de linhas arquitetônicas clássicas que nunca deveria sido trocado pelo "monstrego" construído no seu lugar para servir a uma Secretaria da Prefeitura de Natal, ali no que se costumava chamar

de balastrada da Junqueira Aires.

Nos dois ou três anos anteriores a sua administração sofrera séria alteração: o professor Celestino Pimentel, lente de inglês que o dirigia, sabe Deus a quantos anos, por uma decisão política do Governo Estadual fora exonerado do seu cargo. Seu substituto, o cirurgião dentista José Gurgel do Amaral Valente, professor de Física, por mais que desse de si o melhor, não conseguia vencer a resistência dos alunos, em sua maioria, inconfornados com a substituição do professor Pimentel. Procurando conciliar os desencontros, o Governo nomeou um novo diretor, o ainda jovem advogado e já seu pro-

fessor, Alvar Furtado de Mendonça.

Ao assumir suas novas atribuições Alvar procurou tirar o velho Atheneu de sua rotina de aulas didáticas, levando-o para patrocinar movimentos de alta linhagem cultural, coisa que ninguém antes ousara tentar. E assim, ao lado dos rigores do seu currículo escolar promoveu ciclos de conferências. Era a forma de salvar seus alunos da rotina, muitas vezes enfadonha, de aulas nem sempre motivadas, despertando neles o interesse pelos movimentos intelectuais.

Lembro um desses ciclos que reuniu, selecionados, alunos que já desempenhavam na cidade atividades jornalísticas como João Wilson Mendes Melo, Luiz Maranhão Filho, Rivaldo Pinheiro e Antônio Pinto de Medeiros, este, fazia pouco tempo, saído do seminário salesiano. E para que tivesse esse Ciclo a participação efetiva dos educandos, o fez realizar em sua salas de aula. O seu sucesso revelou-se nos entusiásticos debates de modo que além das palestras ou conferências ficassem resultados bem positivos.

Arrisco-me, ainda, trazer da memória um outro Ciclo de Conferências reunindo nomes consagrados do nosso mundo cultural, como o professor Edgar Barbosa, o capitão farmacêutico do Exército Porfírio da Paz, anos depois vice-governador do Estado de São Paulo, professor Esmeraldo Homem de Siqueira, respeitável pelos seus conhecimentos e, ainda, o cônego Luiz Gonzaga do Monte, sacerdote católico, estudioso das ciências naturais e um nome que enobrecia o corpo docente do velho educandário e o clero.

Alvar supria assim a escassez de nossos movimentos culturais, trazendo para os nossos educandários, a idéia de que eles representavam muito mais do que simplesmente educar ensinando, pois tinham, também, a missão de difundir a cultura, o gosto pelo intelecto. Mas, não me lembro que essa semente tenha sacudido a comodidade dos educadores da época, até porque com mais um pouco de tempo o professor Celestino Pimentel era reconduzido à direção do Atheneu, que, sem qualquer dúvida, era grande parte de sua vida. Contudo, Alvar sacudira o mundo cultural norte-rio-grandense que não lhe regateou aplausos.

Vale lembrar, ainda, que motivados pela instalação da Rádio Educadora de Natal, a REN, pioneira da radiofonia norte-rio-grandense, cuja denominação foi mais tarde substituída pela Rádio Poti, os estudantes do Atheneu de nosso tempo, montaram seus movimentos artísticos, mantendo naquela emissora o programa "Estudantes em Desfile", do qual participei sempre formando um dúo de violino e piano com Domitila Noronha, no acompanhamento dos nosso estudantes - artistas. Vale dizer que por esse tempo eu já integrava o "cast" da REN, como um dos violinos de sua Orquestra de Salão e, desempenhava, num proveitoso aprendizado, as tarefas de repórter do então jornal "A República".

Estas as lembranças que trago daquele ano de 1943 e de uma Natal descoberta para o mundo como o "Trampolim da Vitória", servindo de base às forças da democracia e, por isso, ensaiando ali os primeiros passos que marcaram profundas transformações na sua vida e nos hábitos de sua gente.



Por um momento, as conferências roubaram a cena dos predominantes noticiários da Guerra. Abaixo, as fotos do antigo Atheneu, do Grande Hotel, da Rádio Educadora de Natal, hoje Rádio Poti e da Maternidade Januário Cicco, que serviu de abrigo para soldados americanos



REPERCUSSÃO

Conferências chamam a atenção da imprensa

O Ciclo de Conferências do Atheneu Norte-Riograndense, na época chamado de Colégio Estadual, mobilizou toda a cidade, merecendo uma ampla cobertura da imprensa, mesmo apesar da 2ª Guerra Mundial, que ocupava grande parte do noticiário. As conferências conseguiram roubar a cena, diante da complexidade dos temas e da excepcional desveladura dos alunos palestrantes. Durante quatro noites, o Atheneu reuniu o que tinha de melhor da intelectualidade, superlotando seus salões e causando grande polêmica na sociedade, principalmente no meio religioso.

Nos dias seguintes, os jornais estampavam a repercussão dos discursos, através de artigos de militantes na imprensa da época, como Câmara Cascudo, Aluizio Alves, Aderbal de França, Raimundo Nonato e muitos outros, além do intelectual gaúcho positivista Lourenço Branco, que pertencia às forças armadas e estava morando em Natal.

A imprensa da época limitava-se ao Jornal A República, O Diário e A Ordem, além da Rádio Educadora de Natal (REN). As notícias chegavam muito atrasadas na capital potiguar, que tinha uma população girando em torno dos 50 mil habitantes. As notícias da guerra, por exemplo, vinham através dos alto-falantes da agência pernambucana de Luiz Romão, que retransmitia, em português, os noticiários da BBC de Londres na hora exata. À noite, uma verdadeira multidão se reunia no Grande Ponto para ouvir o noticiário da Guerra. Nessa época, o estudante do Atheneu Rivaldo Pinheiro criou uma coluna n'A República chamada de 'O Diário da Guerra', onde escrevia tudo que ouvia no rádio.

Foram somente quatro dias de evento, mas o suficiente para render um total de 38 matérias veiculadas nos três grandes jornais existentes na época, no período de junho a agosto de 1943. O veículo que destinou maior espaço para o tema foi o jornal A República, com 25 inserções.



INSERÇÕES - 1943

JUNHO						
S	T	Q	Q	S	S	D
	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30				

AGOSTO						
S	T	Q	Q	S	S	D
						1
2	3	4	5	6	7	8
9	10	11	12	13	14	15
16	17	18	19	20	21	22
23	24	25	26	27	28	29
30	31					

JULHO						
S	T	Q	Q	S	S	D
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28	29	30	31

Matérias veiculadas

- A República (25 inserções)
- O Diário (08 inserções)
- A Ordem (1 matéria) e mais outras 04 simultâneas
- *Marcas em vermelho indicam os dias de veiculação das matérias

Continuação da página 15

"O Crime de Silvestre Bonnard", de 1881, foi obra forte. Valeu-lhe um prêmio da Academia e atraiu-lhe a atenção do grande público. Algo de representativo do caráter de Anatole e denunciador da orientação futura de seu espírito e de suas obras.

- "Bonnard, velho e honrado membro do Instituto de França, vive uma modesta vida de estudos, em sua biblioteca, disputando ao gato a única poltrona existente. A espaços viaja pela Europa em coleta de antiguidades de erudito, modestamente aceitando como sua igual em dignidade científica Mme. Trepoff, colecionadora de caixas de fósforos. Encontramo-lo até na Sicília, entretido na compra de fatias de melancia a um vendedor ambulante que grita: - "Co tra calle vive, magna e lava la faccia" - "com três centavos você come, bebe e lava a cara". Mas em todas estas excursões e estudos seu espírito não se absorve nos velhos manuscritos e velhas edições. Bonnard não pode esquecer que a filha da mulher que anos atrás ele fiel e inutilmente amou está sofrendo de solidão num odioso convento. Não tem ele requisitos legais para fazer-se o tutor da menina, e seu crime é furta-la durante a noite e leva-la para sua casa. Já de muitos anos que a envolve de todos os carinhos. Por fim o inevitável sobrevém - o namorado, e o velho Bonnard vê o prêmio de sua vida escoar-se-lhe das mãos, deixando-o mais solitário ainda. Mas não se queixa. Abençoa os noivos e, vendendo a sua única propriedade, a biblioteca que levou a vida inteira a juntar, redu-la ao dote da moça. E quando ela se afasta, o velho Bonnard, criminoso de duas paixões, retorna de coração vazio para a sala vazia, onde encontra o gato a ocupar a sua cadeira" ... (apud Durant, Os grandes pensadores, tr. Monteiro Lobato).

Não há nesse relato delicado o gosto amargo daquela desilusão serena que encontramos no "Bouvard et Pécuchet" de Flaubert ou naquele "rien changé" com que o próprio Anatole encerrara, ao depois, o triste e cético "Revolte des anges?"

Zola pontificava. "O crime de Silvestre Bonnard", entretanto, sem problemas sexuais e sem atentados ao pudor, constituiu para a França uma nova luz e desenfastiou os espíritos afeitos à rudeza do realismo. E fez de France o pontífice da crítica literária na França, através das colunas de "Lê Temps", onde, durante quatro (4)



Sócrates, filósofo grego

anos assinou, semanalmente, os ensaios que constituem, hoje, os 4 volumes de "La Vie Littéraire". O convite para a colaboração no "Lê Temps" partiu do entusiasmo da Adrien Hébrard após a leitura do romance. Poderia esse judeu legar maior oferta à posteridade?

'La Vie Littéraire' são páginas de um impressionismo diletante e fino, sem orientação filosófica definida, de rumo extremamente pessoal, onde o gosto era o único dogma e a equanimidade o ideal supremo. (Para France, a falta de gosto era o tal pecado tremendo que não merecia perdão). Crítica individualista ("La varité est qu'on ne sort jamais de soi même". "Pour être franc lê critique devrait dire: - Messieurs, je vais parler de mol à propos de Shakespeare, à propos de Racine, ou de Pascal ou de Goethe"). Clara (... "les trois grandes qualités de l'écrivain français, sont, d'abord la clarté, puis encore la clarté et enfin la clarté"). Sem apego a preconceitos literários e a parti-pris moralistas. Crítica emotiva. Em linhas curvas. Com uma desilusão em face das letras, como ante todas as manifestações do espírito humano. Sorvei-lhe os ensinamentos com sofreguidão. Tereis o mais elegante modelo de estilo e o mais rico repertório de graça e leveza. Percorreréis um labirinto inimitável de sutilezas e jogo de idéias. Preparai o espírito, porém, Ramate inacreditável: - "Je crois qu'il est plus sage de planter des choux que de faire des livres". "O livro é o ópio do Ocidente. Ele nos devora Dia virá em que seremos todos bibliotecários. Será o fim. Porque os livros nos exterminam". Será a vitória de Oscar Wilde: - "Toda arte é absolutamente inútil?"

Leram "Candido", os senhores? Lembram? "Vamos cultivar o nosso jardim? E Duhamel: - "Fables de mon jardin?" Castilho: "a Felicidade pela Agricultura?" E La Fontaine que nada via de mais invejável que o destino de um homem cuja felicidade consiste "aux beautés d'un jardin?"

Os livros nos exterminam. É verdade. Doce suicídio. Divino faquirismo. Mas tomai: - "Lês désirs de Jean Servien" (1882) e "Lê livre de mon ami" (1885). O último são reminiscências. Saudosismo ameno que encerra a fase de conformismo e de tributo ao tradicional.

De 1890 a 1895 é quando mais Anatole produz. Produz assombrosamente. Balzaqueanamente, digamos. Seis obras primas lhe saem da pena.

"Thais", em 1890. Sua fonte é a "Tentação de Santo Antônio", de Flaubert. Seu ambiente a Tebaida. As colunas mestras: - Thais - atriz. Paphnuce - eremita. Thais - a carne. Paphnuce - o espírito. Thais - o paganismo. Paphnuce - o cristianismo. Acompanhai a metamorfose. Vereis Paphnuce desganhado e louco, no deserto, ansiando pela posse da carne e da matéria. Sentireis o olor que se evola do leito de Thais moribunda, na ascensão espiritual para Deus.

É a vitória do corpo sobre a alma, como Balthazar, seu conto magnífico, será o triunfo da alma sobre o corpo. Nunca se traçou melhor o contraste e a quebra da rotina e do convencional. Jamais se pôs tão ao vivo a força e a lógica estranha do destino.

Podeis condenar-lhe o fundo moral. Sereis subjugados pelo estilo. Negareis a existência do filósofo. Elevareis aos pináculos o artista.

Em 1893 escreveu "La Rotisserie de La Reine Pédauque". Ano do nascimento de uma de suas mais simpáticas personagens: o abade Jerônimo coignard. É ainda um livro epicurista. Cheio de carne e de sensualismo. Vereis as aventuras de um Riquet humano em busca de mulheres e amor. Encontrareis, também, as preferências intelectuais do próprio Anatole e as raízes de sua formação clássica: - Lívio, Cícero, Platão, Aristóteles, Políbio, Tucídides, Epicteto, Sêneca, Boécio, Homero, Esquilo, Sófocles, Terêncio, São João Crisóstomo, Balílio, Jerônimo e Agostinho, Erasmo, Tomás de Aquino e Bossuet.

Acompanhareis as loucas manias científicas de M. D'Astarac e Mosaide, perpetuamente às voltas com Salamandras, Sílides e Elfos. Mas deparareis igualmente, o equilíbrio do abade Coignard - lê mortel magnifique - para a progenitora de Jacques Tournebroke, a rir serenamente das loucuras humanas e a vos perguntar paternalmente: - "Que vale uma mulher se a compararmos a um papiro alexandrino?"

Tereis M. D'Astarac a lançar ao mundo as bases da "Revolta dos Anjos" e a vos apresentar um demiurgo mau humorado e irritado, "artesão que trata os objetos de sua indústria com incalculável desgosto e aversão".

Deparareis, por outro lado, l'Abbé Coignard a vos aconselhar uma natural indulgência pelas fraquezas humanas", a traçar os rumos da mais sublime de todas as virtudes: a tolerância, contra o farsaísmo, e a expirar com um conselho brando e doce nos lábios: "Crains lês femmes et lês livres pour la mollesse et l'orgueil qu'on y prend". Ele que já tinha dito: - "Experimentei diversas maneiras de viver e ulgo que a melhor é, entregando-nos ao estudo, assistir em paz às vicissitudes dos homens e prolongar, pelo espetáculo dos séculos e dos impérios, a brevidade de nossos dias".

Monsieur l'abbé Coignard tem muito de Anatole. É contraditório e visionário. Como D. Quichote ou Hamlet - a fantasia e a dúvida - ele se assemelha à humanidade. É o próprio homem em sua essência.

RECORTES



Veríssimo de Melo

Escolhendo a figura de Anatole France, "o homem do riso e da tolerância", como acentuou o conferencista Antônio Pinto, o fez com profunda sabedoria. É um autor que ele conhece como gente grande. É uma atitude diante da vida e dos homens que o próprio Antônio Pinto, em parte já a assimilou também.

Antônio Pinto foi um moço que teve formação muito diversa da nossa. Andou em seminário e foi obrigado a aprender as declinações latinas Tim-tim-por-tim-tim. Não é de se admirar, portanto, que ele citasse na língua do evangelho. Além disso, abandonando a vocação sacerdotal, o que é naturalíssimo, veio com aquela esfomeada curiosidade de ler os autores proibidos. Topou com os franceses e com Anatole. Atitude pelo avesso daquela outra.

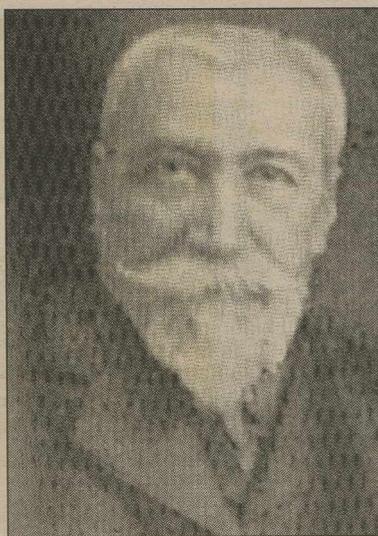
Antônio Pinto, na sua elegante conferência, acompanhou Anatole através da sua obra. Demorou-se nos pontos que mais o impressionaram. Destacou personagens mais queridas à sua sensibilidade. Não foi tarefa de um dileitante, não senhor. Foi trabalho de um apaixonado incorrigível pelas letras francesas, de um jovem que sente já um sabor todo especial em citar aquelas frases estrangeiras, o mesmo sabor talvez que nós sentimos ao pronunciar essas expressões bem brasileiras, esses termos bem gostosos do norte.

■ (Texto extraído da orelha da plaqueta)

CONHEÇA ANATOLE FRANCE

Anatole François-Thibault, literariamente conhecido por Anatole France, nasceu em 1844 e faleceu em 1924. Um dos mais notáveis escritores franceses modernos, Anatole é autor de grande número de livros que são hoje considerados obras-primas, tanto pela sua fina ironia e riqueza de temas, como pela incomparável elegância do estilo. Iniciou-se nas letras em 1873 com o volume de versos "Poemas Dourados", a que se seguiu o volume, também de poesias, "Núpcias Coríntias".

Depois, nunca mais escreveu, senão em prosa, contando-se por dezenas os volumes com que enriqueceu a literatura de seu país e do mundo. Destacam-se: "O Crime de Silvestre Bonnard", "Thais", "O Lírio Vermelho", "A Ilha dos Pingüins", "O Anel de Ametista", "O Manequim de Vime", "O Sr. Bergeret em Paris", "As Sete Mulheres de Barba Azul", "Historia Contemporânea", e outras.



Em "La Rotisserie e La Reine Pédaque" começamos a amá-lo. Essa compreensão e esse afeto se completam com a leitura de "Lês Opinions de L'Abbé Coignard", escrito no mesmo ano de 1893.

M. Bergeret vive mais extensivamente, na obra de Anatole France.

O Pe. Coignard mais profundamente.

Com M. Bergeret travamos conhecimento respeitoso. Com o mestre de Jacques Tournebroche amizade duradoura e confiança afetiva.

Quando Jules Lemaitre, o homem que repartiu por muito tempo, com Ernesto Renan, as glórias de mestre supremo da crítica francesa, publicou Serenus, conto filosófico que é a própria estátua da impossibilidade de crer, Anatole France escreveu num de seus rodapés de crítica: - "Está próximo o tempo em que Pôncio Pilatos será tido em grande estima por haver pronunciado uma palavra que durante dezenove séculos pesou sobre sua memória. Quando Jesus lhe disse: "Vim ao mundo para dar testemunho da verdade, quem for da verdade escute a minha voz", Pilatos respondeu: - "Quid Veritas?" Hoje os mais inteligentes entre nós não dizem senão a mesma coisa: - "Qu'est-ce que la vérité?"

Por que as Teologias entendem de nos impor seus dogmas, quando o fundo moral de todas as religiões é o mesmo e quando "é de atos e não de idéias que vivem os homens e os povos?" Por que as tábuas de Moisés e não a lei natural?

Por que a ciência nos anatematiza quando não damos crédito a suas teorias, desde que nenhum homem penetrou a essência das coisas e jamais se conseguirá provar o "adaequatio intellectus et rei" dos tomistas, para a maioria das teses científicas?

Por que todos os ensinamentos não trazem antes de si uma condicional salvadora?

Por que não aprendemos a História que a verdade vulgar é fruto de um consenso universal passível de revolução e remodelação ab imis? (Vede Ptolomeu e Copérnico. Galileu a repetir, teimosamente, na hora do transe final - "Eppur se muove" - seu grande testamento).

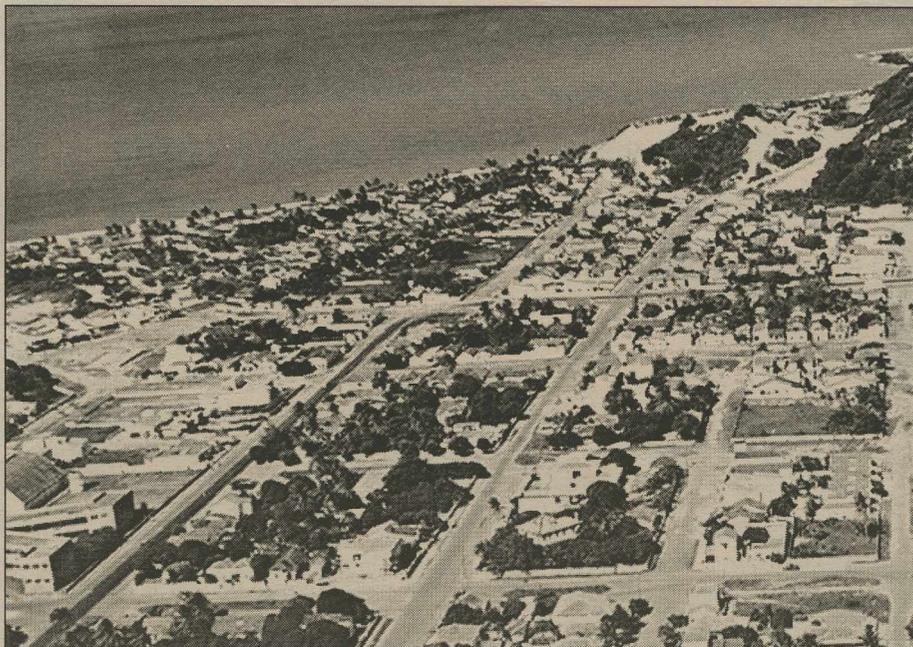
Quem nos afiança o valor absoluto dos nossos meios de aquisição de idéias, de dedução e indução?

Quem nos delimitará os campos do subjetivo e do objetivo, realizando o equilíbrio de duas forças tão avassaladoras? Qual a média dos conceitos diversos e contraditórios do bom, do verdadeiro e do belo? Por que não confessarmos, candidamente, que todo esse conglomerado de afirmações de ordem física, metafísica e ética é um mar inquieto e volúvel de conjecturas? Não teria razão Montaigne - "Morrer por uma idéia é dar muito valor a hipóteses?"

Todas essas interrogações, todos esses problemas, a que a presunção humana julga ter dado solução incosteste, encontrareis em "Le Jardin de Epicure" (1894) e "La Tragedie Humaine" (1895).

Cada corrente filosófica nos apresenta um mundo de teses e corolários. Cada uma delas ataca e impugna as demais. São concepções diversas, contrárias e contraditórias. Quem será o Juiz na arena da verdade? No ring das idéias? Homens? Deus? E os homens não são um mistério para si próprios? E Deus o maior problema da filosofia?

Se a razão natural chega até ele (nem nisto todos os sistemas se cruzam), tendo sua existência como um postulado, sua essência, seus atributos e qualidades constituem um "casus" insolúvel. Ademais: - Não será ele um expectador alegre de toda nossa comédia de erros e verdades?



Vista aérea do centro da cidade de Natal, em meados do século passado

Se não há uma das chamadas verdades primas filosóficas que constitua o ponto de cruzamento de todos os espíritos, atentai para a dúvida. Ela é o tributo universal. E a relatividade o seu grande corolário. "O Jardim de Epicuro" é a bíblia da dúvida. O evangelho da relatividade universal. Nele a perfeição moral consiste na tolerância. A sabedoria no riso.

Eu sei que os espíritos dogmáticos reduzirão, superiormente, a lugares comuns, o que significa, de fato, o martírio da razão humana, esquecendo que os alicerces e princípios fundamentais do conhecimento são ainda aquelas mesmas abstrações do primeiro dia. Que são, além disso, os dogmáticos e os inquisidores, que somos nós mesmos, senão lugares comuns da natureza e da espécie?

Não tinha razão Goethe, ao colocar nos lábios de Mephistóphes aquela invectiva sardônica? - "o deusito da terá está na mesma: - parvo com ab-initio?"

Lestes Bérghson? Ele vos mostra o valor real da linguagem e da palavra: - Transmutai-lhes o sentido. Ruirá o edifício de nossa vaidade e de nossas miragens.

Mas a linguagem e a palavra são a roupa, apenas. Será tamanho o valor do que para nós é acidente?

É em tal estado dalma que encontrareis Anatole France em 1895, ano em que surge nos arraiais da vida francesa l'affaire Dreyfus.

Um oficial francês, de origem judaica, é acusado de vender à Alemanha segredos militares. É condenado ao exílio. A Ilha do Diabo, na Guiana Francesa, é testemunha de todos os sofrimentos e humilhações que abateram o oficial degradado e degradado. Esse julgamento foi realizado sob a influência dos que consideravam, num prelúdio infeliz à teoria racista da direita, o judaísmo como fato de caráter material e não estado de espírito. Erro idêntico ao perpetrado pela esquerda na consideração do fenômeno burguês.

Teve como ratificadoras castas cujo egoísmo e intolerância todos conhecemos, feitas honrosas exceções. A dos que se julgam únicos depositários da confiança de Deus. E a dos que se arvoram em exclusivos defensores dos direitos da Pátria. Elas dominaram a opinião pública, aproveitando a intranquilidade dos ânimos e a confusão do momento.

Mas surgiu Zola com seu "J'Accuse" e com a reabilitação. Decorrência natural - "O protesto dos intelectuais", já de 1898. Anatole era um intelectual.

Complemento magnífico: os 4 volumes da "Histoire Contemporaine", série de romances de tese sobre o volumoso processo Dreyfus.

Dreyfus, depois de novamente julgado, absolvido e reintegrado em seu posto, se era realmente um espírito puro e idealista deve ter-se congratulado consigo próprio, por ter sido seu sofrimento a causa prima de um dos mais altos feitos da inteligência em viva demonstração de solidariedade e audácia.

De nossa parte, sem o conhecermos de perto, sem discutirmos o que haja de jurídico no turbulento "affaire", simpatizamo-lo como tema literário, exuberante. Sem ele não teríamos M. Bergeret, em seus quatro magníficos atos da vida, na ascensão admirável de "l'Orme du Mail" (1897), através de "lê manequin d'Osier" (1898) e "l'anneau d'amethyste" (1899) até "Mr. Bergeret a Paris" (1901).

Sem Dreyfus não conheceríamos Riquet (se eu não fosse o que sou quereria ser Riquet, palavra), cão sisudo, descendente, em linha reta do Sancho de Cervantes.

"A História Contemporânea" é uma forte revisão e réplica ao passado. Jérôme Coignard era um expectador. Homem de platéia. M. Bergeret um ator. Homem de arena.

Ao cético de ontem se contrapõe o meditativo professor a considerar "que não há galeria de mármore que valha uma mansarda ornamentada de belos pensamentos".

Ao indiferentista frio substitui o socialista, com seu ódio à guerra e o amor ao gênero humano.

Ao diletante calmo, o lutador.

Não é bem Voltaire que ressurgir? Recordai: - o terremoto de Lisboa. O fanatismo a responsabilizar o crime dos conscientes pela morte de milhares de crianças. O poema. O argumento: - "Ou pôde evitar o mal e não quis ou quis e não pôde. Rousseau com sua réplica Candide. Viagem de 3 dias para a imortalidade literária.

Voltemos à obra. Não deixeis de ler Mr. Bergeret em Paris. - Aquele 4º capítulo de reminiscências é das melhores páginas que nos pode prodigalizar a fertilidade mater da língua francesa. Não percais uma palavra da apóstrofe a Riquet. Quereis ouvi-la?

A APÓSTROFE DE M. BERGERET A PIQUET.

"- Tu também, pobre ente preto, tão fraco, a despeito dos dentes afiados e da profunda garganta, que pelo aparelho da força, tornam tua fraqueza ridícula e tua poltroneria divertida, tu também, tu tens o culto das grandezas da carne e religião da antiga iniquidade. Tu também, tu adoras a injustiça, em respeito à ordem social, que te assegura o nicho e o prato. Tu também, tu aceitarás como verdadeiro um julgamento irregular, obtido pela mentira e pela fraude. Tu também, tu és o boneco de engonço das aparências. Tu te alimentas de fábulas grosseiras. Teu espírito tenebroso se empanatura com trevas. Enganam-te e tu te enganas com uma plenitude deliciosa. Tu também, tu tens ódios de raça, preconceitos cruéis, desprezo pelos infelizes.

- E como Riquet voltasse para ele um olhar de infinita inocência, o snr. Bergeret insistiu com mais meiguice ainda: -

- Sei. Tu tens a bondade obscura, a bondade de Calibã. Tu és piedoso, conheces a teologia e a moral, tu acreditas fazer bem. E, além disso, nada sabes. Tu guardas a casa, tu a guardas mesmo contra os que a defendem e ornamentam. Esse artesão que querias escorraçar tem, na sua simplicidade, pensamentos admiráveis. Tu não o ouviste.

Teus ouvidos peludos ouvem, não aquele que melhor fala, mas aquele que mais alto grita. E o medo, o medo natural, que foi conselheiro dos teus antepassados e dos meus, na idade das cavernas, o medo, que gerou os deuses e os crimes, afasta-te dos infelizes e furta-te à piedade. E tu não queres ser justo. Contemplas a face branca da Justiça como figura estranha, divindade nova, e rastejas diante dos velhos deuses, negros como tu, deuses da violência e do medo. Admiras a força bruta, porque acreditas que ela é a força soberana e porque ignoras que ela se devora a si mesma. Não sabes que todos os ferros velhos caem diante duma idéia justa.

Tu não sabes que a força verdadeira está na sabedoria e que as nações só são grandes pela força dela. Tu não sabes que o que fez a glória dos povos, não foram os clamores estúpidos, desferidos nas praças públicas, mas o pensamento augusto, oculto em qualquer mansarda e que, um dia, espalhado pelo mundo, mudar-lhe-á a face. Tu não sabes que os que honram a pátria, pela justiça, sofreram a prisão, o exílio e o ultraje. Tu não sabes".

■ (Da trad. De Elói Pontes - Ed. Vecchi.)

Depois disto eu deveria silenciar. Ou perguntar-vos como aquela personagem de Ibsen: - "Ou faut-il regarder?" E responder com Allmers de "Lê Petit Eyolf": - "Em haut... vers lês sommets, vers lês étoiles, vers lê grand silence..."

Mr. Bergeret é um forte analista que dá sua adesão absoluta ao socialismo, por efeito de revoltas, recalques e influências exteriores. Anatole é um espírito de vida interior paralela à de Mr. Bergeret.

A "História Contemporânea" é o salto de trampolim para "Crainquebille" (1902), conto também, destes, que vale bem um manifesto de subversão. Como todo socialista rendeu a homenagem ao anarquismo.

Em 1905 escreveu seu livro de mística política: "Sur la Pierre blanche", utopia à Marx, Platão ou More, com magnífica visão final de "La cite future" e um riso de desilusão sobre seus próprios passos e sobre suas próprias idéias. - Porque Anatole se revela sempre um homem sem dogmas. A fuga ao ceticismo é, para ele, uma atitude. Como toda atitude, sem expressão.

Esse riso de descrença e indecisão é consequência natural do conhecimento dos homens. Remate da penetração de nossa natureza, que faz de cada um de nós um anti-Rousseau.

"A Ilha dos Pengoins" data de 1908. É a esponja sobre o idealismo de "Sur la Pierre Blanche". Revela um novo Swit. Está para a França como as "Gulliver's Travels" do Doctor of Divinity de Oxford para a Inglaterra. É a volta ao riso. Ao riso de Zadig. À ironia voltaireana que a todos atinge e chicoteia. A odisséia do padre Mael entre os pingüins, a evolução da nova raça, seu contato com a civilização e com a técnica, a estultície e superficialidade dos espectadores olímpicos, representam a mais acabada sátira sobre a história de um povo. Depois de Rabelais e Jonathan Swift ninguém riu mais cinicamente do passado e do presente. O valor desse livro, porém, não está nas verdades amargas que encerra. Mas no estado de espírito que revela. É um pouco da volta a Silvestre Bonnard, volta esta que se completa em 1914 com "La Révolte des Anges".

"A Revolta dos Anjos" é livro da velhice de Anatole. Definitivo e concentrado. Depois de M. Bergeret não mais lançará em obra escrita as sinuosidades de seu espírito. Concorrem aí o ceticismo intelectual de "Lê Jardin d'Epique" e o conformismo moral de "LE CRIME DE SILVESTRE BONNARD".

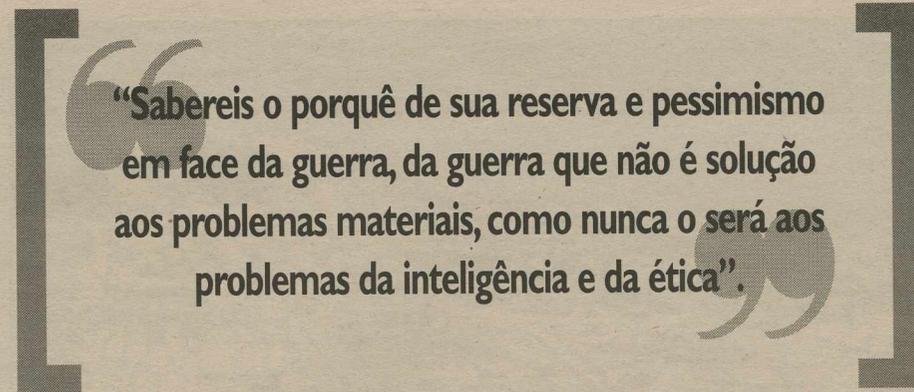
Vede como é tratada a metafísica: - "coisa que não tem outro nome, tanto é impossível designar por um substantivo o que não possui substância e mais não é que sonho e ilusão". Lembrai-vos do nebuloso filósofo: - "qui methaphysicam denegat in e a incidit?"

Vede como são olhados os filósofos: - "Podeis aí Admirar-os procedendo à solução, dissolução e resolução do absoluto, à determinação do indeterminado e à definição do indefinido".

Atentai ao conceito de sabedoria: - "La vraie sagesse est de ne songer a rien". - No fim da vida ele pedirá que lhe deixem caminhar para "la cite du revê..."

Ouvi a interrogação dolorosa lançada por voz misteriosa aos ouvidos de Maurice d'Esparvieu: - "Connaissance, ou'me conduis-tu? Ou'm'entraînes-tu, pensée?"

E esta outra: - "Qu'est-ce que l'esprit e qu'est-ce que la matiere?" Votre science,



"Sabereis o porquê de sua reserva e pessimismo em face da guerra, da guerra que não é solução aos problemas materiais, como nunca o será aos problemas da inteligência e da ética".

maintenant, tend a les reunir comme dex aspects d'une même chose".

SATAN conspira contra Deus e resolve fazer a revolução dos anjos decaídos. Consegue adeptos. Traça planos e rumos. Codifica leis e apresenta plataformas. Introduce no céu a ciência humana. Senta-se no trono de Deus. Aplica os mesmos métodos do soberano destronado. Impõe o mesmo código moral e termina por repetir ao Papa: - "Tu és Pedro e sobre esta Pedra edificarei minha nova ordem". "Rien changé".

Encontrá-lo-eis, nessa época, como Paul Valéry, reduzindo todo nosso acervo de idéias à tábula rasa cartesiana, ressaltando, ao invés do "ego" de Descartes, a obra de arte.

Achareis o apanágio da melodia nos lábios de um anjo encarnado.

E a arte e a tolerância personificadas em Mirar, nobre Mirar: - "Amigo, nem te apoio nem de condeno. Nada compreendo das idéias que te agitam. Não creio que seja digno de um artista fazer política. "On a bien assez de s'occuper de son art".

A Revolta dos Anjos é a sátira ao homem na ânsia de ultrapassar, moralmente, a si mesmo. É crítica acerba a todas as revoluções. O momento do primeiro dia. A volta ao papel de espectador sem devaneios". O retorno a Jerome Coignard e a sua ética conformista.

Há um livro de Anatole que foge a orientação comum de sua obra: - "A Vida de Joana D'Arc". Interpretação natural e positiva dos fatos extraordinários da existência da grande figura feminina da história da França: Sainte Jeanne D'Arc. - Custou-lhe 30 anos de pesquisas e canseiras: - 2 imensos volumes. Discute-se o valor de sua hermenêutica e condenar-se-lhe o método. Vê-se no fato de reduzir os milagres ao terreno do absolutamente sensível, crime e má fé. Apenas sabemos que é um monumento de belezas literárias, de cambiantes de estilo e jogo de idéias.

É onde nosso homem, a la par com o artista de "Lê Jardin de Epique" se irmana a Ernest Renan. Lá o pessimismo original e calmo. Cá a crítica do sobrenatural e a sua redução (ou tentativa de redução, não sei), ao terra a terra humano.

A Vida de Joana D'Arc forma acorde perfeito ao lado das "Origens do Cristianismo".

E deixei para o final desta conversa a mais magnífica faceta da personalidade diante de M. Bergert.

São de Nicolas Segur estas palavras: - "Seus

gestos familiares me povoam a mente. Ele me fascina como os gênios bons e em minha memória emergem, sem cessar, suas reflexões, que eram como o mel de tudo que sua inteligência assimilara no estudo do homem, olhando a natureza, ao meditar os mistérios do destino e das maravilhosas visões do desejo e da beleza". "Sim esse homem era uma fonte de luz. Escritor maravilhoso, ele tinha no mais alto grau o dom da conversação".

E o próprio Segur reuniu, em "Conversations" e "Dernieres Conversations avec Anatole France", os entretenimentos mais próprios a esclarecer e definir seu caráter e seu gênio.

Encontrareis nessas páginas, com graça impar, as mais variadas idéias sobre as paixões, os homens do passado e a história. Vereis nesses conceitos a razão de ser de tantas atitudes exploradas ainda hoje pelo farisaísmo que, segundo Renan, cita sempre por ouvir dizer.

Sabereis o porquê de sua reserva e pessimismo em face da guerra, da guerra que não é solução aos problemas materiais, como nunca o será aos problemas da inteligência e da ética.

Contempleis seu riso de desdém e de piedade, apêndice ao de "La Révolte des Anges", pelos demagogos de todos os dias e todas as horas, messias de novas ordens de direita, de centro e de esquerda, que desconhecem ou fingem esquecer que o aguçar os dentes e polir as garras são próprios e postulados dessa triste e miserabilíssima natureza humana, que eu sinto invencível dificuldade em acreditar criada à imagem e semelhança da de Deus. Apesar do Dominus Deus Sabaoth (Senhor Deus dos Exércitos) de que nos fala a Bíblia.

Lá estão os mais amargos conceitos que algum homem já externou sobre os benefícios da guerra e a ilusão da paz, sobre as quimeras e miragens do industrialismo, da técnica acima do espírito e do progresso material, da vaidade de toda a filosofia e da inaniidade da metafísica.

Paul Gsell anotou, em "Lês Matinéés de la Vila Said", tudo que lhe foi possível guardar da vida íntima desse homem, um dos piores oradores de todos os tempos, como ele próprio se classificava, desse homem que, como Gide jamais respondia às cartas recebidas, que achava monstruoso o descascar-se e comer uma maçã, esquecia sempre os encontros marcados e nunca desprezou o barrete de veludo.

É através dele que tomamos conhecimento com France teatrólogo (escreveu "Núpcias coríntias", "Farsa de um sujeito que casou com uma mulher muda" e a reconstituição cênica de seu conto "Crainquebille"), de suas relações com o Kaiser, com Rodin e Sara Bernhardt, suas teorias sobre as duas coisas mais estúpidas do universo: - A guerra e os gramáticos (lembram Horácio: - Grex porcorum grammaticorum?...)

Basta, porém. Somente um longo ensaio vos daria noção aproximada da doçura e do valor desse "causeur" exuberante, cuja obra se resume toda numa deleitável e longa conversação.

Não vos dei, como vistes, um ensaio de interpretação sobre Anatole France. E isto porque todo leitor é um crítico, que além da personalidade, tem poder de criação. - Meu intuito foi apenas o de despertar em vós o sabor desse "magicien de la parole, qui discourt comme um livre et comme lês plus exquis des livres". Digo mal. Não foi esse o único intento. Dir-vos-ei.

Muitos alegarão que France foi um contraditório, um confusionista, superficial, fragmentário e paradoxal. Seja.

Muitos alegarão, como admiravelmente o fez, entre nós, o sr. Tristão de Ataíde, num esplêndido paralelo entre M. Bergeret e Gide, sua desordem interior acaparada por um grande milagre de estesia e ordem exterior. Seja.

Muitos alegarão que ele aderiu inteiramente ao comunismo russo e até ofertou à causa da revolução soviética os 40 mil francos que lhe couberam como detentor do prêmio Nobel de Literatura em 1921. Seja.

Muitos alegarão, como Maurois, incoerência entre sua teoria e prática da vida, ao colocar Valery em face de M. Teste e Anatole ante Bergeret. Seja.

Muitos farão suas aquelas palavras de Gabriel D'Annunzio ao lhe ofertar "Pisanelle": - "À Anatole France, à qui tous lês visages de la Verité et de l'Erreur sourient pareillement". Seja.

Não pronunciarei o meu j'Accuse contra esses. Apenas vos aconselho: Entrai em contato com Anatole France. Ele vos ensinará o riso - e a tolerância, raízes da sabedoria da vida. Não esqueçais. Seja este o grande ensinamento. O riso e a tolerância.

Com eles soergueis o mundo. Mas... cuida-do. Não vos esqueçais: o riso e a tolerância...

RECORTES

PARA ALÉM DE ANATOLE

"Não se deve regatear aplausos ao esforço de professores e alunos do velho Atheneu, em sacudir aquela modorra, em que vinham atraído os moços mais intimamente para as lidas do espírito... Mas que não se apontasse com veemência, o perigo que foi e que é o pensamento Anatóliano, essencialmente demolidor, cético e irônico, ao mesmo tempo, decripto e sabarita, isto nunca esperávamos. Tanto faz que apodreça e esfaca a sociedade, vítima de um bando de idéias loucas, alimentadas por escritores do tipo de Anatole.

A ORDEM faz sentir estas coisas, não com o intuito de polêmicas. Falo com a consciência de que ao seu lado está o pensamento católico, sempre velho e sempre novo, que não admite a inconclusão, o estetismo puro, com o ideal supremo de vida".

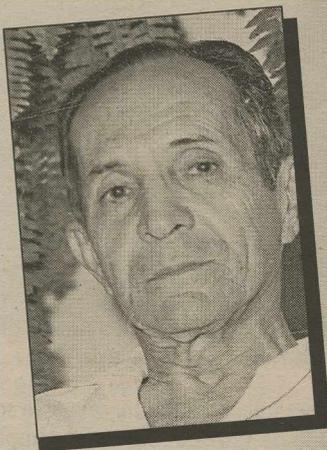
■ Trechos do editorial publicado no jornal A Ordem, de 17 de julho de 1943

APRESENTAÇÃO EDGAR BARBOSA DESTACOU O TALENTO E A INTELIGÊNCIA POÉTICA DE MENDES MELO

“Vim aqui para invejá-lo...”

O dr. Edgar Barbosa apresentou João Wilson Mendes Melo, no dia 24 de julho de 1943, no Colégio Estadual, pronunciando o seguinte discurso:

PERFIL



EDGAR BARBOSA

Nascido em Ceará-Mirim, Edgar Barbosa era Magistrado, jornalista, escritor, ensaísta, humanista e professor do Atheneu. No período de 1939 a 1957, foi redator do Diário de Natal, o qual publicou suas crônicas "Imagens do Tempo", posteriormente lançadas em livro com o mesmo título. Edgar foi ainda membro da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, do Conselho Municipal de Cultura, além de outras entidades. Veio a falecer no dia 6 de agosto de 1976, aos 67 anos, em Natal.

São os mortos aqueles a quem, nos dias de hoje, mais se exorta e interroga. No entanto, esses que ressurgirão nesta sala, egressos de estranhos países e de um tempo quase lendário, pela palavra de João Wilson Mendes Melo, não estão bem mortos. O conferencista de hoje, na feliz denominação que cingiu ao seu estudo, lhes proclama a glória e a eternidade. Vindos de pontos distintos e diferentes encruzilhadas do tempo. - Dante, Cervantes e Antero - o mesmo milagre os dispôs no pensamento de um jovem poeta, o gesto mágico de Melusina os trouxe da floresta rumorosa do "Quatrocentos" da Itália, da Espanha cavalheiresca de 1.500 e do Portugal do século XIX. Não são latinos, são universais. Aqui estão eles, bem vivos, em nossa presença, neste Ateneu de Alvamar Furtado e da mocidade, a quem são propícios e amáveis o gosto da emoção espiritual e o prazer irrenunciável de exprimir o que sentimos e o que pensamos. Há vinte séculos tem sido este o mais belo esforço da cristandade, a sua epopéia e o seu tormento. E ainda agora, entre nós, quando o espírito do Florentino ilumina com uma réstia prodigiosa o idealismo do nosso companheiro Mendes Melo, não é, de certo, para falar-lhe em Beatriz e sim para formular o apelo supremo de Verdade e Justiça, para firmá-lo na mesma austera promessa de Liberdade, sob cuja égide cremos e esperamos.

Dante é o mais silencioso dos três personagens que se acercaram do orador de hoje, porém, na verdade, é o mais amargurado, o que maiores queixas e recriminações teria a fazer. Daqui imaginamos a sua tortura e a sua revolta, quando a luz dos seus olhos se derrama sobre as planícies da Itália-Mater e logo se contrai, na vertigem do horror e da vergonha, voltando às pupilas que mais perto estiveram do infinito e que mereceram renovar a visão celestial de Jacob.

Nós, cristãos, nós, poetas, não podemos evocar Alighieri sem que nos flutue na alma um perfume de suavíssima gratidão. Cheia de peregrinos ferve, no estuário do Tempo, a sua tumultuosa Idade Média, e ele, o maior de todos os romeiros, nos conduz a uma peregrinação fantástica e sagrada, nos mostra as fontes do bem e do mal, ascende, como em uma transfiguração, ao Império do Deus vivo. Ele escutou, como nenhum outro homem em seis mil anos, o murmúrio solene e misterioso que Moisés ouviu na sarça ardente. Mas, se hoje os seus comentadores nos perguntassem em que região se encontra Alighieri, no céu ou no inferno, somente poderíamos dizer que ele está com os poetas.

Eis, entretanto, que João Wilson nos apresenta Cervantes e todos nós somos subitamente acometidos de uma espécie de ilusão literária e não vemos D. Miguel de Cervantes Saavedra, o batalhador de Lepanto, o risonho aventureiro do século XVI, que emergiu das águas do Mediterrâneo com o sal da ironia grega e o riso magnífico



Foto aérea do porto de Natal, às margens do rio Potengi, que ainda hoje serve de inspiração aos poetas

da Renascença. O que vemos, precisamente, é o nosso velho amigo D. Quixote, no seu sonambulismo idealista, chorando, para que os outros rissem, investindo contra a evidência e amando com a maior ternura que já se viu no coração humano. E a ele, ao nobre e casto enamorado, poderíamos pedir, neste recinto, com licença de João Wilson Mendes Melo: - Mostra-nos os teus moinhos, queremos derrubá-los! - Porque, meus amigos, - ai de mim! - ainda em você canta e ri, no castelo encantado, a doce e intangível Dulcinéia.

E afinal, Antero, o santo Antero, o cavaleiro da 3ª Cruzada que retardou sua volta e chegou, desolado e oprimido, a um mundo estranho, onde os homens se haviam organizado contra o Ideal e a Poesia, onde não poderia mais ser entendido. A sombra de Antero desenhou-se, ao longe, com o seu perfil de ave esquisita, sobre o horizonte da nossa mocidade. E nos legou, como uma sombra, o mistério da sua fuga e a aspiração de um sonho inexprimido. Dos antigos navegantes da sua pátria, recebeu, em um plano místico, aquele anseio do vago, do desconhecido e inexplorado, a desvairada ambição de encontrar, no oceano da alma, o seu caminho das Índias. Ele não é, à semelhança de Dante, uma "força da natureza", mas a sua expressão de humanidade é tão augusta e tão alta que, diante da memória de An-

tero, sentimos o mesmo estarrecimento de Robison ao deparar a marca da passagem de um homem no solo da ilha deserta. Ele nos deixa no espírito a impressão guliveriana de um gigante invisível, caminhando entre aldeias. Foi assim a sua passagem pela sociedade portuguesa.

Meus companheiros moços de Poesia!

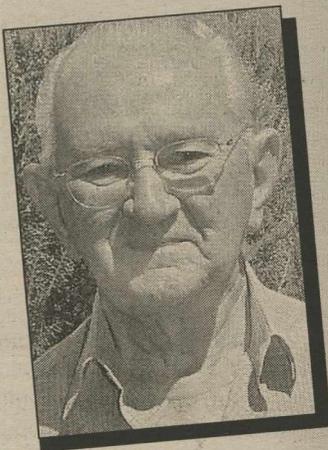
Como poderia apresentar João Wilson Mendes Melo a todos vocês, que o conhecem e que o sabem capaz de figurar entre os mais talentosos, nesse torneio maravilhoso de inteligência que nos proporciona Alvamar Furtado? Tem ele a seu favor a ilusão e a esperança alcionica dos moços. Não desviou a alma para o inferno de traficâncias e mesquinhas a que aludiu o poeta, não prostituiu o sentimento na filosofia postiça nem o excitou ao contato das frases de efeito, que são as dormideiras da cultura e o ópio da imaginação. Olha confiante para as estrelas, possui o encanto jovem dos primeiros vôos, a leveza do pássaro ao sair do ninho materno e experimentar o balouço do primeiro ramo. Vim aqui para invejá-lo. Para invejá-lo e dizer que, sob a inspiração desses grandes mortos, a inteligência vencerá e a velhice de amanhã não haverá de ter nos seus cabelos brancos, como um lençol de chumbo, a inquietação, a dúvida e a saudade.

TEMÁTICA PALESTRANTE ABORDOU O EQUILÍBRIO E RELIGIOSIDADE DE DANTE, CERVANTES E ANTERO DE QUENTAL

Presença de alguns mortos

Palestra de João Wilson Mendes Melo, pronunciada no Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, em 24 de julho de 1943, continuando a 1ª série de palestras naquele estabelecimento de ensino:

PERFIL



JOÃO WILSON MENDES MELO

Aos 83 anos de idade, João Wilson nasceu em Mossoró. Tem sua inteligência e cultura reconhecidas e immortalizadas pela Academia Norte-rio-grandense de Letras. É professor aposentado de Filosofia da História e um dos fundadores da UFRN.

A nossa vida está sempre presa à ação e recordação de fatos e pessoas que então pertencem ao passado tumultuoso e imenso de muitos séculos e muitas gerações, de sorte que, os seus homens nos rodeiam a cada instante. Tudo que fazemos é uma continuação do que gerações e mais gerações fizeram nos séculos anteriores. A nossa vida material de hoje é uma derivante, é um prolongamento aperfeiçoado dos costumes primitivamente usados, havendo entre os primitivos e os atuais, caracteres acentuadamente demonstrativos de que constituem uma única família. Assim também no estado atual do espírito e da cultura humanos, faz-se ver o mesmo encadeamento, a mesma seqüência de pensamento e de obras renovadas até o ponto considerado pela época como o máximo de perfeição. Há porém, neste ponto, uma margem considerável para objeções e conseqüentes divergências. É que entre os autores ou os orientadores da ordem atual, houve os que lhe deram uma direção segura e perfeitamente em seguimento ao que fora anteriormente ditado, na marcha ascendente do pensamento, e houve também os que se desviaram desta rota. A ação destes últimos, vemos nas manifestações de primitivismo ideológico que vibrou o cérebro e os músculos da facção que fez estremecer o mundo atual numa catástrofe tão bárbara quanto está em contradição com a ordem e o progresso perfeitos que reinavam no seio dos outros povos. Este pensamento mal orientado difundiu-se entretanto com a rapidez com que o fogo ateado na floresta alastra-se na sua ânsia de devorar. E os meios para fazê-lo sanar hão de ser tão violentos quanto ele próprio. Será demorada a sua ação, mas, a "flor vermelha", como a chama o povo da Jângal, das histórias de Kipling, tem que se descorar e morrer.

A estes assuntos, senhores, não podemos fugir, não os podemos contornar, quando temos a incumbência de nos manifestarmos hoje sobre qualquer assunto, porque nenhum está mais preso ao nosso pensamento do que ele, e nenhum influi tão poderosamente sobre nós. Criado um ambiente espiritual espesso, carregado de impressões que pesam sobre todos os sentimentos, formada esta inquietação em que vivemos e em que a mocidade, a quem cabe uma participação não somente de idéias e de sentimentos, mas também e principalmente de sangue, sentimos necessidade de uma evasão ao menos espiritual, já que o nosso corpo se acha nessa estreita cadeia.

E para que lado abrir esta janela pela qual o espírito será livre por instantes, pela qual irá banhar-se nas nuvens e no mar para aplacar o fogo terrível que o devora?

Recorramos, senhores, ao mundo incomensurável que é o passado, de onde nos têm vindo o bem e o mal, com o cuidado porém de escolhermos destas duas forças, a que satisfaça aos nossos bons intuitos e à nossa sede de tranqüilidade, de assuntos e palavras que confortem e que dêem novo ânimo para as nossas difíceis tarefas atuais. Vamos procurar aqueles cujos sonhos há anos externados e cantados pertencem a uma época passada e morta e estão dentro de uma literatura cada vez mais viva. E os devemos procurar em qualquer parte da terra porque deles procuramos o espírito e para este não há fronteiras



Vista parcial do Baldo, em direção às avenidas Rio Branco e Deodoro da Fonseca, na década de 1940

no mundo, o lugar de onde ele é filho e onde ele vive é o universo. Graça Aranha já disse que "é para o universalismo que tende o espírito humano".

E é sentindo-os presentes, a eles, alguns homens do passado, que chegamos à consciência exata de que existem grandezas e valores reais no gênero humano, e isto nos faz fugir à sufocante idéia de que somente em um mundo que não é este, somos valores consideráveis. Isto nos faz amar a vida e desviar das paisagens presentes a nossa vista que procura a beleza.

É indiscutível a necessidade de um ideal superior para guiar as ações e nortear o espírito de todo vivente. A nossa mentalidade, o nosso grau de civilização, hão de ser tão fácil e tão prontamente notados quanto seja forte e vivo esse ideal que nos anima e nos dá calor à vida. É incontestável a presença de uma idéia constante no cérebro dos homens a quem a humanidade hoje ergue estátuas e se deleita na contemplação de seus semblantes e de suas obras. E em qualquer parte da vida de um Napoleão, de um Nelson, de um Bolívar, em qualquer fase de suas existências laboriosas em que os tencionemos surpreender, esse ideal, essa intenção estarão impulsionando-lhes os movimentos e guiando-lhes as heróicas ações. E o que fizeram projetou-se no tempo, aumentando sempre de valor à medida que correm os anos

e os séculos. Para que, no entanto, seja esse somente o sentido de seus trabalhos, foi sempre preciso e ainda o será, a existência de continuadores, de quem tenha nas veias o mesmo calor que os animou e no cérebro o mesmo pensamento elevado. E porque uma plêiade de homens, num vasto conjunto de anos, foi semelhante, foi irmã num ideal, é que se fizeram a grandeza das nações, é que se venceram tiranos, é que se consolidaram nacionalidades.

Há épocas que auxiliam o homem nas arrancadas do seu gênio, na realização de fatos históricos e há épocas hostis a qualquer manifestação de grandeza, notadamente a grandeza espiritual, e em nosso pessimismo eterno, julgamos também que há épocas em que o contrário disso acontece, e, parece-nos, nelas tudo de grande se realizou sem que sangrassem o cérebro e o coração dos homens. Se fôssemos estabelecer as idades do mundo que caberiam nessa e naquela épocas, certamente para o tempo das gerações e das condições favoráveis ao êxito, com o nosso pessimismo atual, colocaríamos toda a história, e para a época difícil e hostil às grandes realizações e aos triunfos, deixaríamos os dias atuais e talvez, se o pessimismo fosse mais acentuado, aí também colocássemos os anos que se hão de seguir.

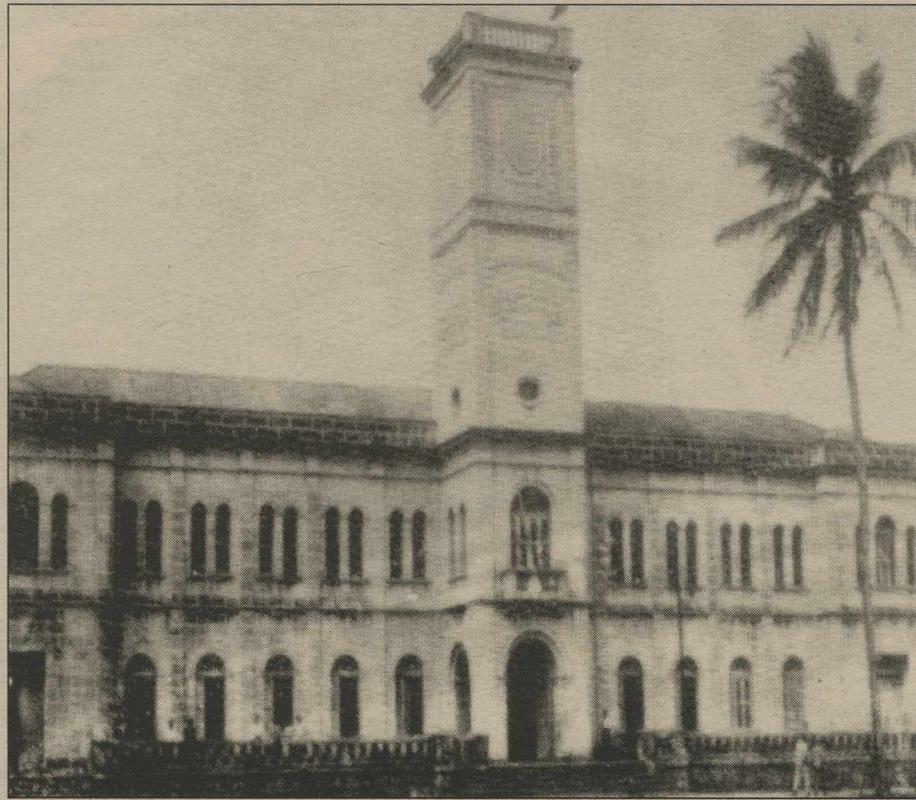
Neste estado de perturbações sociais e morais a que nos conduzem acontecimentos dos nossos dias, somos levados a generalizar a todos os homens, a comparar o seu trabalho construtor através de séculos, como daquele personagem de Alfonse Daudet, "o homem dos miolos de ouro", que, no princípio da sua existência poderia realizar tudo que o seu desejo imaginasse, porque com um pequeno gesto arrancava do cérebro o ouro necessário para qualquer empresa e que, passados alguns tempos, somente ensanguentando as mãos, fazendo jorrar sangue de sua cabeça, ele poderia arrancar de lá tênues fios de ouro que para muito pouco serviam... Atualmente nada fazemos sem o desperdício de uma grande energia, de um grande esforço, sem a perda de toda a mocidade e de todo o vigor. A visão de que sejamos a geração correspondente à fase final do homem dos miolos de ouro, só não apaga totalmente o entusiasmo dos possuídos de um espírito de grandeza e de trabalho, porque ainda há pessoas em que esse espírito e esse entusiasmo transbordam sempre. É inegável infelizmente, a ação desanimadora que ela exerce sobre todos. E podemos dizer que a realização do ideal em cada homem (e uso agora uma expressão cabocla), "cava um buraco fundo no peito".

Mas, as idéias e as opiniões variam sempre, entre elas há sempre contraditas, há dois lados, duas faces, duas porções que se igualam na força e no peso, e a obra prima da consciência são, é justamente saber escolher entre estas duas forças, a que é pelo menos mais semelhante à verdade. Este é o desejo que temos, esta é a fase a que almejamos chegar no curso das nossas reflexões, e, para que consigamos pelo menos o meio termo de sua grandeza, é mister que tenhamos em mente a realização de sua grandeza total.

Assim, tenho para mim, que o melhor raciocínio, pelo menos o mais proveitoso, não é este baseado unicamente nas idéias pessimistas, de imenso caos, de tormento invulnerável. Penso que melhor que esse pessimismo, a que, aliás, empresto alguma razão, é o seu oposto, é um otimismo suave, e que nasce dos modestos raciocínios em que orientarei de agora em diante as minhas palavras.

Para a realização de grandes ideais, para a prática perene do bem, não nos hão de faltar em nenhum tempo, como em tempo algum jamais faltou antes de nós, palavras e conselhos e um mundo infundável de regras para alcançá-las. Acontece, porém, que tão vasta é a proporção destes conselhos e destas regras, quão mingua-do é o número dos homens que, sendo seus autores ou seus admiradores, alguma coisa fizeram para demonstrar o valor prático dos seus conceitos e a eficiência de sua prática regular. Assim é que, no terreno teórico, é vasta a obra conselheiral e orientadora para as boas consultas e encaminhadora para os fins gloriosos, e no terreno verdadeiramente concreto da ação, a paisagem é pouco consoladora, afigurando-se-nos uma planície de acidentes pouco notáveis e por vezes até de aspecto desolador. A nossa ânsia se encontra, porém, nestes horizontes, pontos de referência que são imprescindíveis à completa retidão do nosso caminhar, nos faz percorrer distâncias, olhar o passado, e chegamos finalmente ao termo da procura.

Dentro mesmo das dificuldades da época, dentro mesmo do ambiente hostil que atravessamos, pode realizar-se qualquer coisa de grande, porque na verdade, foi sempre em



A primeira estação de trem de Natal, no bairro das Rocas, hoje é uma escola do Estado

épocas de maiores tormentas, materiais e intelectuais, que os grandes homens produziram a fase mais brilhante de suas vidas, foi em plena miséria que Dostoiévsky fez uma literatura maravilhosa, foi em plena surdez que Beethoven compôs sua música tão bela.

Stefan Zweig já lamentou em sua obra maravilhosa sobre Joseph Fouché, que ninguém tivesse ainda tecido um hino de louvor ao exílio, às reclusões, finalmente à tormenta dos homens, porque, como diz, desses acontecimentos desses "entreatos involuntários", numa sua expressão, e que tem nascido para o mundo o que constitui sua grandeza, e para a vida dos que os sofrem as suas melhores inspirações, os seus maiores momentos.

E, senhores, este terrível instante presente, as dificuldades que ele nos traz, envolvendo a nossa vida num ambiente por demais carregado de empecilhos, cheio de sombras e de vozes estranhas, onde se vê para cada lado uma incerteza, é que nos desperta inevitavelmente esta grande inquietação. E numa divagação própria do espírito em trabalho de buscar na memória quais os que antes de nós sofreram tamanhas inquietações, quais os meios que a esse estado os levaram, como nele se conduziram e o vieram a considerar posteriormente, encontro na figura imorredoura de Antero de Quental, outra vida, outro espírito que marchou em sua época, numa direção cujo prolongamento percorre em paralelo com a da geração atual, uma distância considerável. É que ele experimentou, como nós as maiores torrentes de espírito, unicamente porque teve sempre os problemas sociais e espirituais como o maior terreno para o trabalho de sua cabeça pensante. Este fato, porém, de sermos sempre acometidos de inquietações pela própria inclinação do pensamento, não nos deixa inteiramente surpresos, porque o exemplo deste mesmo Antero, já nos avisara de que o havíamos de experimentar. E esta dor de que foi acometido o poeta português, vinda como dissemos, de sua inteira preocupação pelos problemas transcendentes e também sociais, tem, de início, apenas uma divergência em relação a nós: é que sua ori-

gem é quase que inteiramente individual, apenas se refletindo naquela época na mocidade de Coimbra, que era uma nuvem de idéias e discussões em perfeita agitação, ao passo que em nós, a tormenta e renovação geral do exterior é que fazem o despertar de tantas idéias e de tanta agitação espiritual. Apenas, em Antero, a contribuição que lhe veio do exterior para a formação de seu caráter melancólico, foi a da paisagem de Ponta Delgada, sua terra natal, na ilha de São Miguel, que, como ele disse, era uma paisagem de "montes vulcânicos de formação monótona, demasiadas vezes envolvidos em tênue véu de vapor quente, que, tornando baixa a abóbada do céu e pesada a atmosfera, me entristecia a alma, sedenta de sol já quando criança".

A nossa alma, senhores, quando mais modesta que seja, nasce sempre com um desejo de luz, quer encontrá-la mesmo nos primeiros ambientes da vida e sua ânsia é possuí-la por toda a existência. E aconteceu que, quando abrimos os olhos para a vida, surpreendeu-nos o cinzento enfumaçado de uma atmosfera convulsionada e revolta. Esta primeira impressão acompanhava-nos por toda a vida. E a só lembrança de que, como disse há poucos dias Rivaldo Pinheiro, "nascemos numa época de luta e para uma luta ainda maior", já é vermos uma paisagem espiritual de montes vulcânicos de formação monótona, envolvidos em véu de vapor quente que, tornando baixa a abóbada do céu e pesada a atmosfera, entristece a nossa alma. Daí, deste primeiro contato com o mundo, é que adquirimos aquela dose de pessimismo que se torna uma mancha negra e destoante em nosso quadro espiritual, por toda a existência. A base do caráter que o ambiente familiar sempre nos almeja fornecer e faz viver no nosso cérebro e que é fundada em bases religiosas, encontra posteriormente em nós a ação competidora de outros elementos que agem com um tal denodo e uma tal força, que por vezes, e digamos, tão freqüentemente, apaga todo o encanto e toda a bondade daqueles ensinamentos.

Tal qual em Antero, quando principiou a es-

tudar a moral e a sociologia, o que havia nele de religiosismo foi esquecido, deixando em si o que deixa em todos os que o abandonam, um ardor enorme pela causa contrária, ardor que é, como a experiência o demonstra, alternado com arroubos de desânimo e dúvidas, e outra coisa ainda, o que é freqüente, uma grande inquietação. Todos os que falam em Antero de Quental são unânimes em dizer que quando o poeta abandonou, ou se viu pelas suas idéias compelido a abandonar a formação colhida no lar, começou a fase agitada de sua vida, que foi aliás, quase a vida inteira. Ele partiu daí pelo mundo das idéias e das cogitações como aquele personagem de Kipling, aquele religioso indú, numa grande procura de um Rio Sagrado. A distância a percorrer foi imensa, os tormentos nela encontrados foram ainda maiores. Quis esquecer um pouco, fugir por instantes àquele ambiente a que ele próprio se conduziu, quis colher outros conhecimentos, outras experiências e foi pa Paris ser tipógrafo, num tresloucado movimento de fuga. Voltou cada vez mais doente da alma. Mergulhou na questão social então ardorosa, batalhou pela realização da união ibérica, combateu contra os que queriam acabar a liberdade de pensamento. Neste combate, no ardor desta causa nobre, ele vive ainda na alma de muitos, anima aqueles que não querem nunca, que não consentem jamais que se lhes calque no cérebro uma idéia seja de que ordem for, porque sabem pensar e acham que a adaptação da vida e do pensamento a qualquer norma, só pode trazer o que é o seu objetivo - a elevação e a felicidade - quando entram no pensamento e na vida trazidos naturalmente pela própria inclinação dos sentimentos.

Na questão religiosa, o maior centro e fonte de sua inquietação, mais do que em tudo ele foi inconstante. Ora olhando de longe as religiões, ora as olhando de perto, condenando umas e exaltando outras. Do Cristianismo em que em épocas disse ver defeitos, afirmou depois haver nele "abismos de gênio, uma visão prodigiosa dos mais largos horizontes ideais", "de tal sorte que quem não conhece e compreende o Cristianismo, não pode dizer que conhece e compreende a humanidade".

E um largo estudo de sua obra e de sua vida, mostra as inúmeras direções em que jogava seu espírito em sondagens e debates, sempre dentro do terreno moral, religioso.

Por fim, uma reclusão completa na sua ilha foi o que lhe pareceu melhor e ao que se submeteu. Tão tragicamente pôs termo à vida que fica em todos uma lástima que seria muito maior se ele não tivesse escrito aquele último soneto que conclui sua obra. Aliás, ele não foi o único que, após uma enorme fase de fluxos e refluxos morais, desejou afinal "descansar na mão direita de Deus". O final de sua vida demonstra, porém, que ele ainda virou as faces para outro lado e que o desespero andou em sua vida numa marcha contínua e incessante para uma dominação completa.

Mas, senhores, falei assim, procurando demonstrar as tormentas que abalaram a vida do filósofo português e como um pouco delas fere também os que vivem neste século a que pertencemos, e como de um infortúnio semelhante, cujo estudo é para nós uma advertência, se pode tirar uma obra como a de Antero. "Fere teu coração, é aí que está o gênio", e Musset tinha talvez sua própria experiência quando o disse.



A Fortaleza dos Reis Magos, primeira edificação de Natal contruída para proteger o litoral potiguar das invasões, ainda é o principal cartão-postal da cidade

E, conduzindo-vos a outro de quem quero falar com este mesmo objetivo, eu vos direi que em "Dante Vivo", Giovanni Papini, quando estuda a alma do poeta da "Divina Comédia", afirma: "Grandíssimo foi Dante não só pelo seu gênio, como também pela sua dor. E o seu gênio foi sublimado, se não gerado, pela profundidade da sua dor".

O poeta da península que se mergulha inteira no Mediterrâneo, também conheceu na terra o inferno que cantou, e neste não lhe aparece como na grande obra a figura majestosa de Virgílio, para, dando-lhe as mãos, livra-lo de tantos riscos e do perigo daqueles três defeitos que estão simbolizados no primeiro canto da Comédia. Não teve ele também "ici-

bas" a convicção, a certeza de que ao fim de tantas vicissitudes chegaria à presença de Beatriz. Ao contrário, aquela de excelsa pureza, com um aceno que lhe fez, com uma única saudação, no seu segundo encontro com o poeta, não fez mais do que despertar a grande potência de amor do seu coração e faze-lo arrebentar de dor. Com os seus gestos de desprezo não fez mais do que impeli-lo para uma solidão infernal. Foi um grande solitário. A orfandade, o desprezo de Beatriz, a morte prematura dos amigos mais caros... o fizeram assim. E ainda mais as questões políticas sangrentas de sua terra, em que a competição era uma luta de vida e de morte, e em que ele não foi também bem sucedido,

tudo isto e a alma sensitiva demais para estes arrojados de luta, fizeram de sua vida uma vida desesperada, e ele soube no entanto, deste mesmo fogo que o incendiava corpo e alma, fundir tão maravilhosos versos, reproduzir tão grande mundo numa obra que está presente em todos os tempos. A Divina Comédia é o trabalho de um poeta e também de um sábio. Por ela estudamos muita coisa da Idade Média. A vida religiosa dessa época, e não somente dela, está contida nas três partes do livro: nos 34 cantos do Inferno, nos trinta e três do Purgatório e nos trinta e três do Paraíso. E o que sempre se sobressai nas leituras e releituras que se dão, é aquela angústia do poeta perdido na "selva

selvagem", acochado por três feras: o tigre, o leão e a loba, símbolos da carnalidade, do amor próprio e do amor pelas coisas terrenas. E a lição está em que a razão pura encarnada em Virgílio é que salva os que se perdem em semelhantes selvas selvagens. Agripino Grieco, quando nos vai falar de Dante, como um dos poetas cristãos, diz que sua pátria tem suas montanhas, seus lagos e tem Dante. Considera-o assim como uma coisa ou um acontecimento tão intimamente ligado à sua terra, tão pertencente a ela, tão aderente ao seu íntimo, tão necessária à sua paisagem como o são o Golfo de Nápoles, o Vesúvio e outros dos seus belos acidentes geográficos.

A nossa alma, senhores, quando mais modesta que seja, nasce sempre com um desejo de luz, quer encontrá-la mesmo nos primeiros ambientes da vida e sua ânsia é possuí-la por toda a existência. E aconteceu que, quando abrimos os olhos para a vida, surpreendeu-nos o cinzento enfumaçado de uma atmosfera convulsionada e revolta. Esta primeira impressão acompanha-nos por toda a vida. E a só lembrança de que, como disse há poucos dias Rivaldo Pinheiro, "nascemos numa época de luta e para uma luta ainda maior".

RECORTES



Luís da Câmara Cascudo

"Se dessem ao Sr. Alvarar Furtado uma lâmpada de Aladim, creio que nada pediria para si. Mas, num momento, faria surgir uma Universidade, com seus palácios e laboratórios, suas quadras e campos de esportes, a imensa livraria e uma vida intensa e nobremente vivida.

Esse curso de conferências é, como dizia o Sr. Américo de Oliveira, uma sugestiva aventura intelectual, sacudindo, agitando, provocando reação, comentário e movimento. Notei, inicialmente, a orientação do universal e do político sobre o nacional e objetivo. Nenhum tema brasileiro seduziu essas inteligências.

Basta o enunciado para índice de uma possibilidade virtual ao trabalho especulativo. Esses assuntos são velhos, mas os problemas continuam atraentes e sedutores como um vício novo aos olhos moços. O Curso de Conferências no Colégio Estadual foi um depoimento testemunhal de valores moços. Todos sonham com um ambiente de solidarismo, dignidade, alegria humana.

A mocidade só se distancia pela sensibilidade. Todo conhecimento pressupõe velocidade adquirida no tempo, no passado, nos antigos. Mas a mocidade de agora encontra problemas que abrangem áreas formais alcançadas outrora".

Trechos de artigo do escritor Luís da Câmara Cascudo (Acta Diurna, nº 250 - A República, 6 de novembro de 1943)

Há nele, como vemos, o mesmo exemplo, este milagre de gestação do belo de um conjunto de tormento e de dor, como o poderemos tirar também de nosso Humberto de Campos ou Augusto dos Anjos e outros que tivemos, ou ainda da história universal e viva de Cervantes, este que, num catre imundo, em Argamas-sila, na Mancha, após as lutas da Inquisição, extenuado, vencido, condenado à prisão, ali mesmo, tendo a alma ferida por tanta aventura mal sucedida, no corpo a lembrança da batalha de Lepanto em cicatrizes, assim mesmo, criou a figura imortal, o valente, o grande D. Quixote, que nos inspira audácias resoluções firmes, intrepidez, qualidades necessárias à realização de tudo a que nos propomos, e de quem aprendemos também a dedicação às nobres causas, o desejo de ser útil, a paixão pela realização do bem, tão grande e constante que se assemelha com a loucura.

D. Quixote é um nome, um acontecimento, uma coisa que vive em todos os tempos, sem nunca ter existido e sem nunca existir na realidade, tal qual a excelsa nobreza e o filantropismo que animam suas aventuras. É um desses livros, como a Divina Comédia também, que quando nos dispomos a lê-los, temos a impressão de que vamos preencher uma grande lacuna no conhecimento, e, ao contrário, surpreendemo-nos depois, ao ver que, dada a imensidão dos seus motivos e de suas idéias, que fizemos foi abrir novas lacunas no conhecimento.

Falamos de D. Quixote, é falamos muito de Cervantes, e acho que D. Quixote é maior do que Cervantes, se os considerarmos isoladamente, este, autor de uma grande obra, aquele um grande cavaleiro, com todas as virtudes dos cavaleiros andantes: e é também falarmos um pouco da humanidade, pela verossemelhança que há no mundo em que D. Quixote campeou.

Vejam no cavaleiro o sonho e a tentativa de sua realização. O fidalgo, encerrando-se em sua biblioteca (e vou usar uma expressão de Guilherme de Almeida), "fechou as portas para o mundo". É a fase do sonho. Nada mais o preocupou por tantos dias e por tantas noites do que as histórias, do que os feitos da cavalaria andante. O pobre fidalgo até esquecia de comer, mergulhado naquelas obras que vemos depois, quando o padre cura e o barbeiro vão fazer a escolha na sua biblioteca, para eliminar dali o que havia desviado a preocupação e o juízo do "engenhoso fidalgo". Ele se entregava a estes mundos da aventura com tanto afincamento que, diz Cervantes, "perdia o pobre cavaleiro o juízo; e desvelava-se por entendê-las, e desentranhar-lhes o sentido, que nem o próprio Aristóteles o lograria, ainda que só para isso ressuscitara". Depois, ele começou a imaginar coisas, a pensar na glória, na nobre missão dos cavaleiros. Imaginou-se também um benfeitor como aqueles. Esta idéia cresceu, avolumou-se em seu cérebro e o fidalgo resolveu ingressar no rol de tantos heróis que registravam os livros da ca-

valaria. Passou então à fase da realização, da ação. E vemos de princípio "a graciosa maneira que teve D. Quixote em armar-se cavaleiro". E armado à maneira dos seus admirados, dispôs-se a partir, tendo em sua mente esta espécie de profissão de fé que dizia:

"Minhas pompas são as armas, meu descanso o pelejar..."

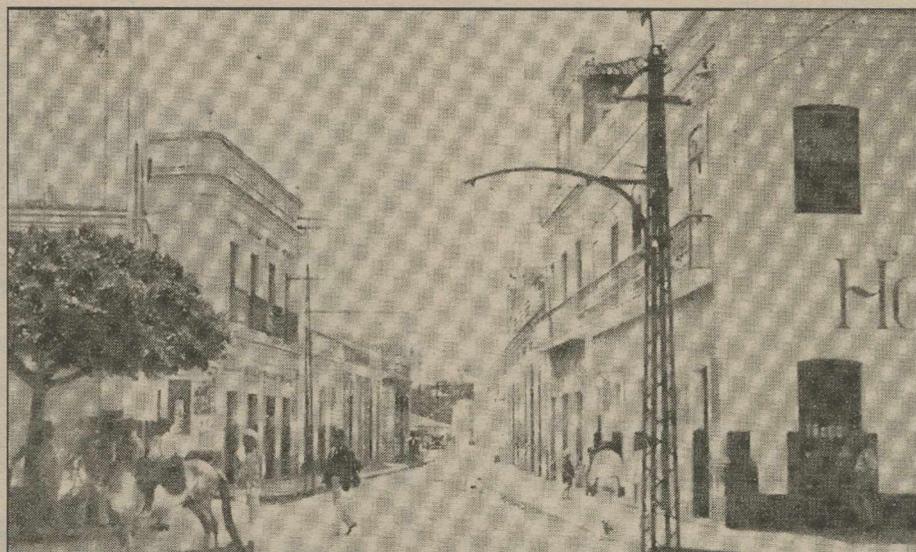
O que seria a sua peleja? Consistia ela no que foi o programa e a finalidade mesma dos antigos cavaleiros andantes. Iria ele fazer o que fizeram os denodados homens, entre os quais estava o seu tão falado Amadis de Gaula: dar proteção aos fracos, realizar os seus sonhos, bater-se pelo êxito e bom acabamento dos amores, ser amigo e protetor das donzelas e de todos os necessitados. E a nobreza dessa resolução é que lhe deu coragem para tantas investidas audazes.

E a inteligência de D. Quixote apagou-se completamente, ficou cega para outra coisa que não fosse a sua grande paixão? Por haver ele se limitado, de espírito e de ação, a esse único caminho? Não. E vejamos para prova disso o quanto ele procura aprender em cada acontecimento que se lhe depara e que ele observa. Nas vendas que imaginava castelos, nunca deixou de escutar as histórias que lhe contavam e nunca deixou de ouvir episódios como aqueles de que está intercalado o livro: o caso da pastora Marcela, a novela do curioso impenitente, a história da famosa infanta de Micomicão, a em que "o cativo conta a sua vida e sucessos dela", a história do moço das mulas, a aventura do cavaleiro da Selva, a aventura do homem dos títeres, e o que disse das suas desventuras a dona Dolorida. Devemos lembrar-nos também do tão formidável discurso que ele, cavaleiro andante, pronunciou sobre as letras e as armas.

Ao par das espadas e escudos, são todos estes conhecimentos e todas estas idéias,



Antero de Quental, poeta português



A rua Dr. Barata, na Ribeira, concentrava grandes comerciantes do início do século passado

as armas de D. Quixote.

O que fez em sua longa jornada, conhecemos em episódios como o do valente biscoiteiro, em que se deu à luta para libertar donzelas do julgo de tiranos, ou naquele em que pôs em liberdade uma leva de homens que cumpriam penas correcionais pelos seus crimes. Finalmente, o melhor propósito o animava. E ele saiu, no entanto, do primeiro desses combates sem o pedaço de uma orelha; do segundo, sofreu a pena de ser roubado por aqueles a quem libertara. Como o mundo de D. Quixote se parece com o nosso!... Mas, assim mesmo, digo que é sentimento alto e bom que almejamos possuir o seu ideal e a sua coragem.

Olavo Bilac numa bela oração, chamou-o de "louco sublime" e acrescentou: "eu sou filho de uma pátria moça e cálida continuamente aquecida pelo sol que cria miragens... mas já temos do passado uma herança feliz... Os nossos avós saíram pelos mares a descobrir mundo, a afrontar perigos, a fundar civilizações; os nossos pais, já nascidos aqui, internaram-se pelo sertão cerrado, sem bússolas e sem guias, combatendo as feras, e assentando entre as brenhas selvagens as primeiras cidades. A tua alma estava com eles D. Quixote!..." E ainda: "conserva-nos este anseio de glória, esta ambição de subir, esta vontade de brilhar, este quixotismo que está na massa do nosso sangue".

E, repetimos, senhores, que ainda nos anima a confiança de que podemos ver surgir desse caos hodierno, alguma coisa de grande. E, inspirados pelos exemplos destes que vivem e viverão sempre presentes em cada homem e em cada momento, creio que podemos fugir um pouco da sufocante idéia de aniquilamento das nossas forças pelo barbarismo da época. Creio que poderemos varrer esta imensa tristeza que se empoleira em nosso espírito, e faz-lo num gesto semelhante ao que podemos imaginar como o do triste e exausto Edgar Poe, le-

vantar-se de repente daquela poltrona do seu lúgubre quarto naquela "noite glacial de Dezembro" e expulsar à pauladas aquele corvo que pousou sobre um busto de palas, não permitindo que continue a rosnar a frase "nunca mais..."

RECORTES



"Prosegue hoje nos seus trabalhos semanais o Curso de Conferências do Colégio Estadual, que Alvarado Furtado promoveu e vai assinalando êxito. O orador de hoje é um jovem estudante amigo dos livros, formando na modéstia e na perseverança uma promissora personalidade literária. João Wilson Mendes Melo, ao que me consta, inicia hoje a sua projeção no mundo das letras. E o faz com uma conferência sobre três grandes figuras da literatura mundial: Dante, Cervantes e Antero de Quental. Três épocas que se evocam na grande cadeia do pensamento humano e uma obra esparsa que se consolida nas suas partes como um bloco espiritual indestrutível".

DANILO

(Pseudônimo de Aderbal de França - texto extraído da contracapa da plaquete das conferências)

E, para mergulharmos nestas refregas da vida atual é preciso que façamos acordar em nós o espírito de aventuras que Bilac disse ser um legado dos nossos pais e avós; é preciso uma disposição que nos pede um verdadeiro ardor pelo movimento e pelo trabalho, que nos pede uma grande vontade e um grande entusiasmo, como aquele de D. Quixote de la Mancha. Para sermos classificados como batalhadores em prol unicamente do que constitui o verdadeiro bem, é mister que como o fidalgo de la Mancha não nos importemos que nos tachem de loucos e deixemos a inclinação para a vida quieta, depois de nela nos havermos impregnado dos estudos que hão de servir para a própria gestação das nossas aspirações e para fortalecer a vontade e ganharmos as maneiras precisas de agir. É necessário que digamos ao Sancho que Anatole France em Silvestre Bonard revelou haver em nós, o mesmo que lhe disse D. Quixote: "Aqui podemos - Sancho Pança amigo - meter os braços até aos cotovelos no que chamam aventuras". É preciso que como ele, coloquemos em um pedestal armado em nossa imaginação, a imagem do nosso ideal, ou melhor, uma Dulcinéia Del Toboso, de quem para merecer admiração precisamos lutar, e nos seios de quem queremos afinal repousar a cabeça ferida, fatigada e ardente.

Nunca a bondade, a coragem, a inteligência e a honestidade, deixaram de atrair cada vez mais contra os que as possuem, invejas, ódios e desprezos, mas creio também que nada jamais tornou o homem tão alegre, mais realizador, mais poderoso e mais imortal do que essas mesmas qualidades.

E ainda, é condição essencial para o êxito, aliarmos a essa resolução a consciência exata, a noção perfeita das proporções da luta, e a proporção das nossas forças, medirmos somente pela extensão e pela elevação do ideal que nos guia.



Vista aérea da quadra onde foi construído o atual prédio do Atheneu Norte-Riograndense

PRETEXTOS

Ad usum delphini..

Ia-se ele por uma estrada do mundo, uma estrada grega, por exemplo, quando, escondido nas ramagens de um pequeno bosque de loureiros e mirtos, avistou as colunatas de um templo. Era exato e delicado nas suas linhas harmoniosas; o mármore u'a maravilha de pureza e de suavidade, trabalho em arabescos e desenhos sutis, que a injúria dos tempos e dos homens que vieram depois haviam respeitado. E a sua silhueta se recortava, no azul da paisagem olímpica, numa visão de pastoral de Teócrito...

Extasiado e imóvel, o viajante, que tinha um doce temperamento de artista, sentiu o selo contacto da beleza. Leu, depois, no frontispício, uma inscrição que o dedicava a uma divindade mitológica, dos velhos dias dourados e clássicos da Helade... E acabou por concluir: ali dentro se celebraram cultos estranhos; cantou-se e rogou-se a deuses misteriosos; não se elevavam aras à maneira dos novos dogmas... Como negar-lhe, ou rejeitar-lhe, por isso, todavia, a natural perfeição, sufocando hipocritamente o fraco, espontâneo, irreprimível, sincero movimento de admiração e enlevo que o pequeno monumento lhe despertara?

Não existem apenas "certezas" morais e espirituais. Ou ainda materiais, que são as mais palpáveis e comuns. Também "certezas" artísticas prevalecem. E os seus planos podem ser diferentes e diversos: Como o da arte é, principalmente, o da sensibilidade e da emoção; Como o da religião é o da consciência e o da fé.

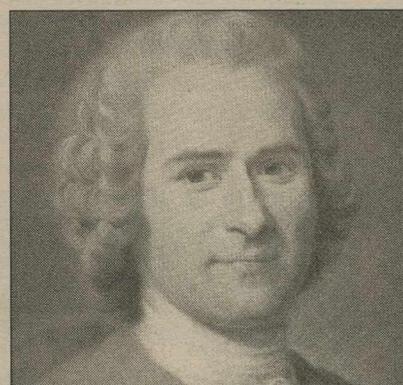
■ Poema do escritor Américo de Oliveira Costa, extraído da orelha da plaquete das Conferências



Dante Alighieri, poeta italiano

"A terceira palestra, 'Presença de alguns mortos', de João Wilson Mendes Melo, foi proferida perante o auditório mais numeroso e ilustre que se já reuniu no velho Atheneu Norte-Riograndense"

Trecho de matéria publicada no jornal A República, em 25 de junho de 1943



Jean-Jacques Rousseau, escritor e filósofo suíço



Miguel de Cervantes, escritor espanhol

EDGAR BARBOSA: "ESTE LIVRO SUPERA O PRÓPRIO ENCANTO DA BÍBLIA"

Juventude em marcha

O Dr. Esmeraldo Siqueira, quando apresentou Luiz Maranhão Filho, ao encerrar-se a 1ª série de palestras no Colégio Estadual do Rio Grande do Norte, pronunciou o seguinte discurso:

PERFIL



ESMERALDO HOMEM DE SIQUEIRA

Nomeado médico, escritor e professor de História Natural da Escola Normal e, mais tarde, de Francês no Atheneu, Esmeraldo Homem de Siqueira foi, como disse Romulo Wanderley, um "crítico, ora impiedoso, ora humano, poeta de profunda sensibilidade e apurado gosto na forma de seus versos". Em 1949, funda com outros colegas a Escola de Farmácia e Odontologia de Natal. Entre outros livros, escreveu "Caminhos Sonoros" (1950) e "Poemas" (1950).

Pela quarta vez, vão realizar-se os desígnios deste curso de conferências. Como num certame intelectual, vimos, nas reuniões anteriores, a galhardia com que se houveram os jovens beletristas. Foram noites memoráveis, em que, pelo brilho e elevação dos assuntos ventilados, sentimos redobrar-se a nossa confiança nos destinos dessa mocidade que, de si mesma e heroicamente iniciada, veio fazer perante nós a afirmação dos seus valores. Nunca o velho Atheneu tivera instantes mais sugestivos nem promessas mais auspiciosas. Noutros tempos, além de não contarmos uma floração tão grande de talentos, as inteligências que por aqui passavam mal se reconheciam na hora dos exames e, somente lá fora, nos cursos superiores, é que tinham ocasião de desenvolver-se e revelar-se na pujança dos seus dotes.

Mudaram os tempos e o meio, todavia. Natal de hoje, refletindo o complexo e o agitado da época, impõe aos moços maior responsabilidade, obrigando-os a um amadurecimento mais rápido e consciencioso do espírito. Temos tido o enorme contentamento de ir averiguando entre nós, a cada passo, no campo das letras, revelações admiráveis de pensadores, atestados magníficos da boa qualidade das atuais gerações brasileiras. Estamos convencidos de que muitos desses nomes, confinados por enquanto nas lindes de nossa terra, breve poderão sair dessas fronteiras, para ampliar o quadro das glórias nacionais.

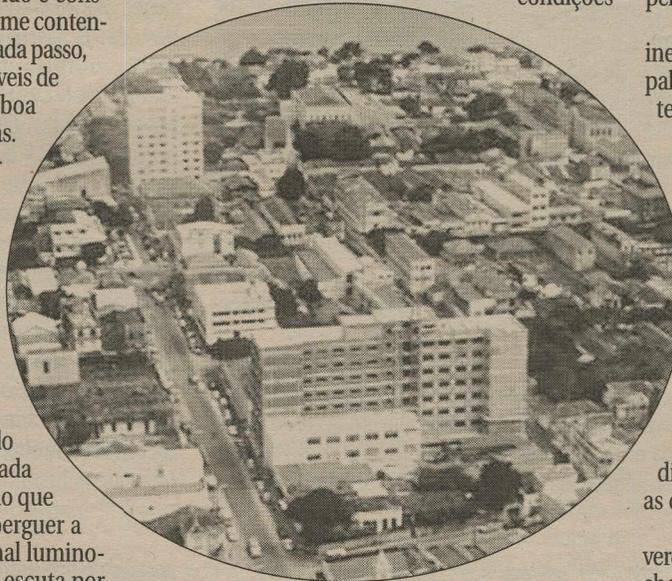
Não exageramos. A inteligência jamais foi privilégio de determinadas latitudes. Observamos e continuamos observando à nossa volta um despertar inconfundível. Somos participantes imediatos deste momento agudo do mais ativo e torturado dos séculos. Cada um de nós sente e compreende a missão que lhe compete; cada um de nós basta soerguer a vista, para perceber no horizonte o sinal luminoso dos novos tempos; cada um de nós escuta por onde passa esse toque de alerta e reunir que se levanta de todos os recantos do globo. Uma nova Marselheza enche-nos os ouvidos e arrebatam-nos o coração. Os sons divinos nos irritam contra o estandarte da tirania, tornado o dos nacionalismos incomunicáveis, a formar os nossos batalhões e a marchar resolutos em prol desse dia glorioso, que é o da Humanidade. Este é, de fato, o século em que se decidirá de uma vez a sorte do mundo. Para nós, representantes da nova geração universal, tanto nos importa o tributo de sangue como o combate das idéias. Força nenhuma, nessa dupla batalha, será capaz de impedir a vitória definitiva dos ideais humanos. Pela palavra ou pelas armas, a nossa sorte está lançada.

Senhores:

A praxe do nosso curso de conferências estabeleceu a norma de uma apresentação do conferencista, antes de lhe ser concedida a palavra. Coube-me a honra da apresentação desta noite. Não deixa de ser um paraninfo e, neste caráter, o afilhado deve ser visto como tal pelo padrinho. Tratando-se de mera apresentação, de uma espécie de prelúdio,

se o quiserem, o paraninfo incorreria em grave deslealdade, se pretendesse usurpar ao apresentando o tempo e a matéria da conferência. Esta noite não é minha, mas do meu afilhado. Para ele é que devem convergir as atenções. Luiz Maranhão falará dentro em pouco. Seus méritos já ficaram subentendidos, quando aludimos à nova geração de intelectuais. Ele pertence inquestionavelmente a essa mocidade. Pode formar ombro a ombro com Rivaldo Pinheiro, João Wilson e Antônio Pinto.

Não menos arrojado do que eles, escolheu para tema de suas cogitações o *Assim falava Zaratustra*, esforço máximo do cérebro de Nietzsche e uma das culminâncias do espírito humano. Poema simbolista assombroso, este livro, se me permitem a franqueza, supera o próprio encanto da Bíblia, porque, escrito por um só homem, retrata inexoravelmente, através das suas parábolas e alegorias, num estilo como nunca se escrevera, a tragédia das mais íntimas condições



humanas e lhes aponta o verdadeiro caminho da libertação. Zaratustra é um centro solar em torno do qual se desenvolvem as outras criações de Nietzsche. Não é possível entender esses mundos do idealismo nietzschiano, sem o aprendizado rigoroso de Kant e Schopenhauer e a análise, pelo menos em suas linhas gerais, do movimento filosófico alemão nos meados do século XVIII.

Por esse tempo, o ensino da filosofia na Alemanha ocupava o primeiro posto, em detrimento das ciências particulares. Exigiam-se dois anos de estudos filosóficos, para o ingresso nas chamadas Faculdades "maiores", onde os professores, pela ausência de ensino especializado, muitas vezes pontificavam sobre a totalidade das matérias. Nos manuais adotados nesse período, não eram os fenômenos que interessavam, no seu encadeamento regular de causas e efeitos, mas os conceitos abstratos, a idealização do mundo, de tal modo que o estudo daqueles se encarava como simples dependência ou aplicação da filosofia. Cristiano Thomasius e Cristiano Wolff assinalam os primeiros indícios da transição. Com eles, inaugurou-se, nas ciências e na filosofia, o emprego da língua alemã. O segundo criou-lhes mesmo a terminologia, antes inexistente.

O livro de Wolf - *Pensamentos sobre Deus, o mundo, a alma e as cousas em geral* - causou sucesso e teve a mais larga divulgação na Alemanha. Essa obra, apesar do fragmentário de suas doutrinas, já difere muito dos sistemas fechados. Indicado o caminho, travou-se a luta entre os campeões da escolástica protestante e católica e os dissidentes que, daqui e dali, começaram a aparecer, influenciados logo por Descartes e Spinoza e depois pelos pensadores da Inglaterra e da França, Locke, Berkeley, Hume, Rousseau, Voltaire, Condillac, La Mettrie, Montesquieu e Diderot. Minudear o sentido dessa luta da escolástica contra o empirismo de uns e o racionalismo de outros, bem como os desacordos dos sectários respectivos das duas últimas correntes, exorbitária dos nossos propósitos. Lembremos apenas que o criticismo, surgindo no meio desse pandemônio, veio desmoralizar os calucos sistemas metafísicos, expressões puramente temperamentais, abrindo à filosofia sua era de ouro e irmanando-a, pela exatidão científica, às matemáticas e à lógica.

Infelizmente, Kant abjurou as conseqüências inevitáveis da Crítica da Razão Pura e cantou sua palinódia na Crítica da Razão Prática. Os fantasmas teológicos à espreita não tardaram em invadir a cena. Schopenhauer escapou a essa ressurreição de monstros, sozinho, propôs-se a salvar do naufrágio o que restava de imortal na filosofia kantiana. Pela primeira vez, um filósofo alemão ia falar claro. Lera apaixonadamente os enciclopedistas franceses. O espírito da França explicaria a razão da sua clareza? Certo é que soube exprimir-se. Kant, no que possuía de bom, lhe saiu das mãos enriquecido e despojado de toda nebulosidade. Quanto ao lado mau, isto é, à Crítica da Razão Prática Schopenhauer o destruiu metódica e implacavelmente, provando os absurdos e as contradições do grande extraviado.

Um cérebro único, entretanto, não comporta a verdade inteira. Outro deveria aparecer. E foi Nietzsche, o antípoda de Kant, pela natureza extraordinariamente vibrátil e a suprema comunicabilidade intelectual. Caiu, como gigantesco aerólito incandescente, sobre os dogmas vazios. Por que imaginário processo metaquímico se retirariam do montão amorfo os carvões profirizados da causa primária, da substância, da coisa em si, da finalidade última e de outros gnomos semelhantes?

Aplanado estava agora o terreno. Faltava construir. E Nietzsche pôs mãos à obra. O que foi a sua interpretação do universo e da vida, da moral e da conduta humana em seus mais angustiosos problemas, não nos cabe discutir neste momento. Nossa tarefa, aliás, já ficara esclarecida. Num prelúdio, não poderíamos traçar senão um esquema, ainda assim necessariamente muito defeituoso e incompleto, do movimento filosófico alemão culminado na figura de Nietzsche. Omitimos nomes como os de Leibniz, Fichte, Schelling, Hegel; deixamos mesmo de citar os próprios títulos das grandes obras desse período, e foram tantas e do maior interesse para a história do pensamento mundial. Fizemos pouco ou quase nada. Como poderia ser de outra maneira? Confessamos humildemente nossa impossibilidade de engarrafar o mar. Ademais, a conferência é apenas uma e vai começar, porque aqui termina a apresentação.

INFLUÊNCIA "OS NAZISTAS FIZERAM NIETZSCHE PRECUSSOR DE SUA REVOLUÇÃO"

Lembrança de Zaratustra

Palestra de Luiz Maranhão Filho, em 5 de agosto de 1943, encerrando a 1ª série de palestras no Colégio Estadual do Rio Grande do Norte:

PERFIL



LUIZ MARANHÃO

Com apenas 20 anos, Luiz Maranhão, nascido em Natal, foi nomeado professor do Atheneu, onde ensinou Geografia, e, posteriormente, na Faculdade de Filosofia do RN. Formou-se em Direito em Recife-PE, onde atuou como repórter do jornal "Folha do Povo". De volta a Natal, trabalhou em alguns periódicos, e mais tarde tornou-se editorialista e redator do Diário de Natal. Dentre outras atividades, Luiz Maranhão foi eleito deputado estadual, em 1958.

Quando eu cheguei para Nietzsche, vinha de um mundo cheio de sonoridade e beleza e tinha no espírito a ânsia de grandes ideais, informes confusos, por vezes até indeterminados, mas possuídos todos daquele fulgor que somente os anos da mocidade podem e conseguem dar aos homens, aos pensamentos e às imagens.

Eu vinha de um mundo onde se falava de heroísmo e de inteligência, de verdades espirituais, de dor e silêncio, de santa cólera e de santa indignação contra as mediocridades vitoriosas. Este mundo, em que eu nasci para os primeiros passos de uma compreensão ainda incipiente, este mundo cheio de nuvens longínquas, atraindo como as estrelas, foi o inesquecível e belo mundo de Vargas Vilas, anjo e demônio, mas antes de tudo um criador de belezas que não poderemos nunca esquecer.

De "Íbis" a "Los Parias", eu caminhei sobre páginas que pareciam ora lagos tranquilos, povoados de sonhos e nenúfares, ora imensas fogueiras crepitantes, de cujas labaredas surgia e se evolava uma atmosfera de puro idealismo.

Vindo desse mundo intensamente emocional, foi que eu cheguei para Nietzsche e encontrei Zaratustra.

Com ele, então, desci das montanhas. Juntos caminhamos para os bosques, deixando a caverna, onde Zaratustra permanecera dez anos e donde agora saía porque a taça da sua sabedoria já ameaçava transbordar.

Começou aí para mim um outro mundo de perspectivas muito mais amplas e muito mais largas do que aquelas que eu conhecera junto ao meu sinfônico e orquestral Vargas Vila. Naquele livro, que Nietzsche considerou para todos e para ninguém,

livro em que a vida e os valores da vida se encaram de uma maneira nova e surpreendente, deparei-me com idéias, que, em dado instante, exerceram uma ação de obscurecimento sobre todas as cousas que eu antes vira e aprendera.

"Assim Falava Zaratustra", em tantas partes nos sugere mais um poema, grande e magistral poema, que logo nos sentimos atraídos pela sua poesia, antes de penetrarmos o imenso campo da sua essência. O primeiro Nietzsche que vemos em Zaratustra é um Nietzsche de beleza imortal, pregando o sentido da terra, combatendo os menosprezadores da vida e anunciando o Super-Homem, vigoroso como o sol matinal que irrompe da escuridão sobre os montes sombrios.

E como este é o mais belo, vejamo-lo primeiro.

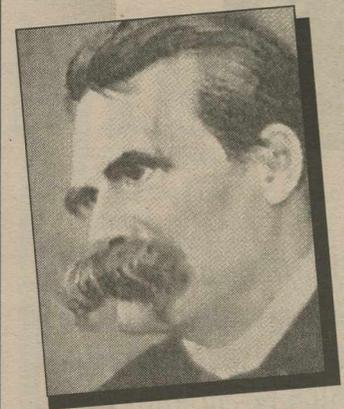
Nas suas parábolas e sermões, Zaratustra parte de um princípio, que bem expressa o alcance das suas idéias e a profundidade das suas reflexões. É assim que, no seu encontro com o velho solitário do bosque (depois de ouvi-lo dizer: "faço cânticos e canto-os e cantando-os louvo a Deus), ele falou ao seu coração: "Será possível que este santo ancião ainda não ouviu-se no seu bosque que Deus já morreu?"

Entretanto, nada poderia ter uma influência tão decisiva sobre os espíritos que se aproximam de Zaratustra, do que a sinceridade existente na sua demolição. Acompanhem, por exemplo, esse ímpio, para quem as virtudes reais da vida eram a voluptuosidade, a vontade do poder e o egoísmo, no seu capítulo "Da Castidade". Dentro da inversão total dos valores, predicada por Nietzsche, a castidade deveria ter, certamente, outros aspectos. Como, porém, nos parece justo o Zaratustra que diz:



Os intelectuais da cidade, dentre eles Luiz Maranhão e Câmara Cascudo, tinham militância na imprensa

PERFIL



FRIEDRICH NIETZSCHE

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) nasceu na Alemanha. Filho e neto de pastores protestantes, perdeu prematuramente o pai em 1849 e ficou aos cuidados da mãe, da avó e da irmã mais velha. Começou a compor melodias e escrever seus pequenos versos ainda criança, quando criou uma pequena sociedade artística e literária com seus colegas de escola. Em 1858 obteve uma bolsa de estudos para a escola de Pforta, e em 1864 ingressou na Universidade de Bonn para estudar teologia e filosofia. Transferiu-se em 1865 para a Universidade de Leipzig, e aos 25 anos foi contratado pela Universidade de Basileia como catedrático de filologia clássica.

Nesta época, compôs obras musicais à maneira de Schumann, fez amizade de Richard Wagner e conheceu a filosofia de Schopenhauer. Na mesma época, apaixonou-se por Cosima, que viria a ser, em obra posterior, a "sonhada Ariane". Na universidade, passou a tratar das relações entre a música e a tragédia grega, esboçando seu livro O Nascimento da Tragédia no Espírito da Música.

Em 1870, a Alemanha entrou em guerra com a França; nessa ocasião, Nietzsche serviu o exército como enfermeiro voluntário, mas adoeceu, contraindo difteria e disenteria. Essa doença parece ter sido a origem das dores de cabeça e de estômago que acompanharam o filósofo durante toda a vida. Nietzsche restabeleceu-se lentamente e voltou a Basileia a fim de prosseguir seus cursos.

Em 1898, Nietzsche enlouqueceu, passando o resto da vida em um manicômio. Morreu aos 56 anos.

- "Não vale mais cair nas mãos de um assassino do que nos sonhos de uma mulher ardente? Senão olhar para esses homens; os seus olhos o dizem: nada melhor conhecem na terra do que deitar-se com uma mulher. Têm lodo no fundo da alma. Se ao menos fossem animais completos. Mas para ser animal é preciso inocência. Será isso aconselhar-vos a que mateis os vossos sentidos? Aconselho-vos a inocência dos sentidos".

Colocando-se ao lado de sentimentos de natureza pura na mais alta forma, Zaratustra não deixaria de possuir um espírito luminoso, cheio de arrojados vôos pelas regiões longínquas do pensamento e da idéia. Em tudo, realmente, ele deixa transparecer um êxtase quase divino, coerentemente, aliás, com a sua condição de profeta, condição de inteira e completa transcendência, ainda mais acentuada pelos rumos da interpretação nietzscheana.

Essa poesia impressionista alcança em certas ocasiões a grandes belezas, desenvolvendo-se em torno de temas, que poderiam ter sido o de tantos outros poetas, como no Canto da Noite, em que Zaratustra esclarece desconhecer a satisfação dos que recebem porque a sua sabedoria não se cansava de dar. Mas a linguagem que há ali é que atrai e encanta:

- "É noite, agora eleva-se a voz das fontes. E a minha alma é também uma fonte.

É noite, agora despertam todos os cantos dos amantes.

Há qualquer cousa em mim, não aplicada nem aplicável que quer elevar a voz. Há em mim um anelo de amor que fala a linguagem do amor.

Eu sou luz. Ah! Se fosse noite! Ah! Se eu fosse sombrio e noturno: como sorveria os seios da luz. E também vos benderia a vós, estrelas que brilhais em cima como pirilampos. E seria venturoso com os vossos mimos de luz. Eu, porém, vivo da minha própria luz, absorvo em mim mesmo as chamadas que de mim brotam.

É noite: agora despertam todos os cantos dos namorados. E a minha alma é também um canto de namorado".

Zaratustra vagueia, assim, como um grande espírito alado, tatalando acima de todas as contingências humanas, acima do bem e do mal, vibrando cheio de luz e de som. A obra de Nietzsche-Zaratustra possui o encanto maravilhoso de todas as nuances, desenrolando-se dentro de um jogo luminoso e colorido que nos leva a um estado de espírito quase sublime, em que as vozes interiores se desprendem do ser para a suprema procura da harmonia.

Com essas qualidades imateriais, a sua influência só poderia ser decisiva para os rumos da Arte, determinando o aparecimento de novas formas em todas as suas manifestações.

Dessa influência de Zaratustra no terreno artístico, o exemplo que mais alto pode falar é o exemplo de Isadora Duncan, a grande bailarina norte-americana, que jamais será esquecida por quantos tenham penetrado a grandeza tumultuária da sua vida. Contando a sua história, grande e comovedora história de lutas constantes pela fecundação de uma obra de arte viva e pessoal, Isadora confessa que os seus verdadeiros mestres de dança tinham sido Walt Whitman e Frederico Nietzsche. Esta afirmação reflete o sentido espiritual da obra de Isadora Duncan, que viveu sonhando com o ressurgimento das formas gregas e que apresentou-se ao mundo pregando o renascimento da religião

pela dança.

Tão grande foi a influência de Nietzsche na formação artística da bailarina yankee, que ela ao escrever o livro da sua vida, colocou-lhe no pórtico essas palavras do filósofo alemão encontradas no capítulo XVII, parte III, do Zaratustra:

- "Se a minha virtude é virtude de dançarino, se muitas vezes pulei entre arroubamentos de ouro e de esmeraldas; e se o meu Alfa e Ômega é tornar leve tudo quanto é pesado, todo o corpo bailarino, todo espírito ave: e na verdade, assim é o meu alfa e ômega".

Até mesmo quando fala no ressurgimento da religião pela dança, Isadora lembra Zaratustra, que anunciando a morte de todas as divindades, declarava: eu somente acreditaria em um Deus que soubesse dançar.

Inegável e clara é, assim, a influência de Zaratustra na Arte, tendo se feito sentir justamente e de maneira bastante profunda, em um dos mais belos movimentos artísticos do mundo moderno. A vida e a dança de Isadora, realmente, valem por uma vigorosa afirmação de beleza, tornada ainda maior pela restrição da influência nietzscheana apenas ao que se refere como interpretação dos movimentos e suas origens.

Esse foi o primeiro e belo Zaratustra que eu encontrei, exultante de força musical e proclamando em trombetas de prata as verdades de uma nova concepção da vida.

Por outro lado, fugindo àquelas impressões das belezas que nos oferece, Zaratustra apresenta-se ao mundo como o estranho profeta de um outro período da história humana, que embora possuindo os aspectos de uma nova Renascença seria, também, sombrio e terrível. Isto porque, na época supervisionada por Nietzsche as conquistas sociais que assinalam a história da humanidade seriam relegadas ao plano das inutilidades, inexistindo os direitos igualitários.

As idéias de Nietzsche, foram, sem dúvida, idéias anti-democráticas por excelência. Pela boca de Zaratustra ele pregou a renovação da vida no sentido da aristocracia, aspirando ao reino dos super-homens.

O que para nós outros, por exemplo, significa a existência dos líderes, não apenas como afirmação de valores pessoais, porém especialmente, como a afirmação dos valores coletivos em si expressos e representados, é negado por Nietzsche. Ouçamo-lo:

- "No mundo as melhores cousas nada vales sem alguém que as represente; o povo compreende mal o que é grande, quer dizer, o que cria: mas tem um sentido para todos os representantes e cômicos das grandes cousas".

Na sua concepção, porém, o líder, na sua essência, como existência e função, é apenas o cômico e representante das grandes cousas. Admitia apenas a liderança do mundo pelos super-homens.

E na verdade, porém, o líder, na sua essência mais alta deve ser considerado como a expressão do valor, das virtudes e dos desejos de uma coletividade. Onde se ouça uma grande voz, ela será o reflexo, a repercussão de milhares de outras vozes e onde uma obra de arte se aprimore e se aperfeiçoe, ter-se-á uma síntese das qualidades artísticas de grupos humanos. E ainda onde se encontrem os grandes condutores de homens, encontrar-se-á, além e muito



Luiz Maranhão, ao lado de sua esposa, Odete, e de Carmem Pimentel, filha de Celestino Pimentel

mais do que o valor de um indivíduo, a capacidade de um povo na execução diretiva dos seus próprios destinos.

Entretanto, o ódio de Nietzsche não se restringe apenas aos representantes das grandes cousas e volta-se mais veemente, direto e acentuado contra o povo. Este ódio contra o povo era a luta para afastá-lo dos homens superiores. Aconselha Zaratustra:

- "Foge, meu amigo para a tua soledade! Vejo-te aturdido pelo ruído dos grandes homens e crivado pelos ferrões dos pequenos. Onde cessa a soledade principia a praça pública começam também o ruído dos grandes cômicos e o zumbido das moscas venenosas".

É uma verdadeira característica em Zaratustra o desprezo pelo povo. Ele reconhecia apenas a expressão dos valores pessoais que fossem uma ponte para o super-homem. Somente acreditava na função da vida como verdadeira e proveitosa quando se dirigisse no sentido do super-homem.

Desnecessário seria demonstrar os erros ou combater esse desprezo pelas forças humanas coletivas, porque os dias de hoje, no fragor desse tumulto de que se envolvem, disto vêm se incumbindo. Os povos que se confiaram na direção suprema dos homens eleitos pela predestinação ou a tanto considerados, são o triste exemplo de um período humano supremamente angustiante.

Por outro lado, os povos que se apoiaram na razão do pensamento coletivo nele encontraram não apenas a salvação dos seus próprios destinos, como também evitaram, ou estão evitando, que os homens retardem por mais alguns séculos a grande marcha na procura das suas aspirações.

E não somente quando despreza o povo mostra-se Zaratustra um anti-democrata. Esta

qualidade envolveu-o totalmente, até mesmo quando teve de se referir às mulheres, negando-lhe a posição que viriam a desfrutar no círculo das atividades humanas.

Não é de estranhar, absolutamente, que ele conserve a antiga fórmula de vida entre os seres pregando que "o homem deve ser educado para a guerra e a mulher para o descanso do guerreiro; tudo o mais é loucura".

Ou então o célebre conselho de "A velha e a nova": "Acompanhas com as mulheres? Olha, não esqueças o látigo". Registremos ainda aquela terrível explosão: "As mulheres continuam sendo gatas e pássaros; ou melhor, vacas".

Aqui, sinceramente, francamente, eu detesto Zaratustra. Mas não esqueçamos de que Nietzsche em confronto do amor, que lhe passou na vida apenas uma vez, foi um desses homens abandonados ao sofrimento. Por isso, os seus aforismos contra a mulher parecem mais o grito de um animal ferido.

Mas, vejamos em aspectos mais objetivos o que Zaratustra anuncia como sendo o super-homem, base orgânica e começo de uma nova sociedade. Visionário de uma outra Idade, Zaratustra rompe ruidosamente com os conceitos norteadores da vida desde Buda, Jesus e Platão, estabelecendo as normas de uma diferente conduta para a humanidade. A direção no rumo das cousas seria exclusiva para os super-homens. Destes Nietzsche deixou apenas a estrutura moral, desprezando as formas pessoais que possuiriam. É claro, apenas, que estariam imensamente distanciados do homem, ser desprezível quando sua existência não aspira à modificação do que é.

Sobre essa diferenciação, Zaratustra, no tom das sentenças bíblicas, assim se expressa:

- "Eu vos anuncio o super-homem. O homem é superável. Que fizestes para o superar? Até agora todos os seres têm apresentado alguma coisa superior a si mesmos; e vós, quereis o refluxo desse grande fluxo, preferis tornar ao animal ao invés de superar o homem? Que é o macaco para o homem? Uma irrisão ou uma dolorosa vergonha. Percorrestes o caminho que medeia do verme ao homem e ainda em vós reata muito do verme. Mesmo o mais sábio de vós não passa de uma mistura híbrida de planta e fantasma. Eu anuncio-vos o super-homem".

Nada, entretanto, fica esclarecido sobre o aparecimento deste super-homem. Seria, certamente, um fruto exclusivo da Vontade do Poder e a Nietzsche interessava mais a sua função. Nesse ponto, começa Zaratustra dizendo que ele é o "sentido da terra". E em seguida:

- "Exorto-vos, meus irmãos, a permanecer fiéis à terra e a não acreditar naqueles que vos falam de esperanças supra-terrestres. Diga a vossa vontade: seja o Super-homem o sentido da terra".

O Super-homem, sendo, assim, o sentido da terra, coloca-se justamente na extremidade contrária às crenças do extra-terreno. Zaratustra, restringindo a vida a si própria, levantou-se contra todos os profetas que antecederam, erguendo sua voz pelos princípios de um novo mundo. Para que este surgisse, Nietzsche considerava inicialmente a necessidade de destruir todos os erros vindos de Sócrates aos nossos dias. Platão e Sócrates haviam sido o começo da morte helênica, com a qual destruíra-se o senti do heróico da vida. Era preciso ir aos presocráticos. E Nietzsche mergulhou até aos filósofos Naturalistas. Foi, assim, um descendente espiritual de Anaximandro e Tales, Anaximenes e Heráclito. Principalmente de Heráclito.

E nesse mundo grego que antecedeu a Sócrates, viu-se diante das duas imagens de vida: Apolo e Dionisos. Preferiu, naturalmente, o último, no qual iria buscar os elementos da sua "moral heróica", utilizada contra a que ele chamava a "moral escrava".

Apolo é a paz e a harmonia dos contemplativos, a elegância das formas, a repressão dos instintos, da calma filosófica; era o Deus da pintura.

Dionisos era a força e a conquista, a voluptuosidade, o vigor masculino; era o deus do vinho, da dança e do drama.

Para Nietzsche o Bom era o dionisiaco. O Mal era o apolinio. Esclarecidamente: o Bem é o que luta, domina e sobrevive; o Mal é a incapacidade de vencer e dominar.

Nesse mundo entrevisto pela visão de Zaratustra, porém, as artes da guerra e da paz seriam privilégio dos Super-homens.

Totalmente afastados do "rebanho", a eles caberia promover a marcha da humanidade, determinando dentro dos séculos os rumos dos seus passos.

E aí encontraremos reafirmada a concepção de Carlyle sobre a história, concepção cujas bases firmam-se na existência dos homens superiores, embora num sentido de menor amplitude. Para Carlyle a História Universal era a história dos grandes homens que trabalharam sobre a terra. Eles foram - afirma o autor de "Os Heróis e o culto dos heróis" - os condutores, os modeladores e os criadores de tudo o que a massa geral dos homens procurou fazer ou atingir. "A alma da História da Humanidade pode



Parte da redação do jornal A República, na década de 40: Damasceno Bezerra, Luiz Maranhão, Djalma Maranhão, Raimundo Nonato Fernandes; sentados: Waldemar Araújo, jornalista Elóy de Souza e Aderbal de França. Três deles foram fundadores do Diário: Djalma Maranhão, Aderbal de França e Waldemar Araújo

ser considerada como sendo a história desses grandes homens".

Tais conceitos encontram-se em Nietzsche profundamente acentuados com a profecia de uma modificação radical na existência humana.

Carlyle voltou-se para o passado, penetrou à história, interpretando aí a função dos ho-

mens superiores. Nietzsche caminhou para o futuro, projetou-se no sentido da posteridade, prolongou-se no tempo, anunciando a vinda do Super-homem.

Contra Nietzsche e Carlyle, porém, opõe-se uma outra concepção da história: a concepção materialista.

Igualmente ortodoxa, ela por sua vez nega totalmente que as transformações da sociedade humana expliquem-se pelas transformações operadas nos pensamentos dos homens. Na base de todas elas, quero dizer de todas essas transformações, acham-se as de ordem econômica. E isto bem significa dizer que o homem trabalha obrigado pelas necessidades materiais. A marcha da humanidade seria, pois, impelida pelo homem na sua luta para salvar-se do frio e da fome, de acordo com os aspectos e as condições do seu meio ambiente.

Mas, entre o materialismo histórico e os heróis de Carlyle ou o super-homem de Nietzsche, devemos descobrir uma posição intermediária, na qual as duas concepções não se afastem, porém, ao contrário, completem-se. Em verdade, tanto os espíritos superiores como as necessidades econômicas governam o mundo. O que acontece, apenas, é que a economia desdobra os acontecimentos na sua grande amplitude, determinando a origem das diferentes épocas. Nestas, então, localizam-se os heróis, os santos e os mártires.

Em verdade, tanto os espíritos superiores como as necessidades econômicas governam o mundo. O que acontece, apenas, é que a economia desdobra os acontecimentos na sua grande amplitude, determinando a origem das diferentes épocas. Nestas, então, localizam-se os heróis, os santos e os mártires.

Zaratustra, porém, tinha convicções demasiadamente fortes e não consideraria o super-homem capaz de submeter-se às contingências econômicas. Ele é que dirigiria a espécie, colocando os seus interesses acima de todas as cousas, pela força, pela violência, pela vontade do poder.

Zaratustra é, assim, um filósofo individualista e o super-homem o mais alto símbolo de todo o individualismo filosófico.

Os grandes homens que se assinalam na história, revestem-se com o passar do tempo de espessos véus, cobrindo-se com as cinzas e com o fumo de todas as cousas em torno das quais viveram e lutaram. Chegam, assim, para os outros séculos transformados de homens em fantasmas, diluídos e dispersos.

A impressão que temos de Nietzsche é a de que ele colocou-se numa grande distância da nossa época, aparecendo-nos como uma daquelas figuras cobertas de véus e de cinzas.

Ele, porém, foi da nossa época, sentiu a inquietação dos tempos modernos e veio morrer no começo do século XX, dentro do qual o seu nome iria ter uma tão profunda repercussão. Assombra essa maneira com que Nietzsche e sua obra, em menos de cinquenta anos, se incorporaram às lutas e aos movimentos dos homens, vanguardando as novas idéias de grandes revoluções.

A sua própria vida, aliás, teve este sentido, desenvolvendo-se com o alcance rápido de todas as posições e o amadurecimento completo das idéias mestras em que se assentariam as concepções do seu sistema espiritual. Penetrando muito cedo o mundo do pensamento, viu-se aos 24 anos feito professor de uma universidade famosa como centro de cultura. Na Escola de Bazileia Nietzsche iria ensinar os cursos de Filologia, levando consigo uma cultura sólida e profunda, com a qual descerra ao estudo das grandes línguas desaparecidas. Esta formação cultural constituiu, certamente, um dos fatores decisivos como influência na sua formação filosófica, permitindo-lhe a verificação dos contrastes e do relativo em muitos conceitos.

Na Universidade de Basle, porém, Nietzsche não encontrou o ambiente propício ao seu desenvolvimento, cedo compreendendo que outras cousas maiores lhe acenavam ao longe. Daí por diante o professor Frederick passou a ser o filósofo Nietzsche. No fim da sua vida, aliás, iriam dizer que o filósofo Nietzsche se transformara no poeta Zaratustra.

A luta do gênio pelo alcance das suas idéias foi grandiosa e intensa. Richard Wagner foi o seu mestre e inspirador. Entretanto, somente depois do seu rompimento com o grande musicista foi que ele chegou à realização de uma obra verdadeiramente pessoal, voando entre as mais altas formas de afirmação jamais tentadas e assumindo a condição de profeta na previsão de um novo mundo para os homens.

Com Shopenhauer, Nietzsche aprendera que a maior lei do universo era a Vontade. E não lhe foi difícil transformar o pessimismo do seu Mestre na Vontade do Poder, irradiante de energia e caminho seguro para o super-homem. Procurando estabelecer quais os valores reais da existência, Nietzsche viveu num permanente tumulto com as forças interiores e exteriores. Debatia-se de um lado com o apuro das suas convicções e de outro com as terríveis agressões que recebeu ao longo dos anos. Mas um homem



A avenida Duque de Caxias, seus prédios históricos e o famoso bondinho, que a embelezavam

que ataca sempre será atacado. E ele foi em tudo um lutador. Depois de afastado de sua cátedra de Filologia, que lhe garantiu a subsistência, sentiu-se livre no mundo. De certo, também sentiu-se só.

É singular e curioso que esse filósofo da Saxônia, nascido dentro da Prússia Bismarkiana, tenha possuído um espírito fino e sutil, tão sutil e tão fino como se fosse o de um filho da latinidade. Para esse mundo latino, aliás, ele sempre voltou-se, procurando, numa ânsia talvez inconsciente, as terras mediterrâneas, junto das quais nasceram as suas mais elevadas idéias. Nietzsche, realmente, amava a Itália com as suas cidades e com os seus campos e montes acolhedores.

Essa admiração foi, talvez, uma resultante do seu aprofundamento no mundo helênico, do qual Roma e seu Império receberam todas as riquezas do pensamento realizado nas artes, nas letras e na ciência. O próprio Nietzsche em sua obra deixa entrever uma luta constante entre as formas gregas e nórdicas. Na sua alma pareciam encontrar-se os ventos inspiradores da velha Grécia perpassando na sombra das florestas germânicas. As vozes de Dionisos unem-se, ruidosamente, às vozes fortes de Odim e nem todos os deuses são Escandinavos. Zaratustra lembra ao mesmo tempo os profetas bíblicos, as valquírias e as bancantes.

Viajando, combatido e desprezado, foi principalmente incompreendido, como ainda hoje o continua sendo. A maior acusação que lhe pesou foi a de destruir os fundamentos da alma humana. Como, porém, ele nos parece humano quando joga-se à rua para abraçar-se, numa comoção de lágrimas incontidas, ao pescoço de um pobre cavalo, espancado por alguns homens rudes e maus. Nessa ocasião, Nietzsche mostrou-se o mais humano de todos os homens.

Finalmente, no correr dessa vida tumultuária, chegou a escrever a sua obra maior e mais bela. Alguns anos depois, seria tarde demais, pois então, já o teria tomado a loucura em que permaneceu na última década de sua existência. A partir desse ponto restou-lhe apenas a inconsciência do delírio entre poucos amigos.

Bendito, porém, o tempo e todos os fatores que permitiram, antes da fatalidade, que o "um" se transformasse em "dois", isto é que Nietzsche se transformasse em Nietzsche-Zaratustra, porque assim nos foi legada uma das grandes obras do espírito humano.

Disse Zaratustra: "De todo o escrito só me

agrada aquilo que uma pessoa escreveu com seu sangue. Escreve com sangue e aprenderás que o sangue é espírito".

Quem mais do que Nietzsche terá escrito com o seu próprio sangue? Quem terá se debruçado mais com o espírito e o coração em sua obra?

A influência de Nietzsche no mundo moderno talvez seja uma conseqüência da sua maneira veemente de escrever. Ele morreu há quarenta e três anos (em 1900) e já hoje (em 1943) o seu nome representa para um movimento revolucionário o mesmo que representou Jean Jacques para a Revolução Francesa. Uma diferença única existe apenas em que o último seria feliz no mundo que entreviu, enquanto o primeiro sentir-se-ia até ofendido e humilhado.

A responsabilidade de Nietzsche na revolução nazi tem sido objeto de controvérsias constantes. O que, porém, me impressiona é que essa tremenda influência, em conseqüência da qual a humanidade parou um momento, duvidando sobre o caminho que deveria tomar, processou-se no curto espaço de trinta anos.

Para muito, o filho da Saxônia foi apenas um poeta e um louco de gênio. Concordarei que sim, porém não o absolvo totalmente de haver contribuído para a formação nazista no mundo. Sempre o encontrarei proclamando o radicalismo aristocrático e isso não nos conduzirá jamais à realização democrática da vida.

A sua filosofia contém os princípios de superioridade que serviriam a todos os desejos de conquista. E o nacional-socialismo alemão nascera sem nenhuma base filosófica, pois não foi o fruto de uma revolução espiritual, mas simplesmente uma aventura de vários homens ambiciosos. Daí a criminosa apropriação de Nietzsche pelos nazistas. Fizeram-no, assim, consciente ou inconscientemente o precursor da revolução nazi.

De uma forma ou de outra, tornaram a pátria de Goethe um mundo em que, como em nenhum outro período da história, acentuam-se as diferenças, tendentes, aliás, a desaparecer do meio dos homens, entre "chefes" e "rebanho". Ali existem, como jamais existiram os homens que obedecem cegamente e os que dirigem também cegamente. Há o culto da força, aspirando-se à supremacia dos fortes.

Os nazistas têm feito por onde ajustar os conceitos de Nietzsche com os seus próprios desejos. Esquecem-se de que o pensamento criador de Zaratustra voava alto demais para ser arrastado às contingências da ordem prática.

O que há entre Nietzsche e o nacional-socialismo alemão, que não é socialista nem nacio-

nal, pode ser resumido como sendo a "história de um erro". Esse erro será retificado. Está sendo retificado. Terrível retificação.

Nesta lembrança de Zaratustra, tenho andado tontamente pelos caminhos de Nietzsche. Resta-me apenas o consolo de que esta é uma tontura de luz.

O primeiro Nietzsche que vos trouxe foi aquele que eu chamei de beleza imortal. Este, para mim e para muitos, será eterno na figura estranha e inspiradora de Isadora Duncan. Certo ou errado, eu sempre quis ver em Isadora a humanização dos mais belos ideais nietzscheístas.

Por outro lado, nesses mesmos caminhos, trouxe comigo um outro Nietzsche, o que pregava o culto da força, anunciando a vinda do super-homem. Este o aristocrata, cujo conceito de povo reduz-se ao de população, perecerá com o tempo. Às suas preferiremos aquelas santas palavras de Tomaz Jéferon: "Todos os homens nascem livres e iguais e têm direitos inalienáveis".

Creio, sinceramente, que hoje poderíamos dizer a Zaratustra, segredado-lhe ao ouvido:

- "Zaratustra, a multidão aprende a se dirigir. Cuidado Zaratustra, a multidão agora começa a ter cabeça".

Há pouco afirmei que o nazismo em face de Nietzsche é um erro, cuja terrível retificação estamos assistindo. Devo, porém, acrescentar que muito mais terrível do que a retificação desse erro será a luta posterior pela sua eliminação. A guerra com as suas misérias inenarráveis, não será tão ampla no seu alcance como o choque dos espíritos que sobreviverem à catástrofe. Depois das batalhas, quando cessar o soturno fragor dos canhões, continuarão vivas ainda as mesmas idéias que impeliram as bestas louras da Alemanha a essa nova cavalcada de bárbaros sobre o coração da Europa.

Então, será preciso continuar a luta pela vitória dos espíritos, tarefa imensa que exigirá novos sacrifícios desta minha geração já sacrificada. E digei-me: será possível a nossa salvação, que significa a salvação do mundo, se contarmos com duas únicas armas: o riso e a tolerância?

Certamente que não. Vivemos uma hora de confrontos decisivos. O riso e a tolerância seriam a nossa morte.

E não esqueçamos, na preparação dos espíritos, o moralista que dizia "Todo o impulso para o melhor só pode esperar-se da juventude; jamais dos senis e esmorecidos, dos decrepitos de poucos anos, prematuramente domesticados; o que neles parece primavera é tibieza outonal, ilusão de aurora que é já um apagamento de crepúsculo".

Somente assim poderemos enfrentar e vencer definitivamente o furor teutônico. Depois, então, quando já não houver sombra de luta, voltaremos a pensar no riso e tolerância.

E o mito do super-homem? Certamente ele continuará existindo como uma das maiores tendências de aperfeiçoamento trazidas até hoje ao seio dos homens. Que ele seja para todos nós um caminho ao cultivo da personalidade e um desejo sincero de superar as faltas do nosso gênero.

Aguardemos, porém, aquela grande luta que se avizinha.

E daqui até lá, como ainda depois, voltemos sempre, vez por outra, à caverna e aos bosques de Zaratustra, o grande solitário.



O Atheneu e a minha vida

Há pouco mais de um ano tive a honra de publicar no Diário de Natal a minha experiência como aluna do Atheneu Norte-Rio-Grandense. Escrevi um pequeno artigo, memória da adolescente que se encantou ao adentrar no respeitável educandário, para enfrentar bancas examinadoras compostas de notáveis professores da capital do Estado.

Foi quando acompanhei a família para morar em Natal. Embora nascida em Mossoró, mudamo-nos de Caicó onde encontrei o ensino religioso. Naquela época, aquelas escolas adotavam uma metodologia pedagógica contrastante com o ensino público, principalmente no tocante à oferta de livros de autores considerados "avançados".

Assim, o Atheneu teve para mim um duplo significado. Na Biblioteca, pela oferta de livros que continham novas idéias, sedimentou-se o humanismo que retive e que me levou ao socialismo democrático; e, nos corredores, no pátio e nas eleições estudantis, a convivência

com o anti-conformismo que até hoje me incita contra as desigualdades sociais do Rio Grande do Norte e do Brasil.

Lembrando-me daqueles tempos, valorizo as palavras singelas e precisas do sábio Câmara Cascudo, que descreveu o Atheneu Norte-Rio-Grandense como "quartel-general de estudantes, sonora alegria, tumultos, vaias, rebeliões, festas, aclamações". Foi esta ambiência que encontrei naquele indiscutível centro de formação de líderes.

Voltando-me para a carreira política que assumi, afirmo sem falsa modéstia que agreguei à minha personalidade naquele período, o espírito de luta que mantenho desde as origens da vida pública.

Da minha parte, asseguro que devo ao choque de democracia que o Atheneu proporciona, a minha formação intelectual e política. Da poesia candente de Castro Alves e Cecília Meireles aos romances de Graciliano Ramos e José Lins do Rego, o meu caminho para a Universidade se

abriu, dotando-me de um mestrado de Educação e, através de concurso público, para a cátedra.

Professora por vocação e saudosa ex-aluna do Atheneu Norte-Rio-Grandense, estou convencida da necessidade de contribuir, enquanto chefe do Governo, para a restauração do prestígio deste ícone da escola pública. E já estamos contribuindo, enfrentando as dificuldades que vigoram em todo o país, prestigiando o magistério com melhorias esperadas há pelo menos duas décadas.

As limitações de ordem econômica que se impõem em todo País não vão impedir o salto de qualidade, que estamos dando. Educar é a minha profissão de fé. O sonho de toda uma vida.

Wilma Maria de Faria

Professora e Governadora da Estado do Rio Grande do Norte